

Irmãs Missionárias

de São Carlos Borromeo-Scalabrinianas

Cento e dez anos a serviço
dos migrantes e refugiados

1895-2005

Expediente

Publicação Única em comemoração ao *Ano Scalabriniano* (2004-outubro-2005), para celebrar o “Centenário de Fundação Orfanato Cristóvão Colombo, o Centenário de morte do Bem-aventurado João Batista Scalabrini, e os 110 anos de Fundação da Congregação MSCS”.

Editado pelas:

Irmãs Missionárias de São Carlos Borromeo, Scalabrinianas

Responsável pela Publicação:

Ir. Maria do Rosário Onzi, mscs - Superiora Geral e Conselho do sexênio 2001-2007

Coordenação Geral:

Ir. Sandra Maria Pinheiro, mscs
Conselheira e Secretária Geral

Equipe de Redação:

Ir. Eléia Scariot, mscs
Ir. Maria Lélis da Silva, mscs
Ir. Andreza Patrícia Perin, mscs

Revisão:

Ir. Roberta Gomes Cabrera, mscs
Ir. Sandra Maria Pinheiro, mscs

Tradução:

Ir. Sandra Maria Pinheiro, mscs - *português e espanhol*
Ir. Laura Bondi, mscs - *italiano*
Sr. Mark David Ridd - *inglês*

Diagramação e Arte:

Raquel Cristina Machado
Ir. Eléia Scariot, mscs

Impressão:

Lorigraf Gráfica e Editora Ltda.
Travessa São Marcos, 545 - Caxias do Sul - RS - Brasil
Fone (54) 226.1811 - lorigraf@lorigraf.com.br - www.lorigraf.com.br

Fotografias:

Arquivo Histórico da Congregação das Irmãs MSCS
Sede Geral - Roma

Colaboração:

Irmãs: Lia Barbieri, Maurília Silva, Laura Bondi, Marissônia Daltoé, Luiza Dal Moro, Ana Cláudia Castelli, Aidete Vicensi; Carmem Gandra; Anice Coloretti, Teresa Giacomini, Terezinha Morandi, Gregoria Roman Oliva, Maria de Fátima Pereira, Celina Nazário, Egídia Josefina Muraro, Ana Maria Delazari, Janete Maria Santos Ribeiro, Égide Benedetto, Terezinha Monteiro, Janete Aparecida Ferreira, Shirley Anibale Guerra, Gema Lisot, Sônia Delforno, Terezinha Mezzalira, Valdés Dametto, Jaqueline Danette, Idalina Bordignon, Eronita Teles, Diane De Carli, Myrna Tordillo, Noêmia Silva, Aires Scapini, Santana Lorenzon, Marivane Chiesa, Marlene Wildner, Marizete Garbin, Carmem Lussi, Lina Guzzo, Ermelinda Pettenon, Norma Kleinubing, Milva Caro, Thérèse Mushiya, Celide Bom, Antonia Pretto, Maria Manuela Simões, Eva Ocenar, Maruja Padre Juan Samaniego, Rosita Milesi, Assunta Bridi, Sra. Vera Cristina Braghetto Buratto e Sr. Roberto Marinucci.



Sua Santidade Bento XVI
concede de coração uma especial
Bênção Apostólica à
Congregação das Irmãs Missionárias
de S. Carlos Borromeo
Scalabrínianas

por ocasião da celebração do **Centenário** de morte
do fundador, o Beato J. B. Scalabrini
(1905 / 1º Junho / 2005) ~
e pelos **110** anos de serviço missionário
a favor dos migrantes mais pobres e necessitados
(1895 / 25 Outubro / 2005) ~

Ex Aedibus Vaticanis, die 14.9.2005

+ *Oscar Rissotto*
Archiepiscopus
Eleemosynarius Summi Pontificis



POSTE ITALIANE - RECAPITO ROMABRAVETTA

ZCZC GTI505 NGC/A3596 RIF20051004-051-09005138
IGRM CO IGRM 096
00120 CITTADELVATICANO 96 04 0905

REV SR MARIA DO ROSARIO ONZI (I505)
SUPERIORA GENERALE
SUORE MISSIONARIE DI S CARLO BORROMEO
VIA DI MONTE DEL GALLO, 66
00165 ROMA



OCCASIONE CENTENARIO MORTE BEATO GIOVANNI BATTISTA SCALABRINI
ET 110 ANNIVERSARIO FONDAZIONE SUORE MISSIONARIE DI SAN CARLO
BORROMEO SOMMO PONTEFICE RIVOLGE BENAUGURANTE SALUTO AT
CODESTA FAMIGLIA RELIGIOSA UNENDOSI NEL RENDIMENTO DI GRAZIE
AT DIO PER AVER DONATO AT CHIESA COSI' ZELANTE FIGURA DI
APOSTOLO ET MENTRE AUSPICA CHE SUA MEMORIA RAFFORZI NELLE SUE
FIGLIE SPIRITUALI GENEROSA TESTIMONIANZA CRISTIANA ET
RINNOVATO IMPEGNO SPECIALMENTE IN FAVORE MIGRANTI ET
RIFUGIATI INVOKA CONTINUA ASSISTENZA DIVINA SU INTERA
CONGREGAZIONE ET SU QUANTI SEGUONO CARISMA SCALABRINIANO ET
DI CUORE IMPARTE IMPLORATA BENEDIZIONE APOSTOLICA PEGNO
COPIOSI FAVORI CELESTI
CARDINALE ANGELO SODANO SEGRETARIO DI STATO

MITTENTE:

11220
00120 CITTADELVATICANO

04/10 09.45

NNNN

Apresentação

No âmbito das celebrações do “Ano Scalabriniano”, fazemos memória do centenário de morte do Fundador, o Bem-aventurado João Batista Scalabrini – 1905-2005 – o qual é para a Congregação das Irmãs Missionárias de São Carlos Borromeo, Scalabrinianas, um ano de graça e de particular bênção de Deus, pois vem marcado por sucessivos eventos de grande riqueza para a vida e história do Instituto.

Com esta publicação queremos dar um destaque especial às celebrações dos centenários: da visita pastoral do Bem-aventurado Dom João Batista Scalabrini ao Brasil e à Argentina; à inauguração do Orfanato Cristóvão Colombo, de Vila Prudente, SP, hoje chamado “Casa Madre Assunta Marchetti”; e à solene celebração de 1º de junho de 2005, em Piacenza, Itália, como eventos significativos para a “Família Scalabriniana”.

Também ao apresentarmos a Revista Comemorativa do “Ano Scalabriniano”, o fazemos com reverência e gratidão pelos 110 ANOS de fundação e de história da Congregação (25/10/1895-25/10/2005), vividos com fidelidade, compromisso profético e em comunhão com a Igreja, que qualifica nossa missão de evangelização junto aos migrantes e refugiados.

Ao celebrar o “Ano Scalabriniano” exultamos de alegria e de gratidão a Deus Trindade por aquilo que somos, e pelo carisma que o Espírito Santo doou à Igreja e aos migrantes, através do coração do Bem-aventurado João Batista Scalabrini, e do qual somos herdeiras, guardiãs, testemunhas e continuadoras. Um carisma que não é só nosso, mas que com esperança o partilhamos com outras congregações religiosas e leigos que se dedicam à missão de servir aos migrantes e refugiados. Carisma que foi encarnado e conservado com fidelidade pelos nossos co-fundadores, Madre Assunta e Pe. José Marchetti, bem como, por tantas Irmãs MSCS que nos precederam. O testemunho de vida consagrada e missionária de todos eles, continua sendo luz na vida de quem aceita o convite de encarnar o carisma scalabriniano, no atual contexto histórico.

Ao ler a *Revista Comemorativa* teremos a oportunidade de conhecer aspectos da história, da espiritualidade, vida, expansão missionária, dinamismo e desafios do carisma da Congregação das Irmãs Missionárias de São Carlos Borromeo, Scalabrinianas, presente em 26 países, e que vivendo a experiência de ser migrantes com os migrantes, dão testemunho de vida consagrada e de serviço evangélico e missionário aos migrantes e refugiados. O espírito que nos anima é o da comunhão universal, concretizado através da comunidade que possui suas raízes na comunhão trinitária, e se torna mediadora do encontro com Deus, porque queremos tornar visível a vocação de seus membros, de reconhecer, acolher, amar e servir a Cristo na pessoa dos migrantes.

Através desta edição especial, convido a todos os leitores, para conosco agradecerem a Deus pelos 110 ANOS de existência da Congregação das Irmãs MSCS, por tantos dons recebidos e pedir a graça de renovar, com ardor, o compromisso de fidelidade ao carisma recebido: “*Vós não tendes apenas uma história gloriosa para recordar e contar, mas uma grande história a construir! Olhai o futuro, para o qual vos projeta o Espírito, a fim de realizar convosco ainda grandes coisas*” (VC, 110). Pela vida gerada ao longo destes anos, “*damos graças a Deus sem cessar!*” (2 Tes 1,3).

*Irmã Maria do Rosário Onzi, mscs
Superiora Geral*

Introdução

A “Revista Comemorativa” das Irmãs Missionárias de São Carlos Borromeo, Scalabrinianas, que hoje lhes entregamos é um convite *“a recordar com gratidão o passado, a viver com paixão o presente e a abrir-se com confiança ao futuro”* (NMi,1).

Os artigos contidos na presente publicação não apresentam uma história linear da Congregação ou das Irmãs MSCS, mas partem da experiência vivida em cada missão, tratando de delinear o “rosto carismático” da Irmã Missionária Scalabriniana, através de seu modo de “ser e agir” na concretização do serviço evangélico aos migrantes mais pobres e necessitados.

Como estrutura os temas foram pensados da seguinte forma:

Primeira Parte: se propõe a contextualizar a realidade histórica das migrações que moveram a ação missionária do Bem-aventurado João Batista Scalabrini, de Pe. José Marchetti e Madre Assunta, a favor dos migrantes desde o nascimento da Congregação, recordando com gratidão a visita do Fundador ao Brasil (1904), a inauguração do Orfanato Cristóvão Colombo, o qual celebrou seu centenário de fundação dentro das celebrações do “Ano Scalabriniano” (2004 - outubro 2005), e finalmente, resgatando o dom da vida doada de Madre Assunta, a serviço da Congregação e da Igreja.

Segunda Parte: apresenta o estilo de vida das Irmãs MSCS como proposta de seguimento radical a Jesus Cristo, na vida consagrada e missionária, e as exigências do processo formativo scalabriniano, como caminho a ser construído no dia a dia.

Terceira Parte: considerada como o “coração” deste trabalho, apresenta a missão da Irmã MSCS junto aos migrantes, através das diversas “facetas” da ação evangelizadora e missionária, nos 26 países onde marcamos presença, no compromisso com as diversas áreas da educação, saúde, catequese e pastoral social. As experiências relatadas não têm a pretensão de demonstrar a totalidade da missão desenvolvida pelas Irmãs Scalabrinianas naquele país, mas apenas iluminar com pequenos *flashes* ou raios de luz, a essência e a grandeza do compromisso evangélico e missionário das Irmãs Missionárias Scalabrinianas, junto aos migrantes mais pobres e abandonados.

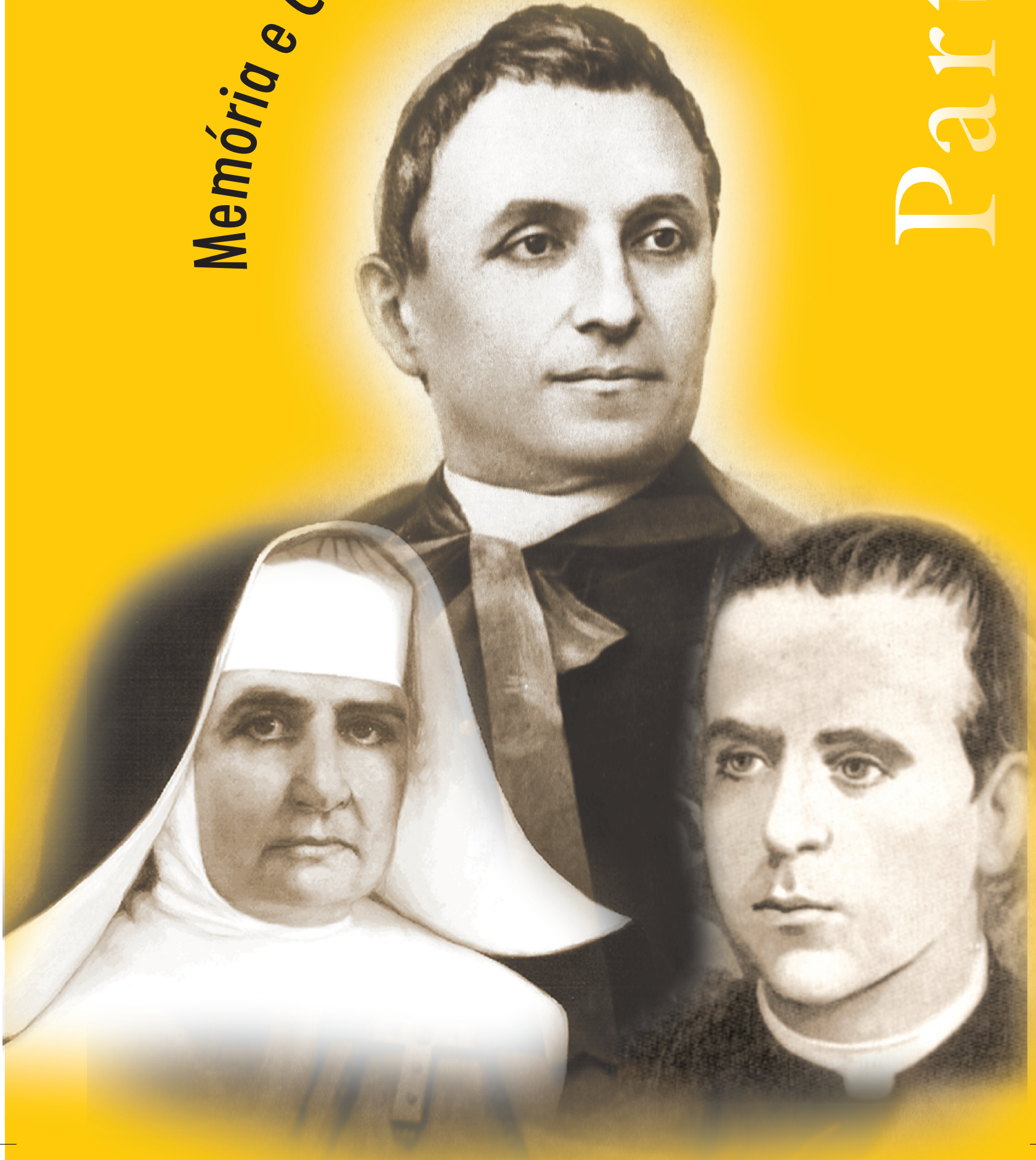
Quarta Parte: apresenta alguns serviços prestados pela Congregação a favor dos migrantes, através dos Centros de Estudos, da ONG ou das parcerias realizadas com outras Instituições civis ou eclesiais. Como parte do dinamismo Congregacional encontramos o *Movimento dos Leigos Missionários Scalabrinianos*, que vem emergindo com grande protagonismo diante dos desafios do carisma. E por último, o artigo dos três Superiores Gerais da “*Família Scalabriniana*”, nos oferece uma mensagem para o Centenário de morte de Bem-aventurado Dom João Batista Scalabrini (1905 - 1º junho - 2005), propondo repensar o futuro a partir do estrangeiro, descobrindo-o não como ameaça, mas como sacralidade, Palavra a ser acolhida, e Luz que vem do alto.

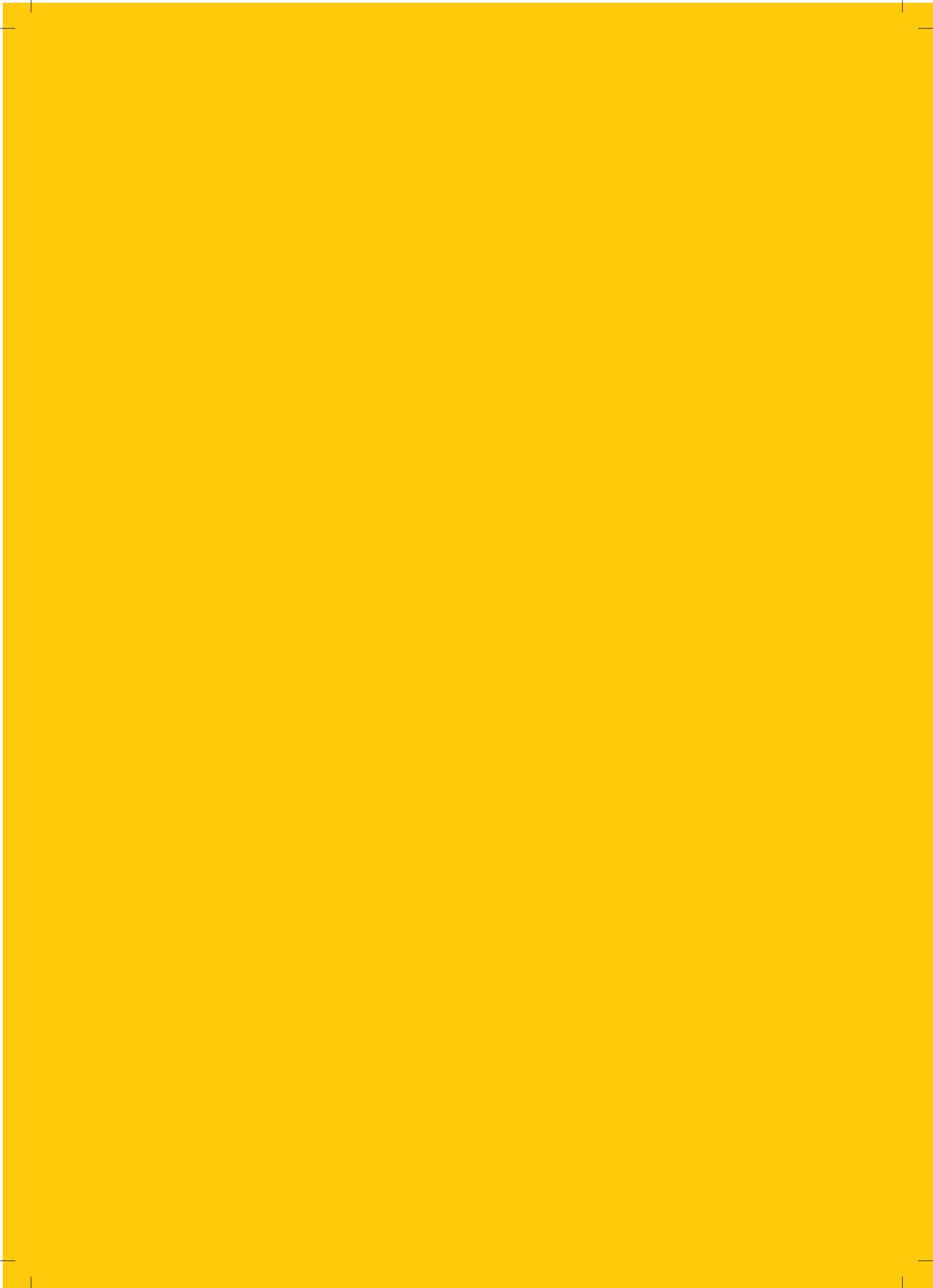
Agradecemos a Deus Pai, Senhor da vida e da história, que permitiu e possibilitou a realização deste trabalho, e também a todos que colaboraram para que fosse possível esta publicação. Abramo-nos com confiança ao futuro! Nossa história, no tempo e no espaço, manifesta em última análise, o movimento próprio da encarnação de Jesus Cristo, entre os homens que continuam sua peregrinação rumo à terra prometida. Vivamos o hoje, não só como lembrança do passado, mas também como profecia de futuro! É neste sentido que repetimos com o coração agradecido, o refrão de ação de graças: *“Louvai o Senhor porque Ele é bom, porque é eterna a sua misericórdia”* (Sal 118,1).

*Ir. Sandra Maria Pinheiro, mscs
Conselheira e Secretária Geral*

Memória e Contexto Histórico

Parte I





Desafios e Esperanças no Horizonte das Migrações

Quantos
desenganos,
quantas
novas
dores lhes
prepara o
futuro
incerto!

O fenômeno migratório atinge grande parte da humanidade constringida, por várias razões, a deixar sua comunidade de origem em busca de um futuro melhor. Um breve percurso na linha do tempo, partindo dos fins do século XIX e início do século XX, descortina horizontes densos de desafios e promissores de esperanças. O quadro da mobilidade humana, amplo e complexo que caracteriza o nosso universo desde os primórdios da humanidade assume, nessa época, proporções gigantescas.

A Europa, que durante séculos, mantivera taxas de crescimento baixas, entre 1814 e 1915, passou de 180 milhões para 450 milhões de habitantes. Sem contar que nesse período, 40 milhões de pessoas deixaram seus lares rumo a outros continentes. Estatísticas revelam que 85% desses emigrantes partiram para as Américas. A grande revolução industrial, agrícola, cultural e social por que passou a Europa de 1850 a 1900, gerou o maior movimento migratório de que se tem notícia na história da humanidade.

Os dados comprovam as dimensões do dramático fenômeno da expatriação que acometeu o Velho Mundo. Por um lado, esse fato aliviou o problema da superpopulação dos países europeus e, por outro, favoreceu o desenvolvimento dos países de chegada desses contingentes humanos em busca de condições de vida mais digna, quando não da própria sobrevivência, com vontade de trabalhar e produzir.

Segundo o Bem-aventurado João Batista Scalabrini, a migração é um fato natural e uma necessidade invencível, pois quem poderia reter um povo pressionado pela fome, ante a esperança de encontrar, em outro lugar, o pão cotidiano? Não é fuga por aversão ao trabalho, mas a falta dele. Scalabrini dizia que para o migrante a pátria é a terra que lhe dá o pão. Lá, longe, esperava encontrá-lo menos escasso, menos suado.

Partiam, os pobres migrantes, para as longínquas Américas onde sonhavam encontrar a sorte menos desfavorável e a terra menos ingrata aos seus suores. Em lágrimas, deram adeus ao seu povoado natal, levados a deixar o próprio país, além de pressionados pelo fator econômico que era preponderante, também por outros motivos, entre os quais pesavam: as mudadas condições dos tempos e da vida social, o desenvolvimento da navegação oceânica, as facilidades de transporte, os meios necessários à sobrevivência aquém dos recursos disponíveis, o desejo natural de melhorar a própria situação, a crise agrária que pesava sobre os pobres agricultores, a opressão sufocante dos impostos públicos que oprimiam e esmagavam os agricultores e as pequenas indústrias.

Quem sabe, pondera Scalabrini, “que cúmulo de desgraças e de privações faz parecer-lhes doce um passado tão doloroso! Quantos desenganos, quantas novas dores lhes prepara o futuro incerto! Quantos sucumbirão entre os tumultos das cidades ou no silêncio das planícies desabitadas? Quantos, embora encontrando o pão do corpo, sentirão a falta do pão espiritual, não menos necessário que o primeiro”.

A dura saga dos migrantes se prolonga nos locais de chegada. A partida foi dolorosa, mas amenizada com a esperança de que iriam encontrar melhor sorte, motivados pelas falsas propagandas de riqueza, "a fortuna" que os esperava. No entanto, ao chegarem enfrentaram toda sorte de sacrifício, desde o idioma desconhecido, a ausência de meios necessários à saúde, à educação, à religião, à moradia e mesmo à alimentação, acrescido à saudade da pátria distante.

O desenraizamento da terra de origem e o impacto com o novo ambiente provocou nos imigrantes, o que é comum, em primeiro momento, inadaptação e insegurança. Tiveram de começar tudo do nada, ou quase nada, o que fizeram com espírito de luta, enfrentando corajosamente muitas privações. Graças a essa garra de lutar pela causa, e muita fé em Deus, venceram. Iniciaram escolas, ergueram hospitais, construíram igrejas, desenvolveram a agricultura, o comércio e a indústria. Fundaram povoados, vilas e cidades.



Frente ao contexto social em que estava imersa a migração do final de século XIX e entrada do século XX, Scalabrini, testemunho profético de esperança, reflete: “Enquanto o mundo se agita, deslumbrado por seu progresso, enquanto o homem se enaltece por suas conquistas sobre a matéria..., enquanto os povos se renovam e as raças se misturam, crescem e se enriquecem, através do ruído das nossas máquinas, acima de toda essa atividade febril e de todas essas obras gigantescas, está amadurecendo na terra, um plano mais vasto, mais nobre e mais sublime: a união com Deus de todos os homens de boa vontade”.

Dotado de ampla percepção da realidade do seu tempo, e profundamente sensível às situações de sofrimento da humanidade, emerge a figura singular do Bispo de Piacenza, Dom João Batista Scalabrini.

Bem-aventurado João Batista Scalabrini (1839-1905), pai dos Migrantes, João Batista Scalabrini, nasceu no dia 8 de julho de 1839, em Fino Mornasco, Como, ao norte da Itália. Filho de Luiz Scalabrini e Colomba Trombetta, recebeu na família uma sólida formação cristã. Viveu a infância e cursou a escola primária na sua cidade natal, a secundária em Como, onde prosseguiu sua formação no Seminário Santo Abôndio. Ordenou-se sacerdote com 24 anos de idade. Foi professor e Reitor do mesmo Seminário, depois pároco na Igreja São Bartolomeu, bairro industrial de Como, onde predominava uma população operária. Scalabrini dedicou atenções especiais a essa classe de pessoas desprotegidas. Dotado de equilíbrio, audácia, doutrina sólida, que lhe concedeu o título de Apóstolo do Catecismo, probidade de costumes, inserido no seu tempo, com olhos voltados para o futuro. Estava maduro para a plenitude do sacerdócio. No dia 30 de janeiro de 1876 foi sagrado bispo da Diocese de Piacenza.

Seu zelo apostólico não o conteve ao pastoreio de uma diocese. A exemplo do Apóstolo Paulo, fez-se tudo para todos a fim de ganhar a todos para Cristo. Concluiu a missão que Deus lhe confiara na terra, a 1º de junho de 1905. Na cerimônia de sua beatificação, aos 9 de novembro de 1997, João Paulo II traça o perfil do novo Bem-aventurado, com estas palavras:

“Profundamente enamorado de Deus e extraordinariamente devoto da Eucaristia, ele soube traduzir a contemplação de Deus e de seu mistério numa intensa ação apostólica e missionária, fazendo-se tudo para todos, a fim de anunciar o Evangelho. Sua ardente paixão pelo reino de Deus tornou-o zeloso na catequese, nas atividades pastorais e na ação caritativa, sobretudo em relação aos mais necessitados. O Papa Pio IX o proclamou "Apóstolo da Catequese", pelo empenho com que promoveu em todas as paróquias o ensino metódico da doutrina da Igreja, tanto às crianças, quanto aos adultos.

Por seu amor aos pobres e particularmente aos emigrantes, fez-se apóstolo dos numerosos compatriotas, obrigados a deixar a pátria, frequentemente em situações difíceis e no perigo concreto de perder a fé. Para eles demonstrou-se pai e guia seguro. Podemos dizer que o Bem-aventurado João Batista Scalabrini viveu intensamente o Mistério pascal, não através do martírio, mas servindo o Cristo pobre e crucificado nos numerosos necessitados e sofredores, a quem amou com predileção e com um coração de autêntico pastor, solidário com o próprio rebanho...

Hoje, ele refulge como exemplo de pastor; por seu coração sensível e aberto. Com sua admirável obra em favor do povo de Deus, Scalabrini teve em mira sanar as feridas materiais e espirituais dos numerosos irmãos obrigados a viver distantes da pátria - ou de sua comunidade de origem. Sustentou-os com a defesa dos direitos fundamentais da pessoa humana e ajudou-os a viver os compromissos da fé cristã.

Como autêntico "Pai dos migrantes", procurou sensibilizar as comunidades a uma acolhida respeitosa, aberta e solidária. Estava convencido de que, com a sua presença, os migrantes são um sinal visível da catolicidade da família de Deus, e podem contribuir para criar vínculos indispensáveis a um autêntico encontro entre os povos, fruto do Espírito de Pentecostes - a fraternidade universal.

Luminoso exemplo de apóstolo, soube testemunhar de forma viva e concreta, o amor de Cristo pelos migrantes. Ele fez seu o drama do êxodo dos migrantes que, nas últimas décadas do século XIX, partiam em grande número da Europa para os países do Novo Mundo. Com clareza percebeu a necessidade de um cuidado pastoral específico e de uma apropriada rede de assistência social. Nesta perspectiva, deu provas de profunda intuição espiritual e de um senso prático concreto ao instituir a Congregação dos Missionários e das Missionárias de São Carlos. Batalhou vigorosamente por instrumentos legislativos e institucionais que garantissem a proteção humana e jurídica dos migrantes contra qualquer forma de exploração.

Hoje, em situações sociais certamente diversas, os filhos e as filhas de Scalabrini continuam na mesma esteira a testemunhar o amor a Cristo pelos migrantes e a propor-lhes o Evangelho como mensagem universal de salvação. Que Scalabrini sustente, com seu exemplo e com sua intercessão a quantos, em cada canto da terra, se colocam a serviço dos migrantes e dos refugiados!”



A visão de tantas feridas e tantas misérias sobre as quais, Scalabrini sentiu o sagrado dever de derramar o bálsamo da fé e os socorros da caridade, lhe revelou especial carisma - Dom do Espírito - a organizar uma assistência específica a esses irmãos e irmãs em situação de desenraizamento. Na atual ocorrência celebrativa, destacamos a fundação da Congregação das Irmãs Missionárias de São Carlos Borromeo, Scalabrinianas, em 1895. Ao dar vida a esse Instituto desempenharam papel importante, como co-fundadores, os servos de Deus: Pe. José Marchetti e Madre Assunta Marchetti.

Pe. José Marchetti (1869 - 1896), mártir da caridade, aderiu ao projeto sócio-pastoral de Scalabrini, assumiu na radicalidade a vivência da graçacarisma e se fez migrante com os migrantes e para os migrantes. Acompanhou seus compatriotas desde a travessia do Oceano para o Brasil e assistiu-os em sua integração ao novo solo. Providenciou recursos para a sobrevivência dos mesmos a partir de um lar para os órfãos, filhos dos emigrantes: os dois orfanatos com o nome de "Cristóvão Colombo". Assistia aos migrantes nas fazendas, animava o grupo das missionárias pioneiras, que acolhiam os orfãozinhos, e lhes dispensavam solícitos cuidados "maternos".

O jovem missionário, desde a infância, crescia no amor ao próximo, no desejo de se doar, de dar a vida pelos irmãos. Encontrou no ideal scalabriniano, a realização do apostolado da caridade até o heroísmo. Seu sonho de abraçar a todos para dar amparo fraterno, prover vida digna e cristã, vai se realizando na doação de si, no holocausto da própria existência, por amor a Deus, e profunda gratidão a Quem tudo atribuía com sua habitual expressão "*Deo gratias!*", *graças a Deus!*. Sua vida foi breve, 27 anos, mas sua obra permanece viva através do tempo.



Madre Assunta Marchetti (1871 - 1948), a missionária de ontem e de hoje, exerceu de modo singular, uma específica ação apostólica, desde que partiu de sua terra natal - Lombrici de Camaiore, Itália, durante a travessia do Oceano, como migrante com os migrantes. Em seguida, no berço da missão do Instituto - Orfanato Cristóvão Colombo -, Vila Prudente, em São Paulo, Brasil, onde a obra se firmou e se expandiu. Com sabedoria e firmeza animava as Irmãs MSCS no cumprimento da missão específica da Congregação. Em circunstâncias de crises que ameaçaram desviar a Instituição de sua finalidade própria, foi forte e determinada, mantendo-a em harmonia com o carisma scalabriniano, imprimindo-lhe maior vitalidade e expansão. Madre Assunta fez de sua vida uma doação constante e generosa em favor dos irmãos migrantes, vendo e servindo o próprio Cristo na pessoa dos pobres, dos doentes, dos órfãos e necessitados.

Dotada de profunda fé, totalmente aberta e disponível à ação da graça, buscava em tudo discernir e cumprir "a vontade de Deus". Inserida no plano do Pai, cumpria seu projeto de vida, inteiramente consagrada à edificação de Seu Reino junto aos prediletos de Jesus Cristo, desconsiderados e excluídos da sociedade. A Serva de Deus Madre Assunta Marchetti, deixa-nos em legado, sua máxima de vida: "Coloquemo-nos nas mãos de Deus e façamos a sua vontade".

Panorâmica Atual das Migrações Internacionais

As migrações internacionais, atualmente, constituem um espelho das assimetrias das relações sócio-econômicas vigentes em nível planetário. São termômetros que medem as patologias das relações internacionais. Os movimentos migratórios constituem, também, o remédio ou o antídoto para determinadas doenças. Em outras palavras, eles podem se tornar fontes de transformação e regeneração do tecido sócio-econômico internacional.

Uma análise suficientemente exaustiva da conjuntura migratória internacional terá que levar em conta essas duas abordagens: as migrações enquanto “termômetros” das contradições das relações internacionais e as migrações enquanto “recursos” ou “remédios” para a construção de um outro mundo.

As dimensões das migrações internacionais

De acordo com os dados relativos ao *World Economic and Social Survey 2004* da ONU, na atualidade cerca de 175 milhões de pessoas vivem fora do país em que nasceram, o que corresponde a 2,9% da população mundial. A intensidade do fenômeno pode ser elucidada levando em conta que, em 1910, o número de emigrantes era de 33 milhões, ou seja, 2,1% da população planetária.

A intensidade está acompanhada por uma sensível diversificação tanto das rotas, quanto dos protagonistas. No que se refere às primeiras, ocorreu um significativo aumento do número de migrantes presentes nos, assim chamados, países desenvolvidos. São cerca de 110 milhões de pessoas, que corresponde a 63% do total de migrantes. Esse dado representa uma novidade, pois até 1980 as estatísticas apontavam uma predominância de migrantes em países em desenvolvimento 52% em 1980 e 58% em 1960. Não há dúvida de que essa mudança representa um claro indício da profunda crise da globalização neoliberal.

Quanto aos protagonistas, a novidade mais relevante é a assim chamada feminização das migrações. O sobrecitado levantamento da ONU aponta uma substancial igualdade da participação feminina e masculina nas migrações internacionais. No entanto, o aumento da migração de mulheres não é universal nem homogêneo. Na Ásia, por exemplo, houve uma diminuição, enquanto na África, embora em aumento, as mulheres perfazem apenas 46,7% do total de migrantes. Houve, ao contrário, um significativo aumento entre os anos 1960 e 2000 na América Latina (de 44,7% para 50,2%), Oceania (de 44,4% para 50,5%) e Europa (de 48,5% para 51%).

Nos últimos anos registrou-se também um relevante aumento dos assim chamados migrantes clandestinos. Calcula-se que, só nos Estados Unidos da América, residem como “indocumentados” cerca de 7 milhões de estrangeiros. Não há dúvida de que o fenômeno da clandestinidade está sendo impulsionado pelas restrições das políticas imigratórias dos principais pólos de atração. Essas políticas estimulam o contrabando de migrantes (*smuggling*) e representam uma contradição em relação à necessidade de mão-de-obra dos países do Norte do mundo. O *Survey* da ONU calcula que, em 2050, se não houver nenhuma migração, o número de habitantes da Europa diminuirá de 139 milhões de unidades, colocando em risco o próprio desenvolvimento econômico da região. Este “duplo regime de circulação” que antepõe os direitos do mercado àqueles dos seres humanos, tornou-se o berço do recrudescimento do tráfico de pessoas (*trafficking*), sinal contundente da desumanidade idólatra inerente ao atual modelo de globalização.

Em relação aos refugiados e *desplazados*, os últimos dados do ACNUR referentes ao ano 2003, calculam em 17,1 milhões as pessoas sob o cuidado da instituição. Do total, cerca de 9,6 milhões são refugiados, cujo número registrou uma diminuição em todas as regiões, com exceção da África ocidental (+0,6%). O Paquistão (1.124 mil) é o principal lugar de acolhida, seguido pelo Irã, Alemanha, Tanzânia e Estados Unidos. Por outro lado, o Afeganistão continua sendo o principal país de origem de refugiados (2.136 mil), seguido pelo Sudão, Burundi, Congo e Palestina.

Apesar dos números aparentemente positivos, a questão dos refugiados e *desplazados* continua sendo uma das principais emergências da atualidade, principalmente considerando o recrudescimento do belicismo em nível regional e internacional, o aumento das desigualdades entre os países do Norte e do Sul do mundo, bem como as catástrofes naturais que recentemente assolaram várias regiões do planeta.

Desafios e prioridades

O fenômeno migratório contemporâneo, por sua intensidade e diversificação, torna-se cada vez mais complexo, principalmente no que se refere às causas que o originam. Essa complexidade questiona qualquer análise demasiado simplista ou universalista. Há, no entanto, um fato que reputamos inquestionável: as migrações, nos dias de hoje, vão assumindo uma configuração permanente e estrutural, como afirma a Instrução *Erga Migrantes Caritas Christi*, do Pontifício Conselho da Pastoral para os Migrantes e os Itinerantes.

A Instrução, de acordo com o n. 4, aponta um conjunto de fatores de impulsão e de expansão dos fluxos migratórios que, com muita probabilidade, não são destinados a decrescer ou se extinguir nos próximos anos: nenhum Estado foge às conseqüências de alguma forma de migração que, com freqüência, está fortemente ligada a fatores negativos, como a mudança demográfica em ato; nos países de primeira industrialização, o aumento das desigualdades entre Norte e Sul no mundo, a existência de barreiras protecionistas que não consentem aos países emergentes colocar os próprios produtos em condições competitivas nos mercados dos países ocidentais; e, finalmente, a proliferação dos conflitos e das guerras civis. Todas essas realidades continuarão a constituir, também no futuro, outros tantos fatores de impulso e de expansão dos fluxos migratórios, embora o irromper do terrorismo no cenário internacional provoque reações por razões de segurança, as quais poderão obstaculizar o movimento dos migrantes.

Cabe destacar que a interpretação estrutural e permanente das migrações não pode induzir à “naturalização” do fenômeno que representa, ao contrário, o reflexo das contradições e da crise do capitalismo contemporâneo. Nesse sentido, o primeiro e principal desafio na defesa da causa dos migrantes e refugiados é a superação do atual modelo de globalização neoliberal já denunciado pelo próprio magistério da Igreja católica, em *Ecclesia in America*, n. 20: “se a globalização é dirigida pelas puras leis do mercado aplicadas conforme a conveniência dos mais poderosos, as conseqüências só podem ser negativas”. Somente humanizando o sistema econômico internacional para que promova uma justa distribuição dos bens da terra, será possível reduzir as causas das migrações forçadas, promover os direitos fundamentais dos migrantes e construir sociedades em que todos tenham direito efetivo de cidadania.

Numa ótica mais emergencial, aparece o desafio do gerenciamento solidário da crescente mobilidade humana que se contrapõe a uma prática comum na atual globalização que abriu os mercados, mas não as fronteiras, derrubou os confins para a livre circulação da informação e dos capitais, mas não, na mesma medida, para a livre circulação das pessoas. A migração internacional reprimida, antes que gerenciada, tornou-se assunto substancialmente policial. São regulamentados, apenas aqueles aspectos mais favoráveis para os países do Norte. Não é por acaso que não existe atualmente uma legislação internacional sólida e abrangente sobre o tema.

É o que constata o relatório “*Por uma globalização justa: criar oportunidades para todos*” elaborado pela Comissão Mundial sobre a Dimensão Social da Globalização, da ONU. De acordo com o documento “o maior vazio da atual estrutura internacional da economia global, é a ausência de um marco multilateral que facilite o movimento das pessoas nas fronteiras”. Assim, “enquanto os direitos relativos ao investimento estrangeiro são cada vez mais protegidos por regras estabelecidas pela economia global, pouca atenção se presta aos trabalhadores migrantes”.



“o maior vazio da atual estrutura internacional da economia global, é a ausência de um marco multilateral que facilite o movimento das pessoas nas fronteiras”.



É essa, também, a avaliação da Instrução *Erga Migrantes*, n. 7, que solicita “cada vez mais estrita colaboração entre os países geradores e receptores, além de adequadas normativas capazes de harmonizar as diversas ordens legislativas”, a fim de “salvaguardar as exigências e os direitos das pessoas e das famílias emigrantes, e ao mesmo tempo, aquelas da sociedade de chegada dos próprios migrantes”. Entre os caminhos concretos, o texto encoraja a ratificação dos instrumentos internacionais legais que garantam os direitos dos migrantes, dos refugiados e das suas famílias, entre os quais destaca a “Convenção internacional sobre a proteção dos direitos de todos os trabalhadores migrantes e dos membros das suas famílias” que até novembro de 2004 tinha sido ratificada por 27 países, e assinada apenas por 15.

Na ótica da opção pelos pobres e excluídos será fundamental ter um cuidado especial para os migrantes mais vulneráveis. O relatório da Organização Internacional do Trabalho “*Em busca de um compromisso equitativo para os trabalhadores migrantes na economia globalizada*”, de 2004, aponta três categorias de trabalhadores migrantes que exigem maiores cuidados: as mulheres, com ênfase nas trabalhadoras domésticas, os trabalhadores migrantes em situação irregular e aqueles que são vítimas de tráfico humano. Cabe acrescentar a esses grupos o ingente número de refugiados e *desplazados* que podem ser corretamente considerados como os mais vulneráveis entre os vulneráveis.

A presença solidária no meio dos migrantes, principalmente dos mais pobres e excluídos, representa um sinal concreto de fidelidade ao Evangelho de Cristo e, ao mesmo tempo, uma fonte de enriquecimento pelas próprias comunidades acolhedoras, que poderão assim descobrir o potencial evangelizador dos pobres. Muda, dessa forma, a própria representação do migrante que deixa de ser apenas o “necessitado” que pede socorro, para tornar-se a “vítima” que clama por justiça e, sobretudo, o “outro” que exige seu direito à alteridade.

Nesse contexto, é importante que a diversidade e o pluralismo trazidos pelos estrangeiros não sejam apenas tolerados ou respeitados, e sim promovidos. Os cristãos vêem na alteridade dos migrantes o produto da ação vivificadora do Espírito que, soprando onde quer, distribui a cada ser humano suas riquezas e carismas. Disso, decorre que a integração dos migrantes deve excluir tanto “os modelos de assimilação, que tendem a fazer do diverso uma cópia de si mesmo, como os modelos de marginalização, com atitudes que podem chegar até às opções do *apartheid*”, conforme João Paulo II, na *Mensagem para o Dia dos Migrantes e Refugiados*, 2005, n. 2. A integração deve ser abordada na ótica da interação simétrica entre interlocutores em vista do enriquecimento recíproco.

Da mesma forma, o diálogo, entendido tanto como atitude quanto atividade específica, terá que ser uma prioridade absoluta nas relações interculturais e inter-religiosas junto com os migrantes de outras etnias ou tradições religiosas, na consciência de que o Espírito suscita na experiência humana e religiosa “sinais da sua presença, que ajudam os próprios discípulos de Cristo a compreender mais profundamente a mensagem de que são portadores”. Para isso, torna-se prioritária a criação de espaços de interação e interlocução entre estrangeiros e sociedades de acolhida em vista do enriquecimento recíproco.

Não podemos esquecer, finalmente, a ligação entre migração e paz. Após o dia 11 de setembro de 2001, radicalizou-se a tendência em relacionar os estrangeiros com o terrorismo. Uma generalizada suspeita recaiu sobre a maioria dos migrantes. A mobilidade humana internacional foi rápida e superficialmente indiciada por ser instrumento de difusão de atentados terroristas, legitimando, assim, a violação de direitos dos migrantes, bem como as restrições das políticas imigratórias.

Acreditamos que a miopia dessa abordagem decorra de uma visão setorial e ideológica da problemática. Seu principal risco é a extinção do potencial solidário e pacificador das migrações internacionais. Estas, de fato, enquanto instrumentos privilegiados de encontro entre alteridades, possibilitam a eliminação ou redução daqueles preconceitos e estereótipos que, muito freqüentemente, fundamentam e legitimam os atos de violência e de terrorismo. Nesse sentido, a presença de estrangeiros, se abordada de forma correta, pode-se transformar em caminho de paz e de formação à “mundialidade”.

Nos dias de hoje, somos constantemente interpelados pela presença desafiadora do migrante, vítima do sistema e portador de uma alteridade enriquecedora. É responsabilidade de todo ser humano lidar com essa questão e, de forma específica, de todo cristão, pois, como afirma a Instrução *Erga Migrantes*, nº 22, “a acolhida do estrangeiro é inerente à natureza da própria Igreja e testemunha a sua fidelidade ao Evangelho”.

Centenário da Visita Pastoral do Bem-aventurado Scalabrini ao Brasil, 1904-2004

Celebrar 100 anos da visita pastoral do Bem-aventurado João Batista Scalabrini ao Brasil, é recordar e reviver a história com o próprio coração, conhecendo detalhes e situações da vida e obra do Pai e Apóstolo dos Migrantes, em favor do povo peregrino. É permitir, também, que essa história nos sensibilize e nos ajude a descobrir, através dessas páginas, o carisma de um Bispo que não mediu esforços para auxiliar espiritualmente e socialmente os seus compatriotas no êxodo forçado da sobrevivência a que foram obrigados.

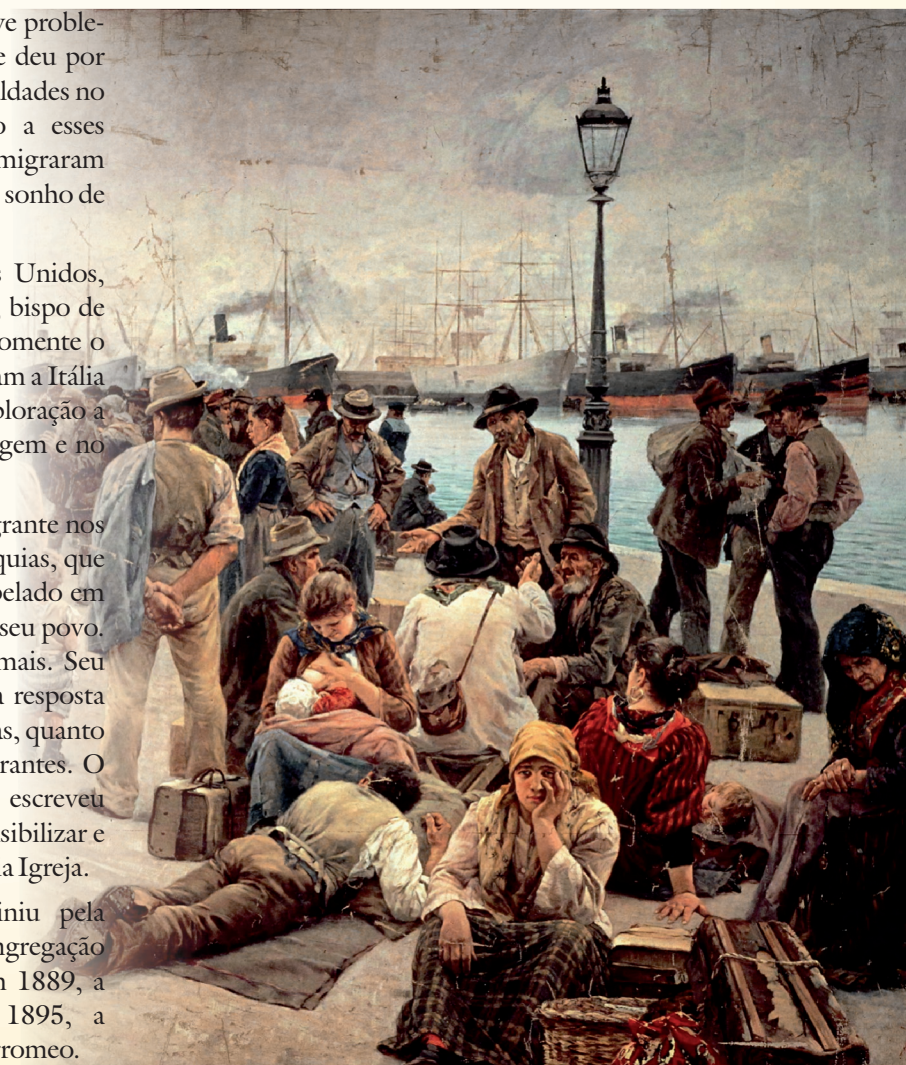
O êxodo

No século XIX, a emigração foi o mais grave problema da Europa. O início do fluxo migratório se deu por volta de 1860, quando a Itália passava por dificuldades no campo econômico, político e social. Devido a esses constantes problemas, milhares de pessoas emigraram para os países vizinhos e para as Américas, com o sonho de uma vida melhor.

O grande êxodo de italianos aos Estados Unidos, Brasil e Argentina, comoveu a Dom Scalabrini, bispo de Piacenza. O que mais impressionava, não era somente o aumento do número de famílias que abandonavam a Itália dia após dia, mas o sofrimento, a miséria e a exploração a que eram expostos nos locais de partida, na viagem e no desembarque.

Foi, diante dessa realidade vivida pelo emigrante nos portos, nas estações de ferro e em diversas paróquias, que o bispo italiano sentiu-se profundamente interpelado em agir concretamente para amenizar a situação do seu povo. A partir desse episódio, Scalabrini não parou mais. Seu coração estava inquieto e precisava buscar uma resposta adequada tanto no plano das realizações concretas, quanto em nível de reflexão cristã para ajudar os emigrantes. O Pastor promoveu encontros, conferências, escreveu artigos sobre o tema da migração, conseguiu sensibilizar e mobilizar as autoridades, o Parlamento e a própria Igreja.

Inspirado por Deus, Scalabrini se definiu pela pastoral migratória e fundou, em 1887, a Congregação dos Missionários de São Carlos Borromeo, em 1889, a Associação São Rafael, de leigos, e, em 1895, a Congregação das Missionárias de São Carlos Borromeo.



Visita ao Brasil

Em 1904, Dom João Batista Scalabrini chega ao Brasil com a missão de conhecer a realidade dos missionários e missionárias de São Carlos, bem como a situação das famílias italianas estabelecidas no país. Era um desejo pessoal que realizava com a bênção do Papa Pio X, além de atender ao pedido dos seus sacerdotes e emigrantes através das cartas que constantemente recebia.

O objetivo de sua viagem era muito claro: animar os missionários, confirmar a fé dos italianos, sensibilizar as autoridades civis e religiosas e defender os direitos, a dignidade e a cultura dos migrantes.

Suas atividades iniciaram ainda a bordo do navio, através da instrução catequética às crianças e adultos, celebrações eucarísticas diárias, homilias e pregações, primeiras comunhões aos jovens e do sacramento da confirmação. A intensa pastoral que exerceu transformou a embarcação em um verdadeiro mosteiro.

A época em que Scalabrini chegou ao Brasil era, ainda, um período de muitas idas e vindas de migrantes italianos. Muitos movimentos cresciam em São Paulo e a forma festiva com que o Bispo foi acolhido pelas autoridades, agitou o partido comunista cosmopolita, assim como o movimento nacionalista, que buscava fazer nascer uma identidade brasileira e independência da Europa, o movimento anarquista, e a maçonaria.



O jornal “O Estado de São Paulo” foi o veículo de informação da capital paulista que publicou violentas acusações contra Dom Scalabrini, deturpando completamente os objetivos de sua visita. O interesse do periódico estava em atribuir motivos mais políticos que religiosos-pastorais à sua visita.

As principais acusações noticiadas pelo jornal, diziam que o Bispo era um emissário do governo italiano vindo para implantar uma cultura estrangeira no país. E acrescentava, afirmando ser o representante de agências e subagências de emigração, que vinha com veste oficial em nome do governo italiano e do Vaticano. Era incriminado de ser o delegado de projetos expansionistas da Itália, de interesses políticos e industriais a serviço das nações colonizadoras. Enfim, Scalabrini era suspeito de atentar contra a soberania nacional, de impedir o nascimento da nacionalidade brasileira e mais, de ser o orfanato o “laboratório da italianidade”.

Pode-se dizer que, do ponto de vista ideológico, o centro dessa discórdia estava na questão da brasilidade *versus* italianidade, inculturação *versus* assimilação. O Bispo, nesse caso, representava um perigo para a nação, de acordo com alguns interessados. O ponto concreto desse confronto estava nas escolas e no ensino do italiano.

Os jornais que saíram em defesa de Scalabrini, apresentando os objetivos expressos de sua viagem, foram o “Correio Paulistano” e “Estandarte Católico”. Eles afirmavam que o Bispo havia vindo ao Brasil para conhecer as condições dos colonos italianos e avaliar a situação católica na América. Confirmavam ser ainda um enviado do governo da Itália em visita às colônias italianas e com a finalidade de estudar uma maneira de ir ao encontro das necessidades religiosas, levar aos migrantes o conforto da sua pátria e interessar-se por suas dificuldades.

A presença do Prelado na cidade de São Paulo teve um caráter totalmente eclesial. Dedicou-se, principalmente, ao diálogo com os Padres e Irmãs de sua Congregação, encontros com migrantes italianos das fazendas de café e com milhares de fiéis. Também, ocupou-se da pregação de retiros aos seus missionários e missionárias, em ministrar palestras, visitar o seminário episcopal, o governador, o bispo, às congregações religiosas, além dos orfanatos no Ipiranga e na Vila Prudente.

Quando Scalabrini chegou a São Paulo, seis quilômetros antes de atingir à Estação da Luz, o trem parou para acolher a banda dos meninos do Instituto Cristóvão Colombo, abrigo de crianças órfãs e abandonadas, fundado pelo Pe. José Marchetti, em 1895.



Inauguração do Orfanato

Em cinco de agosto de 1904, o novo prédio do Instituto Cristóvão Colombo, Vila Prudente, destinado às meninas, foi solenemente abençoado e inaugurado por Dom João Batista Scalabrini, durante sua visita pastoral ao Brasil. A primeira casa do Ipiranga ficou reservada à seção masculina. O Bispo disse em uma ocasião: “Os dois orfanatos atraem a admiração geral. Seus 260 orfãozinhos edificam pela bondade, pela piedade e pela educação”.

Scalabrini permaneceu em São Paulo mais de um mês, hospedado no Orfanato Cristóvão Colombo, do Ipiranga, onde, desde 1895 as Irmãs MSCS estão presentes no cuidado e assistência às crianças órfãs.

Somente quando Dom Scalabrini vai para o Paraná e sobretudo para o Rio Grande do Sul é que se encontra com a multidão de migrantes. Para os colonos, a visita do Pastor significava uma verdadeira bênção. Eles o acolhiam com manifestações de carinho, de alegria e de festa. A comoção era tanta que muitas vezes chegava às lágrimas. O Bispo, sempre emocionado, lhes falava de Deus, da Igreja, do Papa e da Itália.

Scalabrini procurava manter viva a língua italiana e as tradições do povo, porque acreditava que o homem que fala a sua língua, não perde a fé. Via nesta virtude o ponto de união entre os migrantes que estavam em terras estrangeiras. Suplicava que os italianos não separassem a religião do sentimento de pátria. Combatia firmemente as agências de emigração, consideradas por ele, “parasitas da miséria”.

Durante o período em que permaneceu no país, percorrendo o sul do Brasil, procurou visitar o maior número de comunidades italianas, confortando, confirmando a fé, fortalecendo a esperança e amparando nas necessidades. Para realizar esse objetivo, o Apóstolo dos Migrantes não mediu esforços e deslocou-se de trem, de barco, de charrete, de carroça e a cavalo para chegar junto ao seu povo.

Foram cinco meses nos braços dos migrantes e no coração dos missionários e missionárias. Encontros esses, marcados pela alegria, pela emoção, pela festa e pelas lágrimas abundantes. Dom Scalabrini realizou nessa visita um grande sonho: o de fazer-se migrante com os migrantes e missionário com os missionários.

Que as bênçãos dadas por Scalabrini há 100 anos atrás, se renovem a cada dia sobre nossa vida e missão junto ao povo migrante.

Roteiro da Viagem

- 13/06 — Dom Scalabrini parte de Piacenza
- 17/06 — Após ser recebido e abençoado pelo Papa Pio X, Scalabrini embarca em Napoli, juntamente com seis missionários e mais 500 emigrantes
- 07/07 — Desembarca no Rio de Janeiro e é recebido pelo arcebispo Arcoverde Albuquerque

São Paulo

- 09/07 — Vai para Santos de navio. Toma o trem para São Paulo, é recebido pela banda do Orfanato Cristóvão Colombo. (Fica um mês em São Paulo visitando fazendas e pregando retiro às irmãs e aos missionários).
- 10/07 — Visita o governador, e comunidades religiosas de outras congregações
- 29/07 — Visita ao interior do estado e algumas fazendas
- 03/08 — Visita o Orfanato do Ipiranga
- 05/08 — Inauguração do Orfanato da Vila Prudente
- 08/08 — Encerra a visita em São Paulo
- 09 a 17/08 — Rio de Janeiro

Paraná

- 18/08 — Chegada em Curitiba – Visita às comunidades dos italianos e índios
- 03/09 — Parte de Curitiba
- 05/09 — Chega em Florianópolis

Rio Grande do Sul

- 10/09 — Chegada a Porto Alegre
- 13/09 — Lajeado
- 14/09 — Encantado – Visita às colônias de italianos
- 25/09 — Coronel Pilar – Crismou 1500 pessoas
- 26/09 — Garibaldi
- 27/09 — Nova Prata
- 01/10 — Nova Bassano
- 05/10 — Veranópolis – Crismou 4.951 pessoas e visitou várias capelas
- 10/10 — Bento Gonçalves
- 13/10 — Garibaldi
- 17/10 — Caravágio
- 18/10 — Caxias do Sul – Crismou uma centena de jovens
- 22/10 — Porto Alegre
- 28/10 — Visita a cidade de Rio Grande
- 05/11 — Viagem a Buenos Aires, Argentina
- 09/11 — Chega em Buenos Aires – para visitar o irmão Pedro que não vê há 30 anos
- 11/11 — Embarca para a Itália – 24 dias de viagem com o navio Sardenha
- 05/12 — Porto de Gênova – Chega à Itália
- 06/12 — Chega em Piacenza. Solene celebração na catedral. Felicitações do Papa Pio X.



Orfanato Cristóvão Colombo: Cem Anos de Amor à Vida 1904 - 2004

O Orfanato Cristóvão Colombo, de Vila Prudente, São Paulo, tem uma caminhada de luta e esperança. Ao longo de mais de cem anos de existência, a Instituição passou por momentos de glória e de dificuldades, mas soube permanecer firme na construção de sua história e de seu serviço específico: de acolhida e atendimento à criança em situação de orfandade. Hoje, adaptado aos novos tempos e circunstâncias, o Orfanato passou a ser chamado “Casa Madre Assunta Marchetti”, numa justa homenagem a quem foi imprescindível para sua construção e perpetuação no tempo.

Contexto histórico

No final do século XIX, os diversos grupos de crianças que viviam às soltas, nas ruas, figuravam como um dos problemas sociais mais graves da cidade de São Paulo. A rua era ocupada por essas crianças como espaço de sobrevivência e de convívio. Nela, buscavam pequenas ocupações, realizando trabalhos de baixíssima remuneração. O abandono e a orfandade era preocupação antiga, que se arrastava sem solução. Um problema que se agravou com a chegada em massa dos imigrantes. Agora, aos filhos órfãos de ex-escravos e os de trabalhadores nacionais que migraram do campo para a capital paulista, em busca de emprego, juntaram-se os órfãos da imigração.

A Imigração

Em meio aos estrangeiros que viviam no Brasil, resultado do grande incremento da corrente imigratória, os compatriotas, sobretudo italianos, procuravam socorrer as crianças órfãs, cujos pais tinham morrido durante a travessia Gênova-Santos, nas fazendas e cafezais do interior paulista ou devido às constantes epidemias, principalmente de tifo e febre amarela. Exemplo disso, foi a construção e fundação do Orfanato Cristóvão Colombo, em 1895, pelo Padre José Marchetti, missionário italiano recém ingressado na Congregação dos Missionários de São Carlos, fundada por Dom João Batista Scalabrini, bispo de Piacenza, Itália, para assistência aos imigrantes italianos. O Orfanato Cristóvão Colombo era inicialmente voltado ao amparo e educação dos filhos de imigrantes italianos, mas por iniciativa de Padre Marchetti, acabou acolhendo órfãos de todas as raças e procedências.

A construção do Orfanato chamou a atenção de todos, Igreja e Estado, para esse grave problema social que era a orfandade, e que necessitava de urgente atenção. A mobilização em torno desta questão

O governo
queria
construir
uma espécie
de cadeia
para eles,
e Jesus,
em vez,
me inspirou
a recolhê-los
à sombra
do Santuário...

foi tanta que, no início do século XX, São Paulo já possuía outras organizações assistenciais: a Casa Pia de São Vicente de Paula, o Asilo de Órfãos de Nossa Senhora Auxiliadora, o Colégio D. Carolina Tamandaré, a Associação Beneficente e Instrutiva do Estado de São Paulo, o Abrigo Santa Maria, a Casa da Divina Providência, a Instituição Sagrada Família, o asilo Bom Pastor e outros.

Na época em que Padre Marchetti iniciava um trabalho de promoção da criança em situação de exclusão, os relatórios do Chefe da Polícia, observavam “o embaraço que trazem para o serviço policial da Capital, as crianças abandonadas que em grande número vagam pelas ruas, maltrapilhas e famintas, esmolando às vezes por conta de outrem, na mais triste degradação”. Esses dados foram extraídos do relatório apresentado ao Secretário dos Negócios da Justiça do Estado de São Paulo, pelo Chefe da Polícia Bento Pereira Bueno.

Padre Marchetti, sensível à dor do abandono, escreveu: “Aqui na cidade já conheço 250 jovens italianos de rua. O governo queria construir uma espécie de cadeia para eles, e Jesus, em vez, me inspirou a recolhê-los à sombra do Santuário... Que belas comunhões, que mudanças de vida!” O olhar sensível e amoroso de Padre Marchetti a essas crianças demonstra um coração pleno de caridade e aberto à realidade do local em que chega. Essa vivência missionária tem muito a nos dizer hoje, quando se fala em inculturação e busca de soluções concretas para os problemas encontrados na vida da população receptora do serviço missionário, num apostolado dinâmico e criativo, capaz de transformar o ambiente sócio-ecclesial da comunidade de destino. E Padre Marchetti conclui: “Deus queria o Orfanato; eu o vejo, sinto e conheço. Deo Gratias!

Irmãs de São Carlos

Em 1851, ano em que Dom Antônio Joaquim de Melo (1851-1861) assumiu a direção da Diocese de São Paulo, não havia nenhum instituto de educação feminina aos cuidados de religiosas, nem sequer uma Santa Casa, um asilo de idosos ou um orfanato. Desde o início de sua gestão episcopal, manifestou o desejo de que congregações femininas se estabelecessem em São Paulo. A partir daí, muitas congregações chegaram ao estado.

De origem italiana, a Congregação das Irmãs Missionárias de São Carlos Borromeo, scalabriniana, foi fundada em Piacenza pelo Bispo Dom João Batista Scalabrini, em 25 de outubro de 1895. Na mesma semana de sua fundação, as primeiras quatro Irmãs: Assunta Marchetti, Carolina Marchetti, Angela Larini e Maria Franceschini, seguiram viagem para o Brasil, acompanhadas pelo Padre José Marchetti, com a finalidade específica de trabalhar no Orfanato Cristóvão Colombo, no cuidado aos órfãos.

Fiéis ao projeto esboçado por Dom Scalabrini na assistência pastoral aos imigrantes em terra estrangeira, essas Irmãs desvelaram-se no serviço missionário aos mais necessitados. O número de órfãos aumentava dia-a-dia no Orfanato Cristóvão Colombo, situado no bairro do Ipiranga. Assim, logo um outro começou a ser construído na Vila Prudente, para que, num futuro próximo, pudesse haver uma instituição feminina e outra masculina.

Padre Marchetti elaborou um amplo esquema de atenção e promoção das crianças atendidas. Seu programa contemplava não só o cuidado com a sobrevivência, em termos de nutrição e saúde, mas abrangia a educação, formação intelectual, artística, religiosa e profissional em seus múltiplos aspectos. Era uma época de intensa atividade, de dedicação



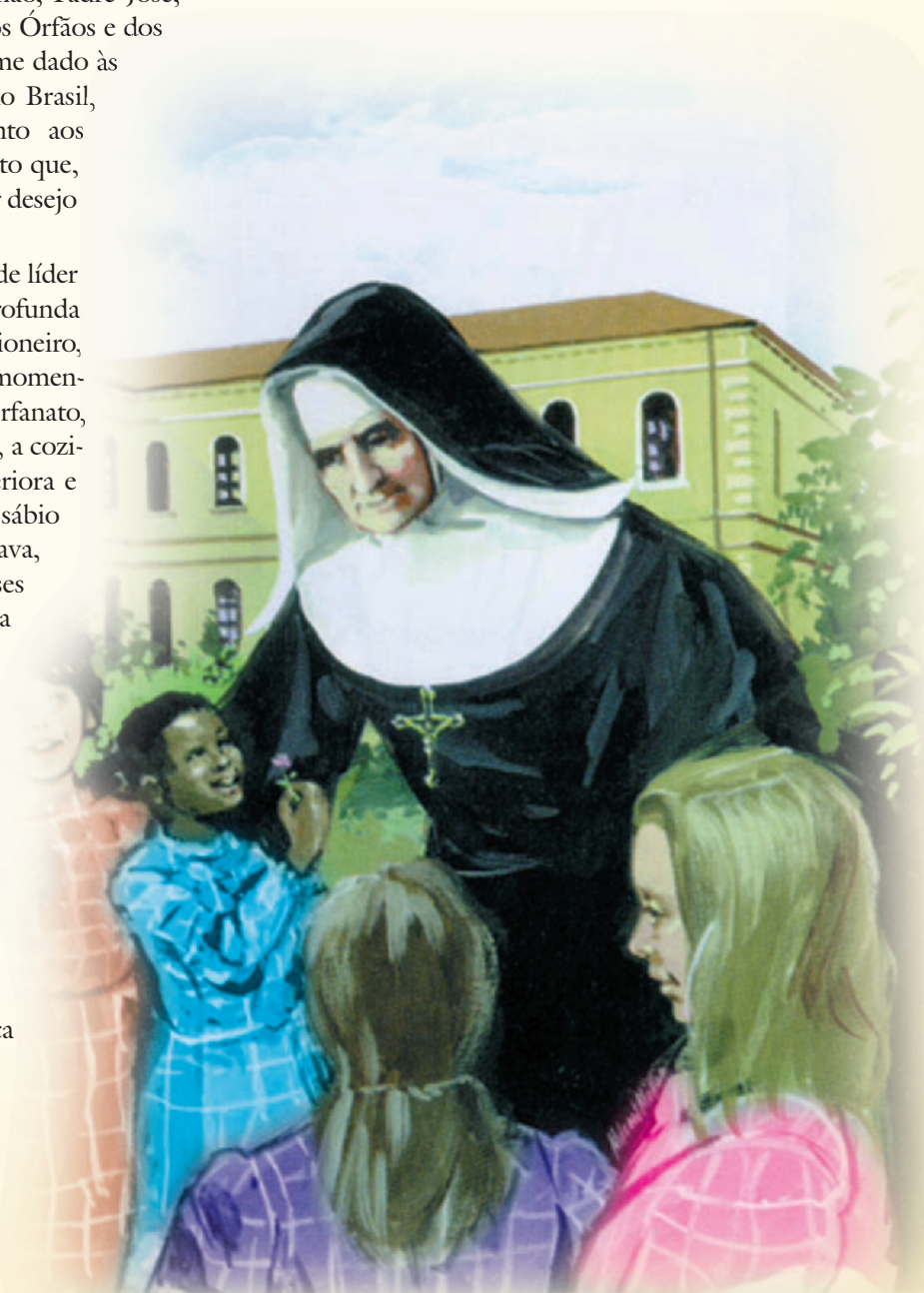
exclusiva, de doação total. Infelizmente, o árduo serviço missionário, embora impulsionado pelo espírito, fragilizou a saúde de Padre Marchetti que acabou contraindo a febre tifóide quando atendia os imigrantes enfermos. O jovem sacerdote faleceu em dezembro de 1896, com apenas 27 anos de idade. Pouco tempo depois, as Irmãs Angela Larini e Maria Franceschini também adoeceram e faleceram. Com isso, a Congregação das Missionárias de São Carlos sofreu seu primeiro grande abalo, mas resistiu e sobreviveu graças à determinação, fé e capacidade de Madre Assunta Marchetti em gerenciar conflitos. O Orfanato era considerado nessa época, por Scalabrini, como “a missão mais importante da Congregação”. E era preciso, segundo o bispo, fazer qualquer sacrifício para mantê-lo. E assim foi feito!



Madre Assunta Marchetti

Assunta Marchetti, a pedido do irmão, Padre José, integrou o grupo pioneiro das “Servas dos Órfãos e dos Abandonados no Exterior”, primeiro nome dado às Missionárias de São Carlos. Chegando ao Brasil, assumiu imediatamente o trabalho junto aos órfãos e fez dele seu objetivo de vida, tanto que, assim, sempre se expressou: “o meu maior desejo é morrer entre os órfãozinhos”.

Desde o início da missão, seu perfil de líder transpareceu e, contrastando com uma profunda humildade, ajudou a manter o grupo pioneiro, unido em torno do Carisma, mesmo em momentos de duras provas. Para os órfãos, no Orfanato, ela era a “mãe”, a costureira, a enfermeira, a cozinheira. Para as Irmãs, das quais foi Superiora e Madre Geral, Assunta era o exemplo, o sábio conselho, a mão forte que acolhia e amparava, a companheira de missão. Nas graves crises pelas quais passou a Congregação, ela soube calar na hora certa e fazer-se ouvir quando preciso. Possuía convicção de que a obra em favor dos órfãos e migrantes era “um querer de Deus” que não podia ser destruída ou sequer abalada pelo “querer dos homens”. Assim, conseguiu que o Instituto se firmasse na Igreja e no mundo como uma congregação feminina que presta um serviço evangélico e pastoral aos migrantes mais pobres e abandonados de todas as raças, etnias, credos e nações, que hoje marca presença em 25 países.





A visita de Dom Scalabrini

Em 1904, João Batista Scalabrini decide conhecer de perto o trabalho de seus missionários em terras brasileiras. Numa surpreendente e inovadora decisão para a época, embarcou em Gênova rumo ao porto do Rio de Janeiro. Viajou animado e confortado pelas palavras do Papa que, ao dar-lhe a sua bênção, disse-lhe - “leve em sua mala a minha veste branca”, significando a certeza de que a presença espiritual e as orações do pontífice o acompanhariam. Após dias de viagem com tempestades e o mar agitado, finalmente o bispo Scalabrini chegou ao Brasil, onde foi recebido com festa e emoção por autoridades civis e religiosas, mas especialmente por seus missionários e missionárias e pelos migrantes, que não mediram esforços para demonstrar a Scalabrini a alegria em vê-lo, em tê-lo tão próximo.

Chegando a São Paulo, Scalabrini se encantou com as obras de seus missionários. Quando lhe propuseram se hospedar no Mosteiro de São Bento, devido às modestas instalações do Instituto Cristóvão Colombo, ele respondeu que preferia ficar junto aos seus missionários. Hospedado no Orfanato do Ipiranga, escreveu em seu diário: “Os nossos Missionários gozam de grande estima e veneração em todas as camadas sociais, tanto do clero como do laicato. Os dois orfanatos atraem a admiração geral. Seus duzentos e sessenta orfãozinhos edificam pela bondade, pela piedade e pela educação (...) Tudo vai para frente, dando-me grande satisfação e consolo.”

Na ocasião, Scalabrini inaugurou oficialmente o Orfanato Cristóvão Colombo de Vila Prudente, agora destinado a acolher as órfãs e as Irmãs da Congregação de São Carlos. Além de inaugurar o orfanato, o Bispo aproveitou para pregar um retiro às Irmãs e para ouvir seus clamores, anseios e necessidades. Em ambos os orfanatos, Dom Scalabrini pode ver e entender o pioneirismo e o sacrifício empreendido por Padre José Marchetti para implantar e desenvolver a missão em favor dos órfãos e migrantes, no Estado de São Paulo. “É um milagre do amor da Providência de Deus”, afirmou Scalabrini.

Dom Scalabrini, feliz e realizado, retornou à Itália com o desejo de colocar em prática as resoluções de diversas reuniões, visitas e constatações feitas. Poucos meses após seu retorno, adoeceu gravemente e faleceu. A obra prosseguiu com o empenho de seus missionários que a levavam adiante. O Orfanato de Vila Prudente passou por dificuldades diversas, mas resistiu e foi se firmando, cada vez mais, com a entrada de Irmãs na Congregação. Madre Assunta Marchetti faleceu ali em 1948, em meio aos órfãos. Hoje, na capela da Casa Madre Assunta, repousam seus restos mortais. O processo para sua beatificação encontra-se no Vaticano, pois já são muitos os relatos de graças alcançadas, mediante sua intercessão.

Casa Madre Assunta

Em comemoração ao centenário de inauguração do Orfanato Cristóvão Colombo de Vila Prudente, a Congregação dos Missionários de São Carlos, até então administradores da entidade, passaram a obra para a Congregação das Irmãs MSCS. Atualmente, a instituição é chamada “Casa Madre Assunta” e, além de passar por uma reestruturação orgânica e pedagógica, busca resgatar suas origens para se tornar fonte histórica e de preservação da memória e da autêntica espiritualidade que movia a ação do grupo pioneiro da Congregação, para servir de conhecimento, exemplo e motivação às futuras gerações.

Cem anos se passaram. A história registrou o nome de alguns, os arquivos, o de todos, mas somente Deus registrou cada boa ação oculta, cada gesto de caridade, cada lágrima contida, cada sacrifício empreendido, cada oração pronunciada. A alegria da festa deste centenário, que hoje se comemora, é o fruto da semente plantada e cultivada com trabalho, amor, vida e esperança, mas, sobretudo, com a força da fé em Jesus Cristo. Esse mesmo Cristo que acolhe os pequeninos, que os olha com ternura e diz que apenas sobreviver não basta, é preciso vida digna, porque “eu vim para trazer vida e vida em abundância”.



Rua do Orfanato

Por que rua do Orfanato? A, hoje, chamada Rua do Orfanato, uma das principais vias de Vila Prudente, quem diria, foi chamada inicialmente de Caminho do Colégio. Depois, passou a ser conhecida como Av. Bernardino Falchi, em homenagem a um dos três irmãos Falchi, fundadores da Vila Prudente. Mais tarde, chamou-se Av. Prudente de Moraes, em homenagem ao então Presidente da República, Dr. Prudente José de Moraes Barros. Deixa-se claro que, quando de uma passagem do Presidente Prudente de Moraes por São Paulo, atendendo o convite feito pelos irmãos Falchi, fez ele uma visita ao bairro que já há alguns anos levava seu nome.

Quando em 7 de agosto de 1904, a ala feminina do Orfanato Cristóvão Colombo começou a funcionar, na Av. Prudente de Moraes – a ala masculina já funcionava no bairro do Ipiranga –, esta passou a ser conhecida, pelos moradores da região, como a rua do Orfanato, e como diz o ditado “a voz do povo é a Voz de Deus”, pouco tempo depois, essa via passou a chamar-se oficialmente Rua do Orfanato.

Madre Assunta Marchetti: Um Grande Dom à Igreja

A história humana de Assunta Marchetti, conhecida como Madre Assunta, inicia-se em Toscana, na Lucchesia, entendendo-se por Lucchesia a cidade Luca e seu município, a Garfagnana, o médio e alto Valle del Serchio, Barghigiano e Versilia, e se conclui no Brasil, em São Paulo, 53 anos depois de sua partida da Itália, ocorrida no dia 27 de outubro de 1895, depois de ter pronunciado no dia 25, os primeiros votos religiosos, nas mãos do Fundador, o bem-aventurado Dom João Batista Scalabrini, bispo de Piacenza. A vida de Assunta começa num moinho e termina num orfanato entre as órfãs, como foi seu desejo. Na Itália, em duas localidades da Toscana ocidental, em Lombrici de Camaiore e na Fábrica de Camaiore, a Serva de Deus viveu os seus primeiros 24 anos.

**A exemplo
de Jesus,
Madre Assunta
passou fazendo
o bem a todos!**



Sua Vida

Madre Assunta Marchetti, modelo de Irmã MSCS, passou como Jesus, fazendo o bem a todos. Ela faz parte de um passado que dá consistência ao presente do Instituto das Irmãs Missionárias de São Carlos Borromeo-Scalabrinianas e que permeia de esperança, o futuro. É ela que, com a simplicidade de quem vive o “Eis aqui a Serva do Senhor” de Maria de Nazaré, faz grandes coisas. Entre estas, está sobretudo, a sua dócil capacidade de tornar explícita na história “a scalabrinianidade”, pronunciando no dia 24 de outubro de 1897, os votos perpétuos simples segundo as Regras observadas pelos Missionários de São Carlos, Scalabrinianos, e não segundo a fórmula da precedente profissão que recitava: “conforme a santa regra do Instituto das servas dos órfãos e abandonados no exterior”. Não se pode deixar de atribuir o novo parâmetro dado aos votos a partir de 1897, a uma autêntica mudança interior da Serva de Deus, como fruto de uma passagem particular do Espírito Santo, acolhido por ela, como abertura profunda de coração, que a capacitou para conduzir com determinação o Instituto nascente, na direção desejada por Deus. Sem ela, provavelmente, a instituição da qual fazia parte há dois anos, teria continuado a realizar uma ação limitada aos órfãos e abandonados no exterior, afastando-se assim, do projeto mais amplo atribuído por Deus.

A data de 24 de outubro de 1897 fala forte ao coração das Irmãs MSCS, porque essa marca o fim de sua pré-história e o início de sua história como Irmãs Missionárias de São Carlos para os migrantes de todas as etnias e também, por que é sobretudo aqui que Madre Assunta se revela como “a mulher carismática”, merecedora do título que um dia lhe foi atribuído em mérito à sua docilidade: aquele de co-fundadora.

Em sua existência terrena, Madre Assunta sempre se apresentou como criatura extremamente reflexiva e essencial no falar. Falou e escreveu pouco. Viveu em plenitude, aquilo que acreditava e sabia ser importante para Deus e para o próximo. Se queremos conhecer alguma coisa do seu mundo interior, não podemos ser simplesmente curiosos, mas devemos nos aproximar de sua vida, como pessoas dispostas a meditar, e sermos conscientes da dificuldade que consiste em trazer à luz, um mundo íntimo, quase sempre, somente percebido por Deus.

Uma certa ajuda, sem dúvida, oferece os dados revelados do exame de sua grafia. Destes, emerge uma pessoa dotada de excelente equilíbrio e profundamente interessante, cheia de contrastes harmoniosos entre si, que jamais colocou em perigo o seu equilíbrio. De fato, quem reflete sobre sua vida, pode percebê-la como ela foi ao mesmo tempo humilde e austera; severa e misericordiosa; obediente e livre; contemplativa e ativa; silenciosa e cordial; casta mas decididamente enamorada de cada filho de Deus; introvertida e extrovertida, porque soube ser comunicativa; dedicada ao Instituto, mas jamais sem diminuir o devido afeto à sua família; busca resolver responsabilmente cada problema, porém, sem ansiedade e sempre com grande confiança; senhora dos seus sentimentos e emoções, e profundamente serva de todos; foi superiora geral sem autoritarismo, mas transmitindo respeito ao qual era difícil resistir; sabe o que quer, o que pretende, mas considera, concretamente, o quanto o próximo pode dar-lhe, e sobretudo, o quanto ela deve dar; não obstante sua forte e inteligente personalidade, não peca jamais por presunção, auto-suficiência ou obstinação; não reivindica jamais seus direitos.

Na descoberta de Deus, Verdade suprema, tinha encontrado a estrada de sua liberdade verdadeira que percorrerá ao longo de seus 77 anos. O seu temperamento volitivo poderia ter feito dela uma pessoa individualista, egoísta, prepotente. Porém, ao contrário, alcançou uma plena abertura de coração, capaz de acolher todo tipo de pessoa e todo tipo de dor, efeito da sponsalidade mística, que se identifica com o mistério da cruz, no qual o sofrimento humano se traduz em amor oblato e redentor.





Mulher da Espera Paciente

É importante refletir sobre a capacidade de Madre Assunta de esperar pacientemente a hora de Deus, em todos os tempos cruciais de seu caminho, podendo também defini-la como “mulher da espera”. Foram necessários, de fato, quatro anos para que o Fundador lhe desse a certeza de que o carisma scalabriniano sobreviveria, não obstante o confuso e difícil contexto criado com a chegada das Irmãs Apóstolas do Sagrado Coração, enviadas para colaborar com as Irmãs de São Carlos, no Orfanato de São Paulo. Foram necessários três anos para que ela pudesse constatar a confirmação das promessas de Monsenhor Scalabrini, e ainda, tiveram que passar cinco anos para ver um concreto e promissor desenvolvimento do Instituto das Irmãs Scalabrinianas, e a afirmação do seu carisma peculiar na história, alcançado por ocasião do reconhecimento jurídico obtido, no qual compreendemos o fruto da longa, tenaz e exaustiva espera de Madre Assunta.

**...no encontro
com o povo
estrangeiro,
falou com uma
linguagem
feita de
gestos e
atenções,
de silêncio e
compaixão...**

Mulher da compaixão e da solidariedade

Percorrendo a cronologia de sua vida, é espontâneo senti-la também como “a mulher da compaixão e da solidariedade”, porque soube encarnar a sua vida nos pequenos, nos últimos e porque, no encontro com o povo estrangeiro, falou com uma linguagem feita de “gestos e atenções”, “de silêncio e compaixão”, a única linguagem que os pobres compreendem, indicando-nos o possível percurso a ser feito com os estrangeiros que hoje batem às portas dos países ricos: a compaixão e o silêncio. Nisto, e também em todo o restante, a primeira superiora geral das Irmãs Scalabrinianas, em verdade, pode ser nossa mestra. A nós corresponde valorizá-la devidamente, e segui-la, com a íntima certeza que junto com ela nos aproximaremos de Deus, cooperando concretamente para tornar visível o seu Reino.

Depois de tudo o que aqui foi apresentado, não é de se admirar que, trinta e oito anos depois de sua morte, as Irmãs Missionárias Scalabrinianas, conhecendo a fama de santidade que acompanhava a memória de Madre Assunta entre aquelas que a tinham conhecido ou aquelas que tinham ouvido falar, se sentiram no dever de responder aos sinais da Providência, iniciando o inquérito ou Processo Diocesano para a sua causa de beatificação e canonização.

Processo de Canonização

Madre Assunta faleceu em 1º de julho de 1948, no orfanato feminino de Vila Prudente, São Paulo, Brasil, junto às órfãs, como sempre havia desejado. Rodeada pelas Irmãs da comunidade e de alguns familiares, concluiu tranqüila e serenamente o seu longo caminho, também de sofrimento físico, como morrem as crianças e as flores. Quando exalou o seu último respiro, Irmã Clarice Baraldini, uma órfã que foi acolhida quando criança no Orfanato do Ipiranga, saiu do quarto em lágrimas gritando: “Hoje nesta casa morreu a caridade!”. Parece também que o evento ainda foi acompanhado de um fato singular: o sino, por exemplo, soou sem que ninguém o tivesse tocado.

As últimas lágrimas da moribunda, aquelas que ela não conseguiu esconder e oferecê-las no silêncio, foram devotamente enxugadas com um lençinho, o qual foi, depois, confiado à Superiora, a fim de que o conservasse. Apenas três anos depois da morte, no sul do Brasil, começou a difusão de um santinho com a oração para obter, de Deus, o dom da glorificação da Serva de Deus, também, aqui na terra. Constatou-se, no entanto, que cada ano aumentava o número daqueles que esperavam receber através de sua intercessão, as graças solicitadas do profundo do coração. Chegou-se a um certo ponto que, o Governo Geral das Irmãs Missionárias Scalabrinianas, sentiu a necessidade de recolher as recordações relativas à vida de Madre Assunta que, durante o Capítulo Especial (1969-1971), foi reconhecida oficialmente como co-fundadora.

Depois de alguns anos, foi impressa e difundida a biografia de Madre Assunta Marchetti e, entre o povo a sua fama de santidade foi crescendo. É assim que, em 9 de fevereiro de 1985, o Governo Geral da Congregação decidiu, por unanimidade, iniciar o processo de canonização de Madre Assunta. O processo diocesano concluiu-se no dia 25 de outubro de 1991, e chegou a Roma, à Congregação da Causa dos Santos, em 1992. Atualmente, espera-se que seja iniciado o estudo por parte dos Consultores Teólogos de todo o material solicitado, isto é, o estudo do ponto de vista teológico da *Biografia documentada*, da *informação sobre as virtudes da Serva de Deus* e *aquela sobre a fama de santidade*. Se, depois de analisado pelos teólogos, o estudo recebe um veredicto positivo de pelo menos dois terços dos membros do Congresso, a Causa será submetida ao exame dos Cardeais e Bispos do Decastéreo da Congregação para as Causas dos Santos. Estes, em reunião ordinária, depois de ter escutado o Cardeal expositor, que ilustrará a Causa e que referirá os resultados dos estudos precedentes, cada um dará o seu voto em ordem à heroicidade das virtudes da Serva de Deus. O Cardeal Prefeito, informará finalmente ao Sumo Pontífice sobre o resultado da Congregação Ordinária. Ao Papa é reservado o último julgamento sobre a heroicidade das virtudes da Serva de Deus. Se esse juízo for positivo, o Cardeal Prefeito pedirá ao Santo Padre o *Decreto super heroicitate virtutum*, e a Serva de Deus se tornará *venerável*, reconhecimento importante que permite perceber mais de perto a beatificação.

Na espera deste importante momento que, certamente, não será tão breve, se elaborará aquela parte que ainda falta ao volume do suposto milagre, o qual permitirá o estudo e análise da cura perfeita de um estado físico de uma pessoa que poderia ter ficado com conseqüências cerebrais graves e irreversíveis. O fato ocorrido em Porto Alegre, RS, Brasil em 1994, foi submetido ao Processo Diocesano da mesma cidade, de 1999 a 2000. O suposto milagre também será estudado em momentos sucessivos: a) por médicos especialistas; b) pelo grupo de consulta médica; c) pelos censores teólogos; d) pela reunião de Cardeais e Bispos.

Com paciência e esperança aguardemos a resposta que a Igreja nos dará. Enquanto isso, vivamos sobretudo com gratidão a Deus, por ter enriquecido a história de uma pessoa tão humilde e tão grande como foi a Serva de Deus, e também por Madre Assunta ter compreendido desde muito cedo, aquilo que vale a pena na vida, e foi fiel à sua intuição até a morte. Agradecemos-la também porque sempre está muito presente e ativa em nosso Instituto, ajudando a cada Irmã MSCS a sentir mais de perto, mais concretamente, os bens sobrenaturais que nos esperam, depois da fugacidade desta vida à qual, com frequência, só esses bens duradouros dão sentido.

...vivamos
sobretudo
com
gratidão
a Deus,
por ter
enriquecido
a história
de uma
pessoa tão
humilde
e tão grande
como
foi a Serva de
Deus...

Estilo de Vida e Formação

Parte III



Estilo Scalabriniano de Vida Consagrada

Ao longo dos séculos, nunca faltaram homens e mulheres que, dóceis ao chamado do Pai e à moção do Espírito, escolheram este caminho de especial seguimento de Cristo, para se dedicarem a Ele de coração “indiviso”. (VC, n.1)

Este caminho especial de vida consagrada, profundamente arraigada nos exemplos e ensinamentos de Jesus Cristo, é um dom de Deus Pai à sua Igreja, por meio do Espírito Santo.

O Princípio Identificador

O modo de viver a vida consagrada em cada Instituto religioso é diferente devido aos diferentes carismas. O carisma é um dom do Espírito, é uma experiência interior do Espírito que qualifica nosso ser, é o princípio fundamental que identifica a vida e ação do Instituto Religioso na Igreja. O carisma, encarnado nas Constituições, nos confere um estilo particular, para viver nossa consagração na realização da missão que a Igreja nos confiou.

O Seguimento de Jesus Cristo Peregrino

A graça do Espírito Santo convida à Irmã MSCS ao seguimento radical e imitação de Jesus Cristo, o Peregrino do Pai, através de uma vida de amor ilimitado e consagração total de si mesma a Deus, pela perfeição dos conselhos evangélicos de castidade, pobreza e obediência.

A Religiosa, membro da Congregação das Irmãs Missionárias de São Carlos Borremos, se sente chamada a manifestar o mistério de Cristo de maneira explícita através do testemunho de vida consagrada e no serviço evangélico e missionário aos migrantes.



Percorre Seu Caminho

A Irmã MSCS aceita o caminho proposto pelo Evangelho e, como Jesus, deixa tudo e com alegria adere radicalmente a Cristo, assume o mesmo estilo de vida que Ele escolheu para si mesmo, para fazer a vontade do Pai.

Consagra-se a Deus, no serviço gratuito aos migrantes através da profissão pública dos conselhos evangélicos de castidade, como oferta a Deus de um coração indiviso; da obediência como docilidade ao Espírito Santo; e da pobreza, como dom total de si, num constante exercício de seguimento de Jesus Cristo, o Peregrino do Pai.



**A Irmã
Missionária
Scalabriniana se
consagra a Deus
no serviço
gratuito aos
migrantes através
da profissão
pública dos
conselhos
evangélicos...**

Revela e Encontra Sua Imagem

A vida da Irmã MSCS testemunha a Cristo tornando-se radicalmente unida a Ele e pela disponibilidade de servir a Deus e os migrantes. Ela vive o Cristo Migrante revelando Seu rosto aos irmãos e irmãs, descobrindo neles a imagem de Cristo, construindo a comunhão fraterna com eles, e deixando tudo para assumir a condição das pessoas em situação de mobilidade.

A fim de estar sempre disponível à missão que Deus lhe confiou, como testemunha de fidelidade do amor do Pai às pessoas em mobilidade, - a missionária scalabriniana busca ser humilde, simples, acolhedora e pronta para ser migrante com aos migrantes. Ela compreende as culturas e é capaz de entrar no mundo do outro e servi-lo, participar de seus sofrimentos, alegrias, problemas e esperanças. Sua vida dedicada aos migrantes se transforma em fonte de comunhão, diálogo e articulação entre os migrantes de diferentes culturas.

Reunidas em Seu Nome e para Ele

A Irmã MSCS vive sua consagração no coração de uma comunidade religiosa, unida no Senhor Jesus, a fim de realizar sua vocação e o projeto apostólico do Fundador, na missão de serviço aos migrantes. Nossa comunidade religiosa se propõe a realizar a missão da Congregação, que levamos adiante juntas, como responsabilidade comunitária. Trabalhamos, motivadas pelo espírito e zelo apostólico, com sentido de solidariedade, coesão e complementaridade. Cada Irmã ajuda e contribui ao trabalho das co-irmãs e se preocupa com o sucesso geral do mesmo.

Cada Comunidade, um "oásis"

Na comunidade, a Irmã MSCS encontra seu "oásis", onde ela pode descansar e recuperar suas energias, e doar-se incondicional e gratuitamente à mesma. A comunidade é o lugar de seu crescimento humano, cristão e religioso e onde ela desenvolve suas capacidades.

Fraternidade, Ícone da Trindade

Na comunidade, a Irmã MSCS experimenta a vida fraterna como reflexo do amor trinitário e de comunhão eclesial, onde a humildade, a mansidão, a unidade na diversidade, a aceitação recíproca e o interesse de uma pela outra, fortalecem os laços de paz e da amizade cristã. Na comunidade, ela saboreia a presença do Senhor Ressuscitado que a orienta, através do amor recíproco dos membros, a colocar tudo em comum.

Fraternidade, uma motivação

Pela vida fraterna, a religiosa scalabriniana é sinal, motivação e esperança às pessoas. Nossa comunidade é símbolo profético de comunhão com Deus e de comunhão fraterna, através da experiência quotidiana da comunhão de bens, do amor fraterno e da atividade apostólica realizada no seguimento a Jesus Cristo. A Irmã MSCS expressa comunhão na adesão filial à comunidade e à Igreja. Desta forma, ela ajuda as outras viverem juntas em nome do Senhor, construir comunhão e partilhar os bens, trabalho, apostolado e toda a vida num humilde intercâmbio de dons.

A Irmã MSCS faz da comunidade, o centro propulsor de vida evangélica e missionária. Na comunidade, as religiosas são sinais proféticos de orientação. São orientadoras espirituais de seus irmãos e irmãs, particularmente, dos migrantes. A religiosa scalabriniana ajuda superar nacionalismos, testemunhando o significado e a possibilidade de comunhão entre os diferentes povos, raças, grupos étnicos e culturas. A comunhão fraterna, vivida de maneira sincera, alegre e generosa, anuncia Cristo presente na história como fonte de comunhão.

A Irmã MSCS evangeliza pela fraternidade porque esta demonstra que é possível viver fortes relações humanas nos encontros habituais do dia-a-dia com as pessoas. Nossa fraternidade testemunha os valores, as palavras, os sentimentos e afetos, dentro e fora da comunidade.





Um encontro pessoal

Pela oração, a Irmã MSCS alimenta sua fé e caridade sobre as quais a vida fraterna é construída. O amor fraterno é nutrido pela presença do Senhor, na Palavra e na Eucaristia, e se purifica no sacramento da reconciliação. A Irmã encontra a força inspiradora de sua vocação missionária de “ser migrante com os migrantes” na Palavra de Deus e na Eucaristia, fonte de comunhão com Deus e com os migrantes.

Reunidas em Cristo

Na oração comunitária, aprendemos a alegria de vivermos juntas e juntas nos doarmos aos migrantes mais necessitados. Unidas entre nós, na Eucaristia, somos sempre um corpo de Cristo vivo e visível, animado pelo Espírito e a caminho para o Pai.

A liturgia orienta toda nossa atividade e é fonte de onde emana nossa força. Na celebração litúrgica, experimentamos a comunhão com a Igreja que reza em unidade e encontramos o sustento para o nosso crescimento espiritual e para a realização de nossa missão.

A Eucaristia é o centro da vida comunitária scalabriniana e, portanto, de nossa vida espiritual. A presença eucarística do Senhor proclama que a comunidade é constituída e reunida em Cristo. No encontro eucarístico com o Senhor Ressuscitado, nossa comunidade apostólica recebe o impulso necessário para a missão e à comunhão interna. A meditação, o encontro com Jesus Eucarístico, a celebração da Liturgia e dos sacramentos e nossa participação dos retiros anuais e mensais nutrem nossas mentes e corações, fortalecem nosso espírito apostólico e a vida comunitária e espiritual, nos levam ao aprofundamento de nossa intimidade com Cristo e aumentam nossa disponibilidade e zelo apostólico.

Maria, nosso Modelo

A Irmã MSCS tributa amor filial e devoção à Maria, Mãe de Deus e da Igreja Peregrina, e a imita como perfeito modelo de vida espiritual-apostólico scalabriniana.

Formação Scalabriniana: Eterno Caminho a Percorrer

“**D**eus criou o homem à sua imagem, à imagem de Deus ele o criou, homem e mulher os criou. Deus os abençoou e lhes disse: sede fecundos, multiplicai-vos, enchei a terra e submetei-a”. Na condição de criatura, nossa vida é feita de plenitude, de saciedade, mas também de espaços em branco, sugerindo um novo registro, indicando que há história a construir pelos caminhos da cultura, fé, ciência, desejo, vontade e da razão instituintes. O teólogo Schillebeeckx lembra que Deus confiou ao ser humano a função de *Abad* que, em hebraico, significa “cultivar”. Cultivar é prolongar a criação, germinar nova história, preencher a falta, dar respostas e fazer novas perguntas. São nas frestas deste universo cultivável, de todas as estações do itinerário vocacional da Irmã Scalabriniana, que está circunscrito o eterno movimento da formação, como processo global e contínuo, gradual e unitário.

O Bem-aventurado João Batista Scalabrini caracterizou-se como um homem precursor dos tempos futuros. Deciframos, em seu rosto, *caminho* que é horizonte, perspectiva, apelo; caminho que chama a fazer passos, que aponta rumos, que busca o inédito. Ele, o Pai dos Migrantes, nos permite intuir que o ser humano é existência peregrina, é mais do que aparenta ser. Pode transcender-se, ser mais do que tem sido até aqui. Apesar dos limites, tem muito mais semblante de madrugada, do que de ocaso. É poço de significados e de possibilidades. Estrutura-se por escolhas livres, pela intersubjetividade e inter-relacionalidade.

Scalabrini fala, por seus gestos e palavras, que é preciso assumir a formação da inteligência e do coração, dos sentimentos e da consciência, da alma e do corpo. Uma formação que mobilize o pensar, o sentir, que aguce o discernimento e desencadeie o agir, feito compromisso com o Reino de Deus, situado no hoje da história, promessa de amanhã. Diz que é preciso perguntar *quem somos* e *o que desejamos ser*, pois não basta existir. É preciso conferir *sentido* e dar direção ao existir, insistir na busca de valores evangélicos e humanizantes, no desabrochar das energias positivas da sensibilidade, da paz, da convivência solidária das pessoas e dos grupos humanos de diferentes culturas, etnias e religiões. Enquanto projeto, somos chamadas a superar ambigüidades, a escolher rumos construtivos, a optar pelas causas humanas substanciais de nosso tempo.

Estamos deixando de lado uma época de previsibilidade e controle para uma de grandes mudanças no espaço sócio-histórico e cultural humano, que traçam um mundo cada dia mais incerto e mutante. Diante desse panorama, na perspectiva da formação, que opções e possibilidades temos? Há quem nos diga que é preciso aprender a pensar no futuro, aprender a olhar com novos olhos as raízes do momento histórico em que estamos vivendo, para que possamos compreender melhor a potencialidade desta época, pois é nela que somos chamadas a participar e assumir o carisma scalabriniano.

... é preciso
assumir a
formação da
inteligência e
do coração, dos
sentimentos
e da consciência,
da alma e
do corpo.



“O contexto sócio-cultural em contínua e rápida mudança é fator de grandes possibilidades para o progresso tecnológico e científico, com a crescente tomada de consciência da dignidade humana, do papel da mulher, do valor da ecologia, da necessidade de uma comunhão universal; é todavia cenário de violências, guerras, mortes, migrações forçadas, injustiças, violação dos direitos humanos, consumismo, individualismo, permissivismo, subdesenvolvimento, marginalização e exclusão: todos desafios para uma adequada e contínua resposta. Neste contexto nosso empenho é o de assumir uma formação que por um lado, responda às exigências de crescimento da pessoa na configuração com Cristo e ao mesmo tempo esteja atentamente voltada para os atuais desafios que lhe são postos”.

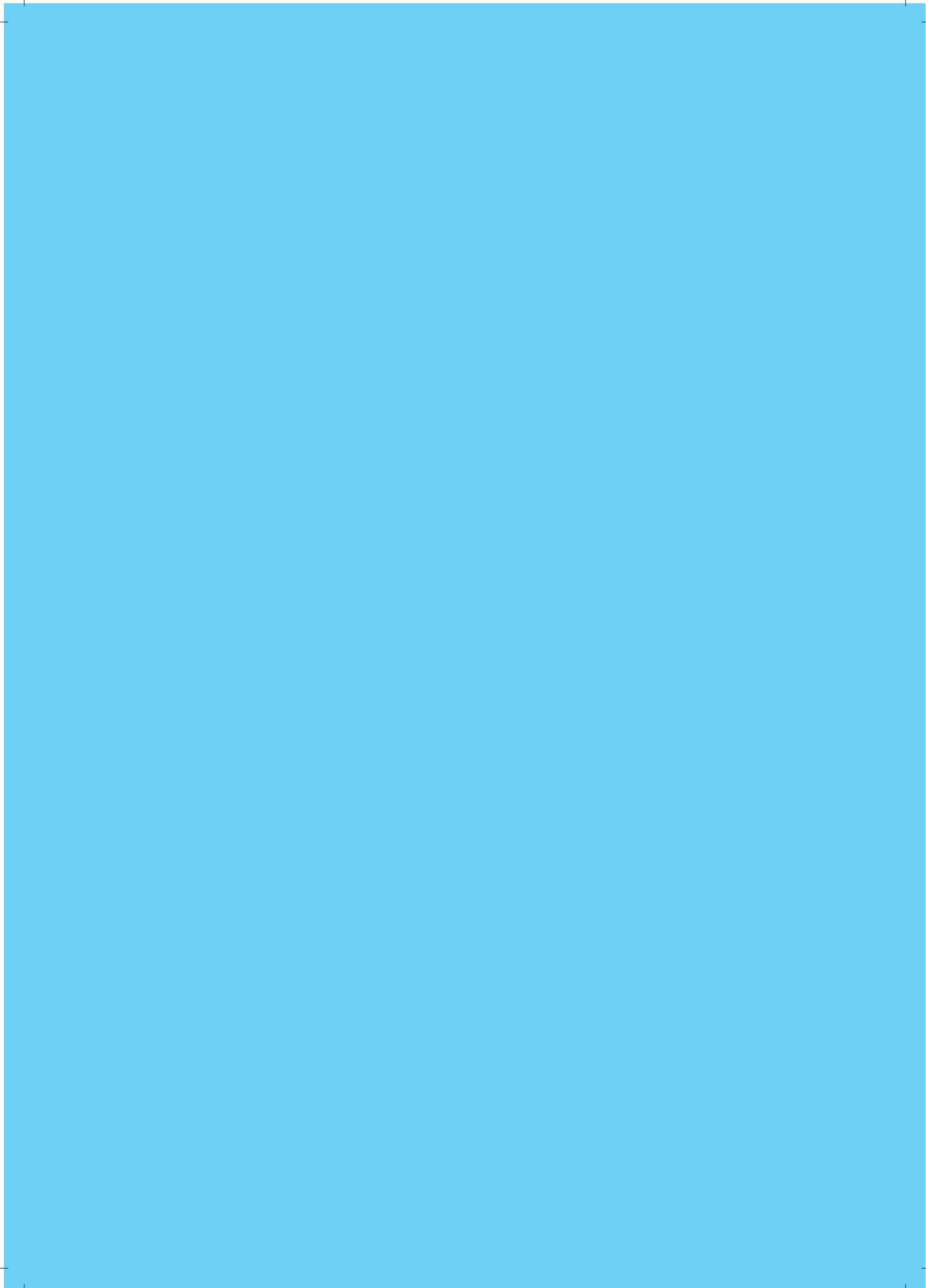
É da natureza do carisma scalabriniano a abertura para aprender a viver e conviver com a mudança, com as diferenças, com a diversidade e a pluralidade, pois a mobilidade humana é uma realidade que nos faz recordar que somos “desterritorializados” e necessitamos aprender a conviver com outras etnias, com diferentes costumes e valores. Além dessa convivência marcada pela intersubjetividade, somos desafiadas a dar conta de parcela do serviço evangélico aos migrantes e refugiados, o que exige constância na busca de meios, de preparação e atualização intelectual e apostólica. O documento “Princípios e Orientações para a Formação” insiste que “a nossa vocação apostólico-missionária requer uma formação que coloque no centro da vida, das atividades e das obras o encontro vital com Jesus Cristo, o enviado do Pai, na mesa da Eucaristia e da Palavra de Deus, na devoção à Cruz, a Maria Santíssima e aos Santos, expressões da espiritualidade de encarnação”.

O ponto de chegada deste processo formativo é a maturação e realização vocacional, humana, religiosa e apostólico-missionária de cada pessoa chamada por Deus a cumprir a sua missão na Igreja, em nosso Instituto.

No espaço e no tempo que é dado viver, situadas no texto e no contexto do carisma scalabriniano, as Irmãs MSCS buscam a sabedoria, compreendida como capacidade de percepção e de conhecimento do que acontece ao redor, como capacidade de compreender a verdade interior e de saber expressar-se de forma compassiva, incisiva e generosa; sabedoria compreendida como arte de aprender a respeitar as exigências de sustentabilidade ecológica e os valores de dignidade humana; sabedoria compreendida como combinação de conhecimentos intuitivos e intelectuais, como vivência de comunhão e de unidade entre o divino e o humano, o evangelho e a cultura, a fé e a vida.

E neste eterno caminho que estamos percorrendo, Guimarães Rosa nos lembra que vivendo se aprende; mas o que mais se aprende é fazer outras perguntas, ainda maiores, afirmação de nossa condição desejante que, já na chegada, está com pé na estrada, ensaiando outra partida.





Parte III

Missão Scalabriniana: A Serviço dos Migrantes e Refugiados



Educação Scalabriniana: Propulsora de Vida e Cultura

“A Congregação assume a Educação Cristã como um meio fundamental para realizar o apostolado específico, que possibilita ao ser humano crescimento em todas as dimensões e o capacita a dar sua resposta consciente e livre, como filho de Deus, ao projeto do pai sobre si e sobre o mundo”.

Amãe, em todas as culturas, é aquela que tem como princípio relevante educar e formar seus filhos. Instrui-los, animá-los, encaminhá-los, considerando a formação como processo global e contínuo. Ser mãe dos órfãos e abandonados no exterior foi a principal razão que motivou as quatro primeiras Irmãs da Congregação no trabalho de acolher, cuidar e educar as crianças.

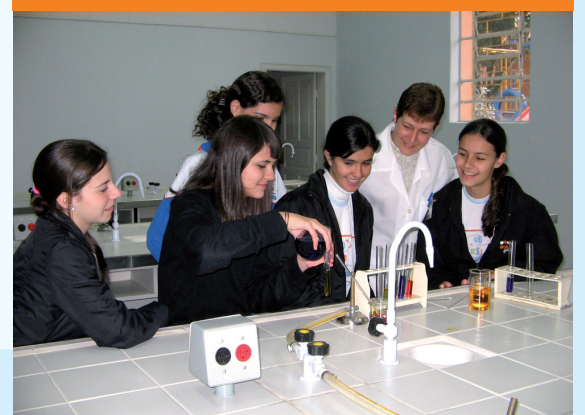
Padre José e Madre Assunta Marchetti, em São Paulo, no final do século XIX assumiram de forma plena o processo de formação e educação daquelas crianças que pelos mais diversos infortúnios tiveram a grande chance de serem acolhidas nos “orfanatos” Cristóvão Colombo.

A Congregação Scalabriniana assume, então, a educação cristã como forma privilegiada de promover o novo, sobretudo daqueles que se encontram em processo de formação. Os colégios das Irmãs Missionárias de São Carlos, Scalabrinianas, nos mais diversos contextos e países, tem como principal premissa a construção de uma sociedade humanizada, acolhedora, solidária e fraterna, transmite a cultura, mas sobretudo educa à vida. É assim que os valores da tolerância, aceitação ao diferente e a amizade, permeiam as relações entre os integrantes da comunidade educativa.

A formação da equipe docente constitui hoje um dos principais pilares nesse processo. Tem-se propiciado aos educadores, o repensar desse fazer pedagógico numa perspectiva de transformação, inovação, comprometimento e protagonismo.

A integração dos Colégios na rede “Educação Scalabriniana Integrada” - ESI, possibilitou focar a Educação numa linearidade Scalabriniana, identificando o seu diferencial específico no que tange aos valores próprios. Os encontros objetivam a contínua formação dos educadores, em nível local, regional, provincial e interprovincial, dando tônica ao processo e concretização do grande sonho de Dom Scalabrini, Pe. Marchetti e Madre Assunta que vislumbraram, na educação, uma das maiores possibilidades de promoção humana e desenvolvimento da cultura, bem como a compreensão do outro e de si mesmo.

Conforme as Normas Constitucionais da Congregação das



Irmãs MSCS, n. 116, “os Colégios Scalabrinianos são grandes centros geradores de cultura, atualizados em sua dinâmica pedagógica”, e buscam produzir saberes que promovam a vida e atitudes de respeito a ela. Por isso, os conteúdos curriculares estão recheados de transversalidade que remetem ao transcendente, à alteridade e ao outro. Este, preferencialmente migrante, desenraizado e irmão. Alguém que surge no caminho para testemunhar a riqueza e a alegria da convivência, da partilha dos dons, cultura e vida.

O grande desafio proposto aos educadores scalabrinianos é dinamizar, na unidade, a verdadeira acolhida, que promova o bem-estar entre os educandos e os entusiasmem a encontrar “outros” próximos a si, que são diferentes em suas manifestações étnicas, culturais, sociais, religiosas ou econômicas, e que carregam consigo a revelação do mistério divino como nos foi testemunhado em Jesus Cristo, o enviado do Pai. Aliás, Jesus nos ensinou claramente em seus encontros com a Samaritana, com o cego Bartimeu, com Zaqueu, com Nicodemos e com Centurião, que a acolhida do outro, desde o seu ponto de vista, sentimento real e a destituição de pré-julgamentos, são essenciais para a transformação. Quando alguém acredita no ser humano, este tem a chance do crescimento e da superação.

Acolhida, numa ótica scalabriniana, pressupõe abrir espaços para o outro, para que este seja e faça o caminho lado a lado, comprometendo-se com os problemas da humanidade, desenvolvendo a cultura de paz, tolerância, aprendendo as regras da boa convivência, harmonizando as diferenças, num processo de liberdade e sensibilidade.

Diretrizes Educativas Scalabrinianas

Buscando a unidade, mas considerando a diversidade presente na realidade de cada Colégio, estão em estudo e aplicação, as “Diretrizes” que nortearão o fazer pedagógico em cada unidade educativa. Diretrizes, sendo entendidas como princípios reguladores de um plano orgânico: um conjunto de orientações que balizam procedimentos utilizados num processo que visa um objetivo final, no caso específico, os projetos pedagógicos das escolas scalabrinianas.

Os pressupostos teóricos que sustentam a educação scalabriniana são fundamentados numa concepção filosófica cristã-católica, tendo como base a educação dialógica proposta por Paulo Freire, a teoria da complexidade de Edgar Morin, a teoria das inteligências múltiplas de Howard Garder, a teoria do agir comunicativo de Jorge Habermas e, sobretudo, os ensinamentos da Traditio Scalabriniana, segundo as Diretrizes da ESI.

Logicamente, trata-se de um desafio que requer uma grande capacidade de revisão paradigmática e uma ênfase decidida sobre o caráter interdisciplinar da educação. Tanto o educando quanto a educação são vistos de modo integral, como processo global, e visam ampliar o significado da existência e o compromisso com um mundo mais harmonizado, espaço em que as relações humanas possam construir a tão almejada paz e, a convivência, apontar a unidade dos povos.

A Educação Scalabriniana ministrada em nossas escolas é um grande laboratório de convivência fraterna, de construção do conhecimento, de elaboração de pensamentos: é grito de esperança por um mundo mais humano, harmônico, amigo e, portanto, com maior capacidade de levar o ser humano à sua meta final: “*Que todos sejam um ó Pai, como nós somos um*”, pois “*não sois mais estrangeiros nem migrantes: sois cidadãos dos santos, sois a família de Deus*”.

Os colégios das Irmãs Missionárias de São Carlos, Scalabrinianas, nos mais diversos contextos e países, têm como principal premissa a construção de uma sociedade humanizada, acolhedora, solidária e fraterna...



Pastoral da Saúde: Cuidando e Defendendo a Vida em Plenitude

Motivadas pelo legado do Fundador, o Bem-aventurado João Batista Scalabrini, e a exemplo dos co-fundadores, Madre Assunta e Padre José Marchetti, as Missionárias de São Carlos, Scalabrinianas, desde 1895, no Brasil, empreenderam uma ação sócio-pastoral específica em favor dos imigrantes nas Américas, em especial, zelando pela saúde das crianças, jovens, adultos e idosos que ficaram no abandono, esquecidos e carentes de atendimento, seja na saúde preventiva, curativa ou de reabilitação.

Diante da evolução e das mudanças ocorridas na sociedade, Scalabrini percebia a necessidade urgente de adequar-se aos tempos e situações para poder cumprir com maior eficácia a missão. E assegurava: “Para tempos novos, técnicas novas”.

Hoje, a Congregação, fiel aos desejos e sonhos do Fundador, dá continuidade à missão de cuidar das pessoas doentes, tendo mais recursos disponíveis, técnicas e conhecimentos. Porém, as carências dos migrantes continuam desafiando às Missionárias Scalabrinianas, já que a Congregação propõe-se a ser fiel aos desejos e sonhos do Fundador, dando continuidade ao cuidado às pessoas doentes.

As Irmãs Scalabrinianas, motivadas e formadas nos diversos campos e setores da saúde, atuam de forma profissional em hospitais, em serviços ambulatoriais, particulares e públicos prestando cuidados preventivos e curativos, visando a dignidade da vida do migrante.



Missionária da Esperança

A Missionária Scalabriniana sente e responde ao chamado do Senhor, através de uma atividade específica. Na área da saúde, a Irmã Scalabriniana é uma presença acolhedora, amiga, solidária, fraterna e disponível, no cuidado do doente, de forma qualificada e humana, sendo sensível às diferenças culturais e étnicas. É portadora da esperança, quando a dor dilacerante e a luta pela conquista da vida se encontra num momento de fragilidade e de sofrimento.

Onde a Missionária marca presença, principalmente na área hospitalar, o serviço passa a ter mais confiabilidade, segurança e ética. Os pacientes se sentem acolhidos e confortados espiritualmente. Há espaço para a oração, reflexão e grande cuidado com a Pastoral da Saúde, que contempla a bênção, os sacramentos e a escuta.

Madre Assunta e as primeiras Irmãs atendiam os doentes a domicílio, aplicando injeções, curativos e levando a Palavra de Deus. Hoje, o jeito de ser e de fazer mudou muito, devido aos avanços da medicina. As Irmãs Scalabrinianas atuam como enfermeiras, técnicas e auxiliares de enfermagem, administradoras, farmacêuticas, nutricionistas, assistentes sociais, psicólogas, fisioterapêutas, pastoralistas e outras, incansáveis defensoras e protetoras da vida.

A presença da Missionária Scalabriniana também é forte na saúde comunitária. Ela busca intervir nas políticas de saúde pública, e nas realidades migratórias locais, atuando na área da saúde preventiva com vacinações, acompanhamento às gestantes, atendimentos oftalmológicos e dentários, orientações de higiene pessoal, ambiental e ecológica.

Respondendo na Igreja o carisma de serviço aos migrantes mais pobres e necessitados, a Irmã Scalabriniana na área da saúde, é particularmente a defensora e protetora da vida e da saúde do povo que está a caminho. Como missionárias da saúde, promove a vida das pessoas, proporcionando um ambiente de testemunho, de fé e de esperança.

A religiosa Scalabriniana deve ter coragem de acolher o passado, realizar o presente e prospectar o futuro da Congregação, estando presente e assumindo sem medo os desafios que, muitas vezes, parecem contraditórios à missão, pois o espírito inovador sempre foi forte no Fundador e Co-fundadores. “Certamente nada agrada tanto a Deus quanto o cuidado aos doentes.”

...a Congregação,
fiel aos desejos e
sonhos do
Fundador, dá
continuidade à
missão de cuidar
das pessoas
doentes, tendo
mais recursos
disponíveis,
técnicas e
conhecimentos.



Na Periferia das Grandes Cidades: Herança Partilhada de Esperanças

A cidade de São Paulo tem 450 anos. O marco histórico inicial do povoado é de 25 de janeiro de 1554. A colonização começou em 1532, através da agricultura de subsistência, aprisionando os indígenas para trabalharem como escravos. Em seguida, foi a vez dos escravos africanos trazidos ao Brasil para fortalecer a produção da cana-de-açúcar. Após a Independência em 1822, 25% da população brasileira era de africanos.

Com a mudança da monocultura da cana-de-açúcar para o café, e com a abolição da escravatura, era necessário solucionar o problema da mão-de-obra. Nesse contexto, ingressaram no país os imigrantes europeus. Segundo dados estatísticos da Hospedaria de Imigração, instalada no Bairro do Braz, a partir de 1887, passaram por lá mais de três milhões de imigrantes. Nessa mistura de raças, povos e culturas, há homens e mulheres provenientes de 60 países, sendo a maioria italianos, japoneses, portugueses, espanhóis e libaneses.

Vinda de Pe. Marchetti em 1894, Madre Assunta e as primeiras Irmãs em 1895 para a assistência aos menores órfãos da imigração italiana. A visita ao Brasil do Bispo de Piacenza Itália, João Batista Scalabrini em 1904.



Com o início da industrialização em 1930 e com o avanço da revolução automotriz a partir da década de 50, a cidade de São Paulo tornou-se referência de progresso, desenvolvimento, oportunidades laborais e ascensão social, configurando-se como pólo de atração para a migração interna. Era vista como terra acolhedora, lugar de futuro! Milhões de migrantes vindos do Nordeste e de Minas Gerais sonharam e construíram uma nova realidade, com muito trabalho e coragem. Na década de 1970, o Estado de São Paulo recebeu mais de 3.540.000 migrantes, dos quais 2.765.000 dirigiram-se à metrópole.

Em 1926 fundação do Colégio Santa Teresinha no Bairro do Pari SP, região de imigrantes e de migrantes internos. Em 1985 abertura da Comunidade São Carlos Jardim Elba, periferia de São Paulo, região de migrantes nordestinos.

Paralelamente à herança benéfica da migração, ocorreram os desequilíbrios sociais, os desencontros culturais, situações de violência e discriminação. Com o crescimento urbano desordenado surgiram, nas periferias da cidade, inúmeros bairros, vilas e favelas, agravando assim, as condições de vida e trabalho da população migrante. O poder público começa a se sentir ameaçado em suas políticas locais. A questão da migração necessita de novos atores sociais que discutam e abracem essa causa cada vez mais ampla e complexa.

Em resposta às necessidades dos migrantes recém chegados à capital, foi fundado o *Centro Scalabriniano de Promoção do Migrante* - CESPROM, no Bairro Cambuci, região central de São Paulo. O centro é mantido e coordenado pelas Irmãs Missionárias Scalabrinianas como uma obra de caráter educacional e de promoção social destinada à população migrante, principalmente jovens e mulheres. Nesse espaço, os migrantes encontram acolhida, apoio, partilham experiências, expressam sua fé, alimentam suas esperanças e tecem redes de solidariedade. Podem realizar cursos de informática, panificação e confeitaria, corte e costura, cabeleireiro, oficinas artesanais e idiomas.



O CESPROM em parceria com o estado oferece um programa de auxílio à alimentação, com a entrega de cestas básicas às famílias carentes. Outro aspecto importante a ser recordado é que esta obra de apoio, promoção e orientação, funciona como uma extensão sócio-educativa do Colégio Santa Teresinha, do Alto do Pari, em São Paulo, onde os alunos scalabrinianos têm a oportunidade de colocar em prática os conhecimentos recebidos, em favor das pessoas em mobilidade humana.

Em pesquisa realizada pela Organização Neo Humanitarismo Universalista, o CESPROM foi condecorado com o Certificado de Construtores da Cultura da Paz, menção Capacitação Profissional e Promoção do ser humano, em sessão solene na Câmara Municipal de São Paulo, em setembro de 2004.

Diferentes rostos, linguagens, expressões culturais, crenças, histórias de vida, necessidades, desejos, privações, sofrimentos revelam a realidade plural e multifocal no mundo da mobilidade humana, presente em São Paulo. Cresce o número dos que continuam procurando o CESPROM.

Das raízes regionais que os identificam e das novas redes sociais que os aproximam, os migrantes vão ampliando seus horizontes e elaborando novas etapas de inserção local.

Durante esses anos, as Missionárias Scalabrinianas são testemunhas e parceiras de suas trajetórias, na busca contínua de encontrar um sentido mais digno e justo às suas aspirações, contribuindo para ampliar a tenda de Deus no meio dos migrantes, a partir de Jesus que diz: “Eu era migrante e você me acolheu”.

A Criança Migrante: O Sonho de Ontem, a Realidade de Hoje

O Estatuto da Criança e do Adolescente em seu artigo 19 reza: *“Toda criança e adolescente tem direito a ser criado no seio de sua família e, excepcionalmente, em família substituta, assegurada a convivência familiar e comunitária, em ambiente livre da presença de pessoas dependentes de substâncias entorpecentes”*. Assim, o direito à convivência familiar e comunitária é a base do processo de socialização.

Se as pessoas não se ocuparem das crianças, esperança do futuro, e não agirem para retirá-las da rua, muitas morrerão e as sobreviventes terão um futuro sombrio. A convicção de Scalabrini na segunda metade do século XIX torna-se presente hoje, quando diz: *“é na família que a pessoa vai firmando as idéias, os afetos, os desejos e os hábitos.”*

Padre José Marchetti, na origem da Congregação, percebeu a necessidade das mãos femininas para que as crianças desamparadas sentissem o amor materno. A história dos Orfanatos deixou registrada em seu centenário, a presença de mulheres consagradas, comprometidas, corajosas, humildes, dedicadas à causa do menor abandonado. As Irmãs Scalabrinianas têm presente um carisma real, de ontem, de hoje e de amanhã. Nota-se a ação e a coragem de Marchetti quando afirma: *“Se alguém lhe disser que sou ousado demais, não acredite. Nunca se é ousado demais, quando se trata de salvar a inocência”*.

O quadro de empobrecimento e a deterioração das condições de vida da população, nos últimos anos, tem repercutido em prejuízo para milhões de crianças e adolescentes. Estes são privados de condições dignas de habitação, nutrição, educação, saúde, cuidados básicos e lazer. Existe um número cada vez maior de crianças que trabalham para complementar o orçamento ou, muitas vezes, garantir o total sustento de suas famílias. Outras, são obrigadas a migrar de seus locais de origem para centros urbanos em busca de casa e pão, porém, encontram violência, indiferença e exploração.

Nas grandes cidades, facilmente são encontradas crianças nas ruas e nos semáforos. Vendem objetos, prestam serviços, esmolam, prostituem-se ou, em muitos casos, junto aos grupos, brincam com drogas. Já no campo, são encontradas crianças trabalhando na clandestinidade, exploradas, violentadas, sem o direito de ser criança e adolescente.

O problema social do menor abandonado passou a ser alvo de crescente atenção no Brasil nas últimas décadas. À medida que a crise econômica e a desestruturação familiar tomaram maiores proporções, o volume de investigações de natureza científica aumentou. De acordo com o Fundo das Nações Unidas para a Infância, 30 milhões de crianças e adolescentes vivem nas ruas. No que se refere à temática que envolve a população em situação de rua, importa considerar a dificuldade metodológica da inclusão social.

Não se pode ficar indiferente a essa situação, vendo, naqueles rostos peregrinos, os preferidos do reino de Deus. Há uma relação profunda de identidade entre a missão do cristão, carisma Scalabriniano e a missão de Jesus de Nazaré. A Boa Nova do Reino de Deus, anunciado por Jesus preferencialmente aos pequenos e pobres é a nossa missão. Esse anúncio se desenrola fundamentalmente entre três pontos de referência que podemos chamar de triângulo da missão: a Galiléia, o Deserto e Jerusalém.

- A Galiléia: o lugar onde moram os mais pobres, os privilegiados do anúncio do Reino de Deus.
- O Deserto: é a etapa do silêncio, do contato íntimo com Deus.
- Jerusalém: é o centro da missão, da partida e da chegada.



É nesse contexto de desigualdade social, cultural e econômica que as Irmãs Missionárias Scalabrinianas foram desafiadas a fundar o *Centro de Cuidados Nossa Senhora da Paz*, cuja finalidade é atender crianças e adolescentes em situação de risco e vulnerabilidade social. Ao longo de sua existência, o Centro vem cumprindo sua missão e atendendo, no turno inverso ao da escola, crianças e adolescentes de 6 a 18 anos de idade, provenientes de diversos bairros de Caxias do Sul. Preocupa-se em orientar os núcleos familiares, com visitas domiciliares, cursos profissionalizantes, oficinas de arte-terapia, melhorando assim, a auto-estima, e facilitando o ingresso dos menores, no mercado de trabalho.

Frente a esse movimento constante de mudanças estruturais, a missão das Missionárias Scalabrinianas no Centro, prima pela qualidade de vida e valorização do menor e do papel da família junto a esse, e no trabalho realizado em rede com a sociedade civil. O trabalho é realizado através de projetos sociais tendo presente a inclusão da criança, do adolescente e das famílias migrantes.

Os projetos são desenvolvidos de forma coletiva, contando com a presença das Missionárias Scalabrinianas, das assistentes sociais, educadores, estagiários, voluntários, que desenvolvem oficinas com as crianças e os adolescentes. Os destinatários participam dos projetos colocando em ação suas potencialidades e sonhos, numa dinâmica construtiva. Esse exercício faz com que resgatem sua auto-estima, despertem o senso crítico e se tornem sujeitos conscientes, capazes de construir e conquistar a cidadania.

Projetos desenvolvidos no Centro:

Ser em movimento: Oficinas de apoio pedagógico, esporte, lazer e atividades de apoio nutricional e saúde, ioga, educação para o trânsito;

Janela para o futuro: curso de informática;

Um toque de paz: oficina de música, canções e danças;

Aprendizes da Terra: oficinas de ecologia, horticultura e jardinagem;

Cuidando do Cuidador:

- grupo Geração Trabalho e Renda;
- projeto de Arte-Terapia;
- projeto de Erradicação do Trabalho Infantil;
- projeto de Prestação de Serviços à Comunidade;
- capacitação da equipe.

A metodologia, dialógica e problematizadora, parte da realidade sócio-econômica e cultural da comunidade. Promove e capacita para a participação, buscando a inclusão das pessoas envolvidas. Privilegia a formação humana e cristã, pois o estabelecimento é um espaço de formação e informação, em que há aprendizagem de conteúdos e novas vivências. A mística provoca a vivência do anúncio numa dimensão de Galiléia, na realidade humana e social; de Deserto, momentos em que a comunidade formativa pára, reza, reflete a necessidade de pôr em ação os projetos; e de Jerusalém, quando vislumbram sinais de esperança, num processo de vida e missão.

O compromisso do Centro, entrelaçado com as demais Instituições públicas, privadas e sociedade civil, quer mudar as estruturas que geram sofrimento, violência e exclusão de milhares de menores migrantes.

Atendimento ao Migrante nos Terminais Rodoviários

F iéis à intuição carismática de Dom Scalabrini e da Igreja, as Irmãs Missionárias de São Carlos Borromeo-Scalabrininas estão presentes em estações rodoviárias, cientes da necessidade de atender os migrantes que chegam aos grandes centros urbanos.

As Scalabrinianas assumem essa missão nos terminais rodoviários, em resposta aos desafios do carisma e da Igreja, enfatizando a ação pastoral da acolhida, orientação e acompanhamento aos migrantes como forma de integrá-los à comunidade local. A Igreja propõe uma pastoral da acolhida tendo em vista a aproximação e o enraizamento no contexto urbano.

Santa Maria

A presença Scalabriniana na Missão Católica da Estação Rodoviária de Santa Maria iniciou-se em março de 1997, a pedido do Bispo Diocesano Dom José Ivo Lorscheiter e do Sr. Valdomiro Aita, concessionário dessa. Ambos manifestaram o desejo de ver instalada, nesse local, uma capela com serviço religioso e atendimento aos migrantes. Atualmente, duas Irmãs dedicam-se ao serviço de acolhida e evangelização já que, Santa Maria, localizada na região central do estado, caracteriza-se pelo fluxo de migrantes. São milhares de jovens que buscam espaço nas universidades, quartéis e base aérea.

Porto Alegre

Em 1998, o Centro de Estudos Cristo Rei realizou uma pesquisa para conhecer a realidade dos migrantes que chegavam à capital. Entre os entrevistados, um número significativo se abrigava periodicamente no *Terminal Rodoviário*, devido ao desemprego e falta de moradia. Provenientes do interior e de outros estados do Brasil, buscavam emprego, saúde, educação e habitação. Diariamente, na estação rodoviária, circulam entre 20 e 25 mil pessoas. Essa pesquisa apontou caminhos concretos para a solidariedade e a vivência do “Eu era migrante e me acolhestes”. Como resposta, em outubro de 1999, foi inaugurada a Missão Scalabriniana Centro de Acolhida, Orientação e Encaminhamento ao Migrante.



Objetivos da missão nos terminais rodoviários:

- Sensibilizar a sociedade da problemática migratória, buscando alternativas de acolhida, solidariedade e promoção humana junto às Entidades Públicas;
- Acolher, orientar o migrante em suas necessidades de documentação, saúde, moradia, trabalho, e estudos;
- Constatar a realidade migratória buscando parceria com instituições governamentais e não governamentais para elaborar projetos de solidariedade, prevenção da prostituição e drogas;
- Oferecer ao migrante atendimento personalizado, momentos de formação, mensagens, orações, celebração, fortalecendo a fé;
- Criar consciência da mobilidade humana, formando o voluntariado para contribuir no serviço junto aos migrantes.

Missão Scalabriniana

A missão realizada nos terminais rodoviários é um serviço evangélico e missionário ao migrante mais necessitado. Constitui-se num espaço de acolhida, sensibilização, conscientização e encaminhamento das pessoas que buscam trabalho, tratamento de saúde, alimentação, agasalho, documentação e albergues. É, inclusive, local de encaminhamento de dependentes químicos e portadores do vírus HIV, junto às instituições de apoio; de alerta às jovens vindas do interior, quanto à prostituição e de encontros de formação para migrantes, voluntários e celebrações eucarísticas.

Além de promover a integração das diretorias concessionárias, funcionários, lojistas, fiscais de empresas de transporte e pessoas que ali transitam. Favorece as relações humanas e cria um ambiente de acolhida e promoção humana. Um dos aspectos relevantes é a evangelização e educação na fé em Jesus Cristo.

Perfil e depoimentos

A maior parte das pessoas atendidas são migrantes em trânsito. Chegam em situação deprimente, com baixa auto-estima, sentimento de solidão e isolamento, mas com esperança de serem ajudados pela Missão Scalabriniana.

“Quando cheguei em Porto Alegre, consegui emprego. Após seis meses, fui demitido, não consegui outro e tive que deixar a casa pois não podia pagar o aluguel. Morei na rua. Passei fome e frio, fui maltratado, humilhado e dormia sob os viadutos. Fiquei dois meses sem dinheiro e sem trabalho. Estive na Missão Scalabriniana, lá contei a minha história de sofrimento e as Irmãs conseguiram um bilhete de passagem para voltar à minha cidade. Sou muito agradecido porque elas me atenderam na hora que eu estava desesperado, me deram bons conselhos”.

“Sou de Uruguaiana, vim a Porto Alegre para conseguir trabalho. Ao chegar fui assaltado, levaram todo meu dinheiro, documentos e roupas. Fiquei desesperado. As Irmãs da Missão me orientaram para solicitar os novos documentos, me encaminharam para o Sistema Nacional de Emprego, Albergues e me forneceram roupas. Depois de 15 dias consegui emprego. Sou agradecido pela orientação e ajuda recebida”.

“Vim para trabalhar na GM, mas consegui emprego só por um mês. Há seis meses que não trabalho... As Irmãs foram anjos em nossa vida, pois numa noite muito fria do dia 28 de julho, conseguiram bilhetes de passagem para mim, minha esposa e meus filhos voltarmos a Chapecó, na casa de minha mãe. Sou muito agradecido, pois estávamos passando fome, as crianças estavam doentes e o dinheiro havia terminado”.

A missão no terminal rodoviário impele à procura de parcerias, conforme exortação de Scalabrini: “Devemos viver a vida do povo, aproximando-nos dele através da imprensa, das associações, dos comitês, da sociedade de ajuda mútua, das conferências públicas, dos congressos, dos círculos operários, dos patronatos para crianças, com toda a obra de beneficência particular e pública”.

Hoje, após 110 anos da fundação da Congregação Scalabriniana, nos deparamos com o desafio da acolhida e do acompanhamento aos migrantes também em outros terminais rodoviários das grandes cidades. Busca-se responder à recomendação do documento de Santo Domingo, nº 178: “Descobrir nos rostos sofrendores dos pobres o rosto do Senhor é algo que desafia todos os cristãos a uma profunda conversão pessoal e eclesial. Encontramos os rostos desfigurados pela fome, conseqüências das injustiças sociais; os rostos desiludidos pelos políticos; rostos humilhados por causa da própria cultura; rostos angustiados dos menores abandonados que caminham por nossas ruas e dormem sob nossos viadutos; rostos sofridos das mulheres humilhadas e desprezadas; os rostos cansados dos migrantes que não encontram digna acolhida; os rostos envelhecidos pelo tempo e pelo trabalho dos que não têm o mínimo para sobreviver dignamente”.

Migração Temporária: um Caminho de Esperança

As Irmãs Missionárias Scalabrinianas presentes em Guariba, há mais de 20 anos, desenvolvem uma atividade sócio-pastoral de acompanhamento aos migrantes temporários, que trabalham na colheita da cana, na macro-região de Ribeirão Preto, SP. Essa área agrícola é considerada uma das mais ricas do país, sendo responsável por 25% da produção de álcool e 30% da produção de açúcar. No período da safra, a região recebe cerca de 45 mil trabalhadores temporários advindos de Minas Gerais, Bahia, Maranhão, Pernambuco, Piauí, Paraíba, Ceará e Alagoas.

Desde os anos de 1980, com o processo de modernização crescente das usinas no Estado de São Paulo, os trabalhadores migrantes estão, pouco a pouco, sendo substituídos pelas máquinas. Durante décadas estiveram a serviço do desenvolvimento. Hoje, se encontram praticamente sem perspectiva nas regiões de origem ou de destino.

As exigências de produção, por parte das usinas, intensificam a exploração do trabalho até os limites vitais e físicos dos trabalhadores. Dados recentes mostram que antes da implantação das máquinas, a cota de produção por trabalhador era de 5 a 6 toneladas de cana cortadas por dia. Atualmente as exigências são entre 8 a 12 toneladas. Como consequência dessa exploração, os trabalhadores são expostos a sérios problemas de saúde: ocorrência frequente de câibras, dores fortes na coluna e desmaios em virtude da perda de potássio e da má alimentação. Em 2004, foram constatadas algumas mortes súbitas nos canaviais, devido ao excesso de trabalho, comumente chamada de “birola”.

Ao chegarem a Guariba e municípios adjacentes, os migrantes moram em alojamentos construídos em meio aos canaviais e pensões alugadas na periferia das cidades dormitório, em precárias condições de vida. A essa situação de desconforto e de privação, somam-se a dor e ausência de seus familiares, o preconceito e a discriminação. Diante dos moradores do município os migrantes são vistos como “gente de fora”, que vem tirar o emprego dos trabalhadores locais e, muitas vezes, são tidos como responsáveis pela violência e criminalidade.



Propostas e Atividades

A equipe da pastoral dos migrantes na diocese de Jaboticabal é formada por Irmãs, padres e leigos scalabrinianos, agentes liberados e voluntários comprometidos com a causa dos migrantes em nível paroquial e diocesano. Através de parcerias com diversos setores da Igreja e da Sociedade, desenvolve um Projeto sócio-pastoral, numa dinâmica de reflexão, atualização e de intervenções pontuais. Dentre as principais propostas e atividades se destacam:

- Proporcionar aos migrantes espaços de convivência, visando fortalecer a fé e esperança, o resgate de sua autoestima, a identidade cultural, o exercício da cidadania, facilitando assim a integração e inserção social;
- Favorecer um processo de conscientização e informação através de encontros formativos sobre direitos humanos e trabalhistas;
- Envolver a Igreja local, poder público e sociedade civil com a realidade dos trabalhadores migrantes e na participação da Semana Nacional do Migrante;
- Visitas e acompanhamento aos migrantes e famílias, nas pensões e alojamentos, como presença acolhedora e solidárias às suas necessidades e aspirações;
- Realização de encontros catequéticos, celebrações eucarísticas, círculos bíblicos, eventos festivos e aulas de alfabetização nos alojamentos e pensões;
- Intercâmbio pastoral entre os locais de saída e de chegada, para o fortalecimento dos laços familiares, comunitários e de redes sociais, através de Missões Populares e Encontros Regionais;
- Realização de atividades formativas junto às lideranças, agentes pastorais e migrantes através de seminários, debates, romarias e atos públicos;
- Assessoria e apoio às equipes diocesanas e paroquiais da Pastoral dos Migrantes;
- Publicação bimestral do **Boletim Cá e Lá**.

Abrangência Pastoral

Nos locais de chegada dos migrantes temporários são mantidos contatos, reuniões e assessorias periódicas com as Dioceses de Catanduva e de Piracicaba, em São Paulo, nas quais existem núcleos da Pastoral dos Migrantes. Nos locais de saída, é estabelecido intercâmbio permanente com as dioceses de Araçuaí, no estado de Minas Gerais, e em Caetitê, Livramento e Rui Barbosa, no estado da Bahia.

Mística que faz caminhar

Em suas andanças e mobilidade forçada, o povo itinerante coloca sua vida na vulnerabilidade dos limites físicos e das fronteiras geográficas. Mesmo assim, acredita na proteção de um Deus que caminha ao seu lado. O coração não revela sinais de desânimo, pois sua luta está possuída de esperança. A persistência, a fé e a partilha vivenciada por milhares de migrantes, são valores que evangelizam.

Em inúmeras situações, os migrantes temporários se expressam dizendo, que suas vidas se transformam em “bagaços de cana”, em “açúcar amargo”, com valores não reconhecidos pelo mercado, enquanto, atualmente é do bagaço da cana que as usinas se beneficiam de ações lucrativas, na venda de geração de energias para o exterior. São as contradições e inversões de valores que se estruturam cada vez mais nas raízes de uma sociedade injusta.

Diante dessa realidade contemplando a mística do povo da Bíblia, constata-se que há sempre caminhos a percorrer. A história cotidiana é o lugar onde Deus se revela. Faz parte da mística de Jesus e de seus seguidores esforçar-se para melhorar o caminho, percorrendo vilas e cidades. Criar redes de proteção e de inclusão social, salvaguardar a “casa comum”, reconhecer a identidade e dignidade de cada ser humano.

As Irmãs Scalabrinianas buscam encarnar o jeito de viver de Jesus, inspiradas nos passos e ações do fundador, Beato João Batista Scalabrini e dos co-fundadores, Pe. José Marchetti e Madre Assunta Marchetti.



Brasileiros Retornados do Paraguai

“A migração alarga o conceito de pátria para além das fronteiras geográficas e políticas, fazendo do mundo a pátria do homem”. (Scalabrini)

A mobilidade humana sempre foi uma constante na história do Paraguai desde sua origem, passando pelo descobrimento e pela colonização, até nossos dias. Diante das condições de subdesenvolvimento e das conseqüências de governos ditatoriais, o país vem “expulsando” muitos de seus cidadãos. Ao mesmo tempo, tem recebido muitos migrantes provenientes de diferentes países, sobretudo brasileiros interessados no cultivo da agropecuária que, em busca de melhores condições de vida, situaram-se principalmente no Alto Paraná, Kanindejú, Encarnación e Pedro Juan Caballero. Desde o início, estes agricultores enfrentaram diversos problemas econômicos, culturais, sociais, religiosos, étnicos, de documentação e de inserção no novo contexto.



Amargo caminho de regresso

Sem sombra de dúvida, a migração é hoje um fato globalizado no cenário mundial, forçando o ser humano a uma constante mobilidade, em busca de trabalho e pão. Em sua trajetória, o migrante alimenta não apenas o sonho de partir e de encontrar uma vida mais humana e feliz, mas a esperança e a utopia de retornar à sua pátria, à sua família e ao seu povo.

O sonho de conquistar um pedaço de terra e construir uma nova vida em terra estrangeira transforma-se, na maioria das vezes, em um pesadelo. Torna-se cada vez mais difícil a permanência de brasileiros no Paraguai. O regresso à terra natal passa a alimentar a esperança de um eterno recomeço e o caminho a percorrer é a volta. Prosseguir fazendo história, cada um à sua maneira ou na coletividade, dessa vez, na região fronteira do Mato Grosso do Sul, Brasil.

Em busca da terra prometida, as famílias de migrantes nos últimos anos, estão regressando ao Brasil. Aglomeram-se inicialmente em acampamentos de lonas de plástico ao longo das rodovias, onde acomodam seus poucos pertences. Homens, mulheres e crianças vivem em estado de extrema precariedade material, servindo-se de doações e cestas básicas com alimentos de má qualidade. Após muita luta, demoradas negociações e longa espera, alguns chegam finalmente aos assentamentos, onde recebem chão para fixar moradia e trabalho. Embora tudo esteja por começar, não lhes faltam coragem e disposição.

Presença Scalabriniana

Movida pelo dinamismo do Espírito Santo e a exemplo do Bem-aventurado Scalabrini, a Irmã Missionária Scalabriniana é chamada a cooperar na obra iniciada por Cristo, confiada à sua Igreja e aos seus seguidores, junto aos migrantes brasileiros retornados do Paraguai.

Em Mateus, Jesus se apresenta como migrante. Mesmo antes de nascer, faz a experiência de peregrino. Nos evangelhos, toda sua atividade missionária é caracterizada pela itinerância.

A Missionária Scalabriniana se caracteriza pela espiritualidade do caminho, movendo-se com os que se movem, testemunhando o dinamismo acolhedor de Jesus, que soube ser acolhido e ao mesmo tempo acolhe a todos com amor. Além de empenhar-se para viver a espiritualidade da encarnação e cultivar uma profunda generosidade de coração que se expressa na compaixão e na solidariedade, a Irmã MSCS busca servir com autêntica alegria, ternura e gratuidade aos migrantes, especialmente os mais pobres e excluídos, independente do idioma, credo, nação ou etnia.

O centro da missão Scalabriniana está na profunda vivência e testemunho da Palavra de Deus e da Eucaristia, conforme as orientações da Igreja e do Instituto, atentas às reais necessidades do migrante.

No atual contexto da mobilidade humana, faz-se necessário compreender a realidade, a cultura e os valores do migrante, para motivá-lo na vivência da fé e da esperança, a fim de que assumam, corajosamente, as lutas e dificuldades da própria mobilidade.

A Missionária Scalabriniana na Pastoral com os “migrantes retornados” trata de ajudá-los a exercer plenamente sua cidadania e atuar coletivamente, para garantir o cumprimento de seus direitos fundamentais como: vida, liberdade, propriedade, assistência, saúde, moradia, trabalho e lazer. Nesse sentido, o nosso ponto de partida é a visita às famílias, acolhendo suas histórias, angústias e sonhos, incentivando-as a assumirem sua trajetória como pessoas capazes de organização da vida das comunidades nascentes.

Numa sociedade excludente e globalizada, nem sempre é fácil oferecer as condições para que o migrante possa reconstruir sua própria dignidade e história, garantindo-lhe a sustentabilidade e a concretização de seus sonhos e utopias.



A Missionária Scalabriniana intervém nessa realidade junto às comunidades de migrantes, propondo respostas sábias às questões existentes, sem recuar diante das fadigas, tornando-se assim ponte de comunhão junto à comunidade peregrina e a sociedade civil. João Paulo II, na Mensagem para o dia do Migrante e do Refugiado, em 2004, exorta: “Os cristãos devem escutar em primeiro lugar o grito de ajuda proveniente da parte de muitos migrantes e refugiados, mas devem promover também com um compromisso concreto, perspectivas de esperança, que preludiem o alvorecer de uma sociedade mais aberta e solidária.”

Em consonância com essa exortação da Igreja, a Missionária Scalabriniana organiza encontros de migrantes, jornadas, seminários de estudo, formação de agentes, palestras sobre a temática, com a participação de especialistas na área migratória, autoridades civis e eclesásticas, consulados, profissionais de distintas áreas, despertando o interesse, a sensibilidade e o empenho pela causa. Outro elemento essencial é a promoção de festas, shows musicais, festivais, danças, celebrações, a fim de manter viva a cultura e a fé dos migrantes, favorecendo sua integração comunitária e social.

Esperança de Vida: uma Experiência em Saúde Alternativa

Em Rondônia, Brasil, a esperança é uma chama permanentemente acesa pelas Irmãs Missionárias de São Carlos Borromeo, Scalabrinianas, desde 1983, quando se instalou em Porto Velho, a primeira comunidade de Irmãs. A necessidade foi forjada pela presença de migrantes: famílias inteiras desterradas de suas origens, sobrevivendo em condições muito precárias, sem a mínima perspectiva de melhoria a curto prazo, mas com muita fé e esperança em dias melhores.

Foi essa a realidade encontrada pelas Irmãs: um Estado profundamente marcado pelo acirramento das desigualdades sociais que, apesar de fazer parte da floresta amazônica e ter muita riqueza em seu subsolo, não possuía uma estrutura social condizente com as necessidades de sua população.

Tal situação é ocasionada pela devastação da floresta amazônica, aliada a elevadas taxas de crescimento populacional, resultantes dos violentos processos de ocupação econômica iniciados na década de 70, que são reconhecidos como os maiores responsáveis pelos impactos sociais e ambientais e pelos graves problemas de saúde pública na região.

Em Porto Velho, o quadro epidemiológico é marcado pela malária, elevada incidência de dengue, de tuberculose e de hanseníase, dados que justificam plenamente a necessidade de um trabalho de saúde que se preocupe com as causas das doenças e não só com os efeitos, como acontece com os tratamentos alopáticos, empreendidos pela saúde pública.

A situação é agravada pela falta de saneamento básico e água tratada, o que aumenta a incidência de parasitoses intestinais, hepatite e leptospirose. O número de doenças cresce com a contaminação do lençol freático, uma vez que as famílias constroem suas moradias e, no mesmo espaço, perfuram poços semi-artesianos muito próximos das fossas sépticas, sem a assistência da saúde sanitária.

O serviço público de saúde é muito frágil - faltam médicos, enfermeiros e medicamentos. Nos postos de saúde há longas filas, o atendimento diário é reduzido e demorado. Nos hospitais, há péssimas condições de atendimento, pois faltam leitos, os pacientes excedentes são acomodados nos corredores e a alimentação é inadequada à dieta recomendada.

O chamado à missão

Fiéis aos ensinamentos de Jesus, “eu era migrante e me acolhestes em sua casa”, as Irmãs Scalabrinianas começaram um trabalho que imprime suas marcas na restauração da vida, enfrentando no dia-a-dia os desafios que requerem um espírito repleto de amor e caridade cristã, através da Pastoral dos Migrantes e da Pastoral da Saúde, investindo na conscientização política e cuidando da saúde dos migrantes, com os tratamentos alternativos.

Os tratamentos alternativos procuram devolver à pessoa as condições e o direito que o Criador lhe conferiu de curar as próprias enfermidades, através da purificação do sangue, da ingestão de água e chás, da aplicação de barro, de exercícios físicos, de jejuns, de dietas e urinoterapia.

Scalabrini exalta a alegria de poder ir ao encontro dos pobres, de libertar os oprimidos, enxugar as lágrimas dos que choram, enfim, de fazer um pouco de bem, cumprindo a nossa missão como cristãos. Essa missão é

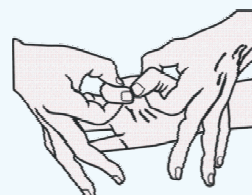
muito valiosa para a vida do outro, porque atende a uma necessidade de saúde, de eliminar um mal crônico, constante, doloroso, incômodo, que diminui a capacidade da pessoa viver, relacionar-se com os outros e ser feliz.

Tratando a saúde com métodos naturais

Em Porto Velho, sempre houve um trabalho na área da saúde, como uma alternativa para os que não podiam pagar ou não acreditavam em tratamentos alopáticos. Melhorou, ainda mais, quando as Irmãs Scalabrinianas tiveram o privilégio de, em 1993, conhecer o método revolucionário bioenergético, através de um curso realizado nessa cidade, oferecido pela Arquidiocese.

O *Bioenergético* é um método alternativo de tratamento de saúde natural que inclui diagnóstico, bio-teste e cura natural. Foi descoberto, nos Estados Unidos, e no princípio, foi chamado de “*Bi-digital*” ou “*Ring Test*”. O teste é feito com dois dedos, em movimento de anel (ver desenho). A difusão desse método alternativo de tratamento deu-se através do Dr. Áton, que o traduziu para o espanhol, sendo propagado por ele e pelo Pe. Renato Barth, SJ, na Nicarágua e, posteriormente, em toda a América Latina. Durante o teste se faz o diagnóstico e se verifica três aspectos fundamentais:

- que órgãos estão doentes;
- que doenças os afetam;
- que plantas, raízes, cascas e sementes são indicadas para o tratamento.



Nos casos mais graves são testados e indicados os banhos, os óleos, o uso da argila, a urinoterapia, etc... além da orientação para uma alimentação mais natural e saudável. É na natureza que os pobres encontram a própria cura, porque todos esses recursos podem ser encontrados no quintal de suas próprias casas.

O método bioenergético resgata a dignidade dos migrantes, através da cura advinda das plantas, retiradas da natureza, fonte suprema da vida, porque oferece um tratamento integral.

Os resultados

Hoje, temos certeza de que os tratamentos naturais vêm dando os melhores resultados, pois, diferente dos fármacos, não intoxicam e nem viciam o organismo.

As principais doenças tratadas pelas nossas equipes, em 5.142 pessoas atendidas, no período de 2001 a 2004, foram: malária, dengue, viroses, hepatite, diabetes, males do estômago e duodeno, doenças respiratórias, enxaquecas, verminoses, artrite reumática, osteoporoses, etc. A maioria das doenças tratadas são de origem tropical.

No atendimento diário, são identificados, também, muitos casos de hipertensão arterial, colesterol, triglicérides e inflamações diversas: ovário, cólon do útero, intestino e próstata. As pessoas que procuraram o tratamento alternativo e fizeram com constância a dieta recomendada conseguiram sucesso em sua cura. Muitas delas voltam para agradecer e relatar a importância da descoberta de uma alternativa no cuidado de sua saúde.

“Há mais ou menos cinco anos que venho fazendo o tratamento alternativo. Já fiquei boa da bronquite, reumatismo, gota e outras enfermidades. É o tratamento mais preciso, em que é diagnosticado, na hora, qual a doença que temos, enquanto que, na medicina, são feitos inúmeros exames e ainda muitas vezes não se consegue detectar a enfermidade. O importante, é que tudo é testado para saber o que o organismo aceita, pois muitas vezes toma-se um remédio que o organismo rejeita. Minha mãe também faz o tratamento e já ficou curada de psoríases no couro cabeludo. Também nos curamos de dengue, malária, viroses e outras doenças.”

(Vanda, 44 anos)



**Os tratamentos
alternativos
procuram
devolver à
pessoa as
condições e o
direito que o
Criador lhe
conferiu de
curar as
próprias
enfermidades...**

Há 8 meses eu estava com vários problemas de saúde, dentre eles a osteoporose e cirrose hepática, proveniente do consumo de álcool e gorduras. Hoje, já não sinto praticamente nada, minha saúde melhorou muito e tudo isso graças ao tratamento alternativo, através das ervas e com a contribuição da equipe de saúde alternativa. (Gedair Nolasco, 45 anos)

Os resultados de cura, alegram as Missionárias Scalabrinianas, pois as impulsionam a seguir adiante, uma vez que as pessoas curadas passam a divulgar essa boa nova. Vale ressaltar que, no tratamento alternativo, a pessoa crê em Deus e no valor medicinal das plantas e demais meios naturais que Ele nos legou, representando uma grande esperança, principalmente nos muitos casos sem solução com a medicina alopática.

O trabalho com os métodos naturais não é uma tarefa fácil pois exige paciência, escuta do outro, a fim de compreendê-lo em sua totalidade. Por trás de uma dor de cabeça ou de estômago esconde-se uma problemática existencial: estresse, depressão, carência, situação de conflito familiar, crise de valores e distanciamento de Deus. Essas realidades precisam ser partilhadas e acolhidas para serem libertadas. É o primeiro passo do tratamento, que é realizado com um carisma especial pelas Irmãs Scalabrinianas.

Uma vez que as pessoas estão dispostas a lutar por uma vida melhor, com mais saúde, abre-se para elas, uma esperança de melhoria a partir da ação do tratamento natural, tornando o trabalho muito gratificante, porque feito a um baixo custo e acessível a todos.

Outro aspecto importante diz respeito à possibilidade de multiplicação de agentes preparados para exercer esse trabalho em diversas comunidades, através de cursos e treinamentos que possibilitam a continuação do trabalho, independente do pequeno número das Missionárias Scalabrinianas presentes nesta região, sendo multiplicadores da cura para tantos migrantes doentes da localidade.

Essa experiência vem sendo também apoiada com a participação ativa de tantos *Leigos Missionários Scalabrinianos*, e outros voluntários da Pastoral da Saúde que acreditam no trabalho das Irmãs Scalabrinianas junto à comunidade, facilitando a prática evangélica proposta por Jesus: *“Eu vim para que todos tenham vida, e a tenham em abundância!”*.





IDE, Missionárias Velozes...

O intenso fluxo migratório de brasileiros ao Paraguai teve início no final dos anos de 1950. As correntes mais numerosas desencadearam-se no final da década de 1970. As Irmãs Missionárias

Scalabrinianas, fazendo-se solidárias e participando das buscas e desejos desses migrantes, chegaram ao Paraguai em 1974. Com eles, deram vida ao sonho de plantar, construir e encontrar nessas terras um futuro promissor.

Após os primeiros passos da Pastoral Migratória, na fronteira entre Brasil e Paraguai, em 1991, as Scalabrinianas se estabelecem em Assunção, capital paraguaia, onde iniciam a missão *Hogar Santa Librada*. O objetivo é oferecer alternativas de respostas, ajuda, apoio e formação a um grande número de jovens mulheres que migram do campo à cidade, em busca de emprego.

O Paraguai carece de políticas sociais e mantém altas taxas de desemprego e subemprego. O país é marcado pela miséria: 50% da população vive em condições precárias. Mesmo com a participação da mulher no mercado de trabalho, a tendência é a feminização da pobreza. As mulheres do campo, incrementaram sua participação na economia, porém, como trabalhadoras domésticas.

As maiores porcentagens de empregadas domésticas encontram-se nas áreas urbanas de Assunção. São jovens pobres, camponesas e indígenas, que falam o guarani. Não possuem instrução formal. Ao chegar à cidade sentem-se desorientadas. Para atendê-las, foi criada uma rede de informações no Terminal Rodoviário da capital. Através de contatos pessoais com a direção, funcionários, comerciantes e segurança pública, visa divulgar o serviço oferecido à mulher migrante, e chegar até ela antes dos chamados “traficantes de seres humanos” que, recolhem as jovens desprevenidas, levando-as à prostituição e outros trabalhos de exploração.

Aproximadamente 58,3% das jovens migrantes têm entre 14 a 25 anos. Destas, 22,1% se encontram na faixa entre 14 e 18 anos, e vivem em situação de grande vulnerabilidade emocional, afetiva, e de perda dos valores familiares.

Nesse fenômeno da migração campo/cidade, as mulheres se incorporam principalmente no trabalho doméstico e emprego informal, os quais não lhes oferecem nenhum amparo social e estabilidade econômica. Chegam com o sonho de encontrar melhores condições de vida. Logo, deparam com a dura realidade da cidade: hostilidade, insegurança, indiferença, rejeição e desprezo, pois são vistas como inferiores, devido à pobreza, o baixo nível de escolaridade e pelos traços de mulher do campo e indígena.

Visando superar essas dificuldades, o Hogar Santa Librada acolhe, temporariamente, a mulher migrante, através das seguintes atividades:

- acompanhamento no processo de integração e capacitação para o serviço doméstico;
- orientação às futuras empregadas e empregadoras quanto às leis trabalhistas, com encontros de estudo, reflexões e contatos pessoais;
- espaço de diálogo, escuta, orientação e apoio segundo as necessidades de cada uma;
- favorecimento do processo de integração na nova cultura e sociedade;
- formação humana, psicológica e espiritual com profissionais da área para melhorar a auto-estima, as relações interpessoais, e superar a relação de dominação que ocorre no contexto laboral;
- formação contínua para o serviço doméstico, tais como cursos de capacitação em cozinha, corte e confecção, manicure e pedicuro, estética e corte de cabelo;
- jornadas de formação espiritual, oração e celebração.

A missão da Irmã MSCS no Hogar Santa Librada é uma resposta atual ao carisma Scalabriniano. As palavras de Scalabrini confirmam esta realidade quando adverte: “O mundo anda veloz e nós não podemos nos deter pelo caminho”. Também continua sendo um desafio acompanhar e integrar as jovens migrantes na nova sociedade, sem que percam seus valores e sua dignidade de pessoas criadas à imagem e semelhança de Deus.

Todo Caminho se Inicia com um Primeiro Passo...

A Argentina é um país com 37 milhões de habitantes, dos quais a grande maioria é imigrante ou descendente de imigrantes. Isto a torna como um mosaico de raças em seus quatro pontos cardeais. A primeira leva de migrantes que vieram à Argentina eram provenientes da Europa. Entre esses, os espanhóis, ingleses, italianos, poloneses, portugueses, alemães, franceses, croatas, árabes, judeus. O segundo grupo de imigrantes e o mais recente, pode-se dizer dos latino-americanos provenientes dos países limítrofes como: chilenos, uruguaios, paraguaios, bolivianos, peruanos e brasileiros.

A presença das Irmãs Missionárias de São Carlos Borromeo, Scalabrinianas na Argentina, se deu a partir de 1978 quando chegaram as primeiras missionárias que puseram os alicerces destes 27 anos de missão. Desde sempre o trabalho e o empenho esteve voltado para o atendimento aos migrantes, principalmente na diocese de São Justo e Gregório de Laferrere. Através do serviço prestado na Cáritas diocesana, trabalha-se intensamente em favor da Pastoral Migratória, especificamente na radicação de migrantes, acompanhamento para a obtenção dos documentos e regularização, orientação jurídica e auxílio nas necessidades básicas. Entre tantas ações realizadas pelas Irmãs, destacamos as seguintes:

As Missionárias
acompanham o
fenômeno da
migração que se
intensifica no
interior do país
à capital federal,
principalmente
na grande
periferia de
Buenos Aires.



Animação da Pastoral Migratória

A missão se desenvolve a partir de uma equipe que se reúne todos os meses. Faz parte da mesma um representante das diversas comunidades: croata, polonesa, italiana, eslovena, paraguaia, espanhola, irlandesa, portuguesa, e outros leigos que apoiam o trabalho com os migrantes. Nas reuniões são partilhadas informações sobre as diversas comunidades, documentos da Igreja e outros artigos que nos ajudam na formação. Dois representantes participam da Comissão do Apostolado Leigo da Diocese. Posteriormente repassam as decisões às equipes.

Acompanhamento das comunidades étnicas

As Irmãs Scalabrinianas atuam junto aos grupos chamados de “coletividade”, isto é, comunidades étnicas presentes e organizadas na Argentina, que se reúnem por país ou por região. É assim que se busca acompanhar na Diocese de São Justo, as seguintes comunidades: croata, portuguesa, paraguaia, italiana, polonesa, boliviana, eslovena, através de atividades como animação de celebrações eucarísticas, novenas, peregrinações e procissões das festas dos santos padroeiros, além de reflexões, encontros culturais, tradicionais e religiosos, bem como, celebrações das festividades religiosas próprias de seus países.

Argentinos do Interior

As Missionárias acompanham o fenômeno da migração que se intensifica no interior do país à capital federal, principalmente na grande periferia de Buenos Aires. Constantemente os migrantes chegam em busca de trabalho, atendimento médico, moradia e educação. Muitos não têm documentação. Para responder a essa necessidade, as Irmãs prestam serviço de orientação e apoio para que possam renovar ou obter o registro de nascimento, certidão de matrimônio e carteira de identidade, e orientação para a consecução de um trabalho.

Emigrantes Argentinos

Com o agravamento da crise econômica e política dos últimos anos, a Argentina vem enfrentando uma série de dificuldades no âmbito social, o que ocasiona a forte onda migratória. São muitos os argentinos, principalmente filhos de imigrantes de segunda ou terceira geração, que pela difícil situação vivida, decidem procurar e forjar seu futuro em outros países como Espanha, Itália, Portugal, Israel, Alemanha, Holanda, México, Estados Unidos, Brasil. Com os familiares daqueles que partem são realizados encontros para apoiá-los e ajudá-los na busca de caminhos a fim de suportar a dor da distância, da solidão e da partida dos parentes.

Trabalho em Rede

Dada a extensão e magnitude do fenômeno migratório, realiza-se o trabalho em rede com organizações não governamentais, organismos estatais e a Igreja católica, para assim, encaminhar e orientar os migrantes segundo suas necessidades e dificuldades.

MOVHUM (Mobilidade Humana)

É o boletim da equipe de Pastoral Migratória da Diocese de São Justo que, há dois anos, nasceu na simplicidade de umas poucas folhas fotocopiadas. Hoje, o boletim é publicado a cada dois meses, e através dele, cada comunidade étnica pode partilhar os acontecimentos, a história e as celebrações de sua caminhada. O boletim MOVHUM é um meio importante para criar comunhão e unidade entre as diversas categorias de migrantes. Pode-se concluir dizendo que, para o “caminhante não há caminho, faz-se caminho ao andar.”

Presença Scalabriniana junto à Diversidade Cultural Boliviana

A Congregação das Irmãs Missionárias de São Carlos Borromeo - Scalabrinianas marca presença na Bolívia, desde 13 de março de 2002. Nossa missão consiste em coordenar a Pastoral da Mobilidade Humana, na arquidiocese de Santa Cruz de la Sierra.

Alguns aspectos da cultura boliviana

Bolívia, é um dos países mais pobres de sudamérica. Segundo o último censo, conta com uma população de 8.274.325 habitantes, distribuída em nove estados, que formam três regiões. O país possui a maior população indígena da América Latina. Os povos indígenas e nativos estão presentes em todos os estados do país e representam um 52% da população. O termo indígena não implica apenas um carácter racial, mas sobretudo, uma identidade sócio-cultural, uma pertença territorial e uma base idiomática.

O idioma é um dos principais elementos na área das relações e da convivência, exercendo fundamentalmente influência no processo de socialização e desenvolvimento dos povos. Na Bolívia há quatro idiomas oficiais: castelhano, quéchua, aymará e guarani. Um 50% da população é bilíngue, ou seja, fala castelhano e o idioma de seu grupo étnico.

A diversidade cultural boliviana é muito rica e extremamente complexa, tem uma forma própria de conceber a vida e sua relação com o meio e com o mundo. A terra é a "*Pachamama*", a "*mãe fecunda*", que faz parte da vida do indígena, e muitos não a podem possuir, por estar nas mãos dos grandes latifundiários, e ultimamente, transformou-se em ponto de conflitos.

Migração

A migração na Bolívia deslocou a 3.720.299 pessoas nos últimos anos. Destas 2.540.000 migraram para o exterior, e o restante permaneceram dentro das fronteiras nacionais. O abandono dos lares, terras, famílias, bens, costumes, cultura e identidade em busca de melhores condições de vida atinge especialmente aos moradores pobres das áreas rurais, mas também, aos seguimentos da classe média urbana.

Bolívia possui uma população essencialmente jovem. Os menores de 18 anos representam um 47% da população, e apenas um 4% está acima dos 65 anos, apesar das importantes mudanças nos últimos anos, enquanto taxa de fecundidade e de mortalidade.

O fenômeno das migrações obedece a causas estruturais e conjunturais do país. Os migrantes internos preferem como destino as principais cidades do país. A cidade de Santa Cruz aparece como a preferida pelos migrantes, recebendo um 25% de toda a migração do país. A região do altiplano boliviano é a principal região expulsora da população migrante. Santa Cruz se mantém como a região de maior atração para a migração, captando um 49% do total de migrantes gerados no país. O estado de Santa Cruz recebe a maior proporção dos imigrantes gerados no país.

Presença Pastoral

Como Missionárias Scalabrinianas desde o início de nossa presença, buscamos conhecer e acolher a realidade do povo boliviano, compreendendo sua cultura, rica em gestos, símbolos e tradição religiosa. Diante de uma realidade complexa e de grande desafio, planejamos a Pastoral da Mobilidade Humana, a partir de uma perspectiva inculturada, para responder às inquietações e necessidades, propondo-nos a:



- Organização, formação e capacitação de agentes para a pastoral da mobilidade humana nas paróquias.
 - Organização de uma comissão arquidiocesana para a animação da pastoral da mobilidade humana.
 - Criação de uma rede de apoio, com todas as instituições locais que trabalham, direta ou indireta a favor dos migrantes.
 - Criação de espaços de diálogos com os organismos de governo, para a realização de um trabalho conjunto, em busca de solução dos problemas relacionados com a documentação dos migrantes.
 - Trabalho com as instâncias governamentais para a criação de uma política pública municipal, para afrontar a demanda dos migrantes, especialmente, no relacionado à saúde e educação.
 - Acompanhamento e orientação para a obtenção da documentação de estudantes brasileiros que se encontram em Santa Cruz para estudos, principalmente, nas áreas de medicina e odontologia.
 - Acompanhamento e organização, em coordenação com a pastoral da mobilidade humana em nível nacional e a “*Unión Nacional das Comunidades Rurais em prol dos Direitos humanos*” (UNACODHI), da Guatemala, do retorno organizado e digno de um grupo de 33 famílias de refugiados que, há vinte anos, se encontram na Bolívia, e até o ano de 2003 não tinham nenhuma notícia de seus familiares na Guatemala. Se o processo correr bem, com a graça de Deus e das autoridades de ambos os países, até setembro 2005, todas famílias retornarão ao seu país. Outro grupo com o qual temos um trabalho significativo, é com um grupo de vinte cinco famílias chilenas, refugiados no tempo da ditadura do Pinochet, e que há trinta anos se encontram na Bolívia. O objetivo de ambos os grupos é lutar para que os países possam ressarcir os danos causados a estas famílias, que de forma direta ou indireta estão sofrendo as conseqüências do deslocamento forçado.
 - Organização e formação de uma comissão regional de pastoral da mobilidade humana, para atuar e articular a pastoral na fronteira, com o Brasil.
 - Apoio aos migrantes bolivianos que estão no exterior, para a obtenção de seus documentos na Bolívia, principalmente para obterem sua regularização migratória, nos países onde foram viver, tanto na consecução de certidões de nascimento como certificados de batismo.
 - Realização de Seminário-Oficinas, para capacitação e divulgação sobre a realidade migratória na cidade de Santa Cruz, como meio para que o tema seja discutido em todos as esferas pública, social e religiosa.
 - Presença nos meios de comunicação social, para fazer consciência sobre o fenômeno em Santa Cruz, trabalhando os valores da acolhida, solidariedade, e mostrando que migrar é um direito, sempre e quando, a migração seja espontânea e não forçada.
- A presença das Irmãs Missionárias Scalabrinianas apesar do pouco tempo em que estamos na arquidiocese de Santa Cruz, já passou a ser uma referência sobre o tema das migrações, em todos os âmbitos.

Missão Scalabriniana com os Deslocados da Violência

A Colômbia é um país predominantemente católico, e sofre há mais de 50 anos os efeitos da violência política. O confronto armado entre grupos à margem da lei, massacres, bombardeios, assassinatos seletivos e ameaças, dentre outros, geram a saída de milhares de camponeses para as zonas urbanas e as grandes cidades do país. Localizada na América do Sul, Colômbia conta aproximadamente com 42 milhões de habitantes. Sua capital é Bogotá, a língua oficial é o espanhol, e a moeda, o peso colombiano. Há anos o país vem enfrentado um agravamento da crise social e política, devido à guerra não declarada entre o estado e os grupos armados: guerrilhas e paramilitares que estão distribuídos estrategicamente em todo o território nacional. A lei do mais forte e o poder das armas prevalecem sobre o diálogo e os acordos.

Desde 1987, quando chegaram em Colômbia, as Irmãs Missionárias de São Carlos Borromeo, trabalham com os migrantes e com as pessoas em situação de deslocamento forçado, na Arquidiocese de Bogotá. Posteriormente, a missão foi ampliada à cidade de Santiago de Cali, onde a pastoral é realizada com a colaboração dos Leigos Missionários Scalabrinianos.

Atualmente, em Bogotá, desenvolve-se o trabalho pastoral em nível arquidiocesano, junto à Comissão de Pastoral da Mobilidade Humana. Bogotá com mais de 8 milhões de habitantes, é a cidade com maior índice de recepção de famílias migrantes e em situação de deslocamento. As pessoas ao vir à cidade grande, esperam encontrar segurança, ajuda, bem-estar e apoio das entidades do estado e de outras organizações da sociedade civil. Diante da difícil situação de deslocamento forçado, provocado pelo confronto dos grupos armados, as Irmãs Scalabrinianas iniciaram sua missão através da acolhida às famílias que fogem da violência, e a concretização de projetos e programas para atendê-las, tendo como base a pedagogia do Bom Samaritano.



Assistência Humanitária

Em resposta às necessidades de milhares de famílias obrigadas a abandonar suas propriedades e pertences devido à guerra, violência, terrorismo, opressão, discriminação e injustiça, as Irmãs Missionárias Scalabrinianas empreendem sua missão a partir de projetos de reconstrução da vida e dignidade da pessoa humana, centrado na reconstrução da vida familiar, não apenas como perda material, mas também, de sua dignidade como filho de Deus.

A acolhida, a solidariedade e a misericórdia caracterizam a ação das Scalabrinianas junto aos migrantes que procuram proteção para salvar suas vidas. Em muitas ocasiões, estes trazem apenas a roupa do corpo, pois a guerra e a violência não lhes possibilita levar os pertences. Na chegada, são acolhidos através do serviço realizado no *Terminal Rodoviário de Bogotá*, onde recebem orientação espiritual e apoio social. As famílias que permanecem na capital contam com o apoio do *Centro de Atenção ao Migrante - CAMIG*. São acolhidas, recebem acompanhamento psico-social, orientação espiritual e ajuda humanitária. Essa ação não se limita à assistência, mas promove a pessoa como ensina Jesus Cristo no Evangelho.

Promoção Humana

Com o objetivo de habilitar os migrantes à realidade urbana, foi criado o *Centro Pastoral e de Capacitação CEPCA*. Esse projeto oferece apoio integral a um grande número de pessoas interessados em se profissionalizar. A ênfase do trabalho está nos seguintes aspectos:

Formação pessoal: formação de liderança, participação cidadã, valores, auto-estima e perspectiva de gênero;

Capacitação técnica: semestralmente, oferece cursos para grupos de até 25 pessoas em

- **Beleza:** curso com duração de quatro meses. Os participantes adquirem habilidades para corte de cabelo, penteados e tintura. Após a capacitação, alguns conseguem trabalho em salões de beleza e outros administram seu próprio negócio;
- **Corte e costura industrial:** o curso ensina corte, confecção, costura em máquina plana e de desenho. Depois de formados, alguns são contratados em fábricas na capital, outros montam seu pequeno negócio ou vinculam-se ao sistema produtivo organizado pelo CEPCA;
- **Padaria:** o Centro conta com uma padaria didática, dotada com equipamentos e recursos para a capacitação. Os participantes aprendem a fazer pães, bolos e doces, habilitando-os para exercer uma profissão na cidade.
- **Manicure e pedicure:** as mulheres adquirem habilidades para arrumar e decorar unhas e cabelos. Uma vez habilitadas podem trabalhar em seus próprios domicílios ou em salões de beleza.
- **Artes manuais:** o curso ensina elaborar cartões, velas litúrgicas e decorativas. As pessoas que participam desta capacitação são vinculadas ao projeto do Centro;

Capacitação administrativa: oferece os elementos necessários para a gestão e administração de recursos econômicos, planejamento e execução de projetos;

Orientação espiritual: é um componente essencial para a promoção humana. Diariamente, as pessoas recebem apoio, orientação espiritual e catequese, que ajudam a fortalecê-las na busca e conhecimento de Jesus Cristo;



Geração de Renda

Atualmente, o CEPCA coordena, com três grupos de pessoas já capacitadas, projetos com a finalidade de obter recursos para a estabilidade econômica das famílias deslocadas:

Padaria: produção de lanches, salgadinhos, tortas e bolos para diversas ocasiões. Os mesmos são fornecidos a entidades privadas, colégios e universidades;

Velas litúrgicas e decorativas: fabricação de velas e círios que são comercializados nas paróquias de Bogotá;

Cartões e bolsas artesanais: são comercializadas em empresas, colégios, livrarias e armazéns da cidade. Os direitos de criação são exclusivos da Fundação;

Sistema produtivo de corte e confecção: a comercialização destes produtos é realizada no mercado da cidade, através da marca “*Feito a mão e com o coração pelas famílias deslocadas*”. Atualmente são confeccionados uniformes para empresas e colégios.

Desde a criação do CEPCA, no ano 2000, já foram capacitadas aproximadamente 1.050 pessoas. Esse trabalho provoca, nas famílias deslocadas, transformações pessoais que levam a assumir responsabilidades e lutar por seus direitos.

Formação de Agentes para a Pastoral Migratoria

Desde a chegada das Irmãs Scalabrinianas, implementou-se um processo formativo a partir do Evangelho, no que se refere à análise conjuntural da situação de deslocamento e sobre o contexto geral da pastoral da Mobilidade Humana, na arquidiocese de Bogotá.

Esse processo formativo é dirigido aos agentes das paróquias da arquidiocese: profissionais em diferentes áreas, estudantes, funcionários públicos e privados, diáconos permanentes, seminaristas, religiosas, sacerdotes e aos próprios migrantes que, em sua comunidade paroquial, obtêm a formação básica para atender de maneira efetiva e mística aos migrantes, e organizar a pastoral migratória nas paróquias das periferias da cidade.

A formação busca impulsionar e fortalecer através de treinamentos, seminários e conferências, o compromisso de serviço misericordioso aos migrantes, oferecendo aos agentes de pastoral migratória, formação humana, espiritual, apostólica e metodológica, apoiada sempre nos princípios evangélicos do amor e do serviço; o respeito pela dignidade da pessoa, a igualdade dos direitos e o respeito pelas diferenças, que lhes permita ser multiplicadores e animadores de pequenas comunidades em suas Paróquias.



Esse processo de formação inclui temáticas que conduzem à sensibilização, à formação e ao fortalecimento das ações pastorais realizadas nos diferentes lugares de trabalho. Entre as temáticas mais importantes estão: a história da salvação, a organização da Igreja local, plano de pastoral da mobilidade humana, as migrações na Sagrada Escritura, Doutrina Social da Igreja, a Igreja e sua missão junto aos migrantes, e a espiritualidade do agente de pastoral migratória.

Nos últimos anos, já foram capacitados aproximadamente 700 agentes de pastoral da Mobilidade Humana para:

- Brindar uma acolhida integral apoiada no respeito, solidariedade e escuta. Oferecer atenção humanitária de emergência e acompanhamento aos migrantes, pessoas em situação de deslocamento, itinerantes e turistas, que requerem cuidado pastoral imediato;
- Formar equipes de trabalho nas comunidades paroquiais, a fim de melhorar a qualidade de vida dos peregrinos e das pessoas em situação de deslocamento;
- Promover nas paróquias dos setores economicamente privilegiados a cultura da solidariedade diante do problema do deslocamento forçado, a fim de apoiar os programas da Pastoral da Mobilidade Humana nos setores marginais da cidade, onde o fenômeno se acentua;
- Ter uma visão clara da missão na Igreja e diante da situação de migração em que vive o país;
- Ser multiplicador do curso de formação de agentes de Pastoral, nas comunidades;
- Converter-se em voluntários e apoiar os programas dos centros pertencentes à *“Fundação de Atenção ao Migrante”*

Como fruto deste trabalho de formação Pastoral, criou-se, em 2003 o *Movimento dos Leigos Missionários Scalabrinianos*, constituído por representantes de diversas paróquias da Arquidiocese de Bogotá. O objetivo é formá-los na espiritualidade Scalabriniana, para que sejam multiplicadores da missão específica, no contexto de inserção local.

A missão das Scalabrinianas, em nível arquidiocesano, é um compromisso com todos e com Deus. Recebe apoio de sacerdotes, religiosas, assistentes sociais, psicólogos e leigos comprometidos que colaboram com as vítimas do conflito armado. Por isso, as Irmãs buscam ser luz que ilumina o caminho dos migrantes, no meio da escura e profunda dor que os acompanha em seu desenraizamento. A Scalabriniana representa uma pequena mão, amiga, que oferece apoio incondicional, no meio do abandono e indiferença do Estado. Fonte de amor e fraternidade para os irmãos em meio à difícil situação de violência em que vivem.

Presença de Acolhida e Solidariedade na Igreja Equatoriana

Com a missão de animar a Pastoral da Mobilidade Humana na Igreja do Equador, as Irmãs Missionárias Scalabrinianas, desde 1992, promovem a vivência dos valores evangélicos da solidariedade e da justiça. Através da acolhida e hospitalidade oferecida aos migrantes e refugiados, trabalham para integrá-los à vida eclesial e social, no respeito de sua identidade cultural e religiosa, incidindo em todos os espaços para uma mudança de atitudes.

As Irmãs têm a missão de acompanhar, coordenar e animar os trabalhos realizados pela Pastoral da Mobilidade em todo o país. Esse é o espírito que move o serviço aos migrantes e refugiados em sua difícil condição.

Na década de 1980, na região austral do Equador, acentuou-se a migração para o exterior, especialmente aos Estados Unidos. A partir de 1990, essa emigração intensificou-se em outros locais do país, devido à sua difícil situação econômica e política. Essa nova onda migratória buscou novos destinos, sobretudo, à Espanha e Itália.

Desde os anos sessenta e setenta, com as ditaduras militares e crises ocorridas na América Latina, o número de pessoas em busca de refúgio vem aumentando, no Equador. Esse fenômeno se intensificou no ano 2000, quando milhares de colombianos ingressaram no país, através da extensa fronteira terrestre, em busca de proteção e amparo da comunidade internacional.

Acompanhamento às Dioceses

Nesse contexto, as Irmãs Missionárias de São Carlos Borromeo, Scalabrinianas, através da Conferência Episcopal, trabalham com os migrantes e refugiados. O acompanhamento às dioceses fortaleceu a rede interna da Pastoral da Mobilidade Humana organizando e formando equipes. O objetivo é favorecer um serviço mais qualificado e facilitar a coordenação e o diálogo com a sociedade civil e o governo.

Num mundo em que crescem as barreiras para a livre circulação de seres humanos, dentre elas a intolerância e a xenofobia, a hospitalidade deve ser o coração daqueles que trabalham com os migrantes e refugiados. A hospitalidade, enfoque central da formação, parte da acolhida ao núcleo familiar, para alcançar a dimensão social, eclesial e mundial. Essa hospitalidade busca ser ecumênica, a fim de fazer da *casa-mundo*, uma casa para todos.

Os serviços de acolhida informam os migrantes e refugiados sobre os seus direitos e promovem uma autêntica solidariedade nacional. A ação de sensibilizar a sociedade acerca da realidade migratória é realizada através da celebração da semana do migrante e refugiado, utilizando os meios de comunicação e as publicações próprias da pastoral.

Outra atividade é a reivindicação perante as autoridades, instituições e pessoas para um tratamento respeitoso aos migrantes e refugiados, a proteção de seus direitos e a formação das autoridades referentes aos direitos humanos.

Ação com os Refugiados

O Comitê Pró Refugiados da Conferência Episcopal Equatoriana, em parceria com organismos de amparo internacional como o ACNUR, contribui na acolhida e assistência material e espiritual aos refugiados.

Com o passar dos anos, o Comitê sob a coordenação das Missionárias Scalabrinianas fortaleceu sua missão pastoral ampliando a ação no atendimento aos colombianos, provenientes do fluxo maciço de vítimas do conflito armado.

A acolhida solidária da Igreja se manifesta no cotidiano através do acompanhamento às pessoas em situação de vulnerabilidade, na defesa de seus direitos e na promoção de sua dignidade. Expressa-se também, na busca permanente de assistência humanitária, de procedimentos jurídicos para reconhecer a condição de refugiados e obter sua integração local.

As Irmãs Missionárias Scalabrinianas acompanham esses homens e mulheres através da escuta, do respeito à sua identidade, facilitando a integração e desenvolvimento, como sujeitos da história e verdadeiros filhos de Deus. Empenham-se na concretização da solidariedade e na defesa de políticas públicas justas. Comprometem-se em assisti-los na caminhada, para que seja uma viagem de esperança e não de desalento, e para que no local de chegada, saibam que já não são estrangeiros, mas membros da família de Deus.



Os serviços de acolhida informam os migrantes e refugiados sobre os seus direitos e promovem uma autêntica solidariedade nacional.



Missionariedade Scalabriniana

Honduras se encontra no centro do continente americano. Isso lhe dá grandes vantagens em relação ao comércio marítimo, pois, geograficamente, se limita com os oceanos Pacífico e Atlântico. Sendo assim, no dizer popular é o “umbigo do continente”. Os hondurenhos vivem num mar de crises, com um aumento acentuado de preços, sobretudo, dos produtos básicos: combustível, serviços públicos, saúde, educação, etc...

O último censo realizado em 2003 estima que a população de Honduras é de 6.766.185 habitantes, dos quais 49% são homens e 51% mulheres. O índice de pobreza extrema é de 47% em nível nacional; de cada cinco pessoas, uma não sabe ler nem escrever. O maior índice de analfabetismo está entre os adultos maiores de 35 anos. Diante dessa realidade, pode-se dizer que é um país potencialmente feliz, mas cheio de tristezas.

O alto custo de vida, a instabilidade social e as nulas oportunidades de emprego obrigam os hondurenhos a buscarem novos horizontes em outros países, para ganhar a vida. Por outro lado, os migrantes recebem um tratamento desumano por parte dos coiotes - traficantes de pessoas - quando se aventuram no famoso sonho do norte, ao cruzar as fronteiras. A migração massiva de hondurenhos aos Estados Unidos está modificando os rostos, idades e hábitos das pessoas, pois onde viviam grandes famílias, hoje encontramos casas desabitadas, velhos abandonados e crianças órfãs de pais vivos.

Scalabrinianas em Honduras

Desde 1991, as Irmãs Scalabrinianas marcam presença em Honduras. Essa missão foi assumida a pedido da Conferência Episcopal, que solicitou à Congregação para assumir e organizar a Pastoral da Mobilidade Humana no país.

A missão scalabriniana consiste em anunciar o Evangelho através da promoção e capacitação das pessoas em mobilidade, da coordenação de esforços em favor dos migrantes e apoio para o fortalecimento das organizações de base. Além disso, motiva-se os migrantes para que sejam protagonistas de sua história e se realizem como pessoas e cidadãos, guiados pelos valores da solidariedade, justiça, respeito e convivência fraterna.

As Irmãs Scalabrinianas coordenam e animam atividades pastorais junto às paróquias e dioceses. Atuam na formação sobre a temática migratória, produção e divulgação de materiais de capacitação e investigação, apoio e assessoria para a organização de grupos de base e atenção humanitária imediata aos migrantes deportados dos Estados Unidos. Apoiam, inclusive, o favorecimento de processos de reinserção de migrantes na sociedade e na Igreja, ajudam na construção de redes de solidariedade e promovem os direitos humanos dos migrantes.

O carisma scalabriniano, atualmente, tem raízes profundas em terras hondurenhas. O núcleo de Leigos Missionários Scalabrinianos LMS, trabalha com as Irmãs desde 1999, nos diferentes serviços com os migrantes. Além disso, a animação da pastoral vocacional motiva muitas jovens para integrarem a família religiosa Scalabriniana.

Motivando a solidariedade e o trabalho conjunto

A presença das Irmãs motiva a realização de um trabalho coordenado entre Igreja, sociedade civil e governo hondurenho. Para o pleno desenvolvimento da missão, pode-se dizer que as atividades são realizadas a partir de três áreas:



Igreja:

- realização de encontros nacionais de formação de agentes para a Pastoral da Mobilidade Humana;
- acompanhamento do processo através de visitas às dioceses do país;
- sensibilização sobre o fenômeno migratório através dos meios de comunicação social;
- prestação de serviços humanitários e de promoção humana dos migrantes deportados via terrestre, na fronteira com a Guatemala e El Salvador, através da “*Casa do Migrante*”;
- participação na Rede de Pastoral da Mobilidade Humana da América Latina, na região centro americana;
- participação da Rede Regional para as Migrações como referência para a organização das Nações Unidas, enquanto proteção dos Direitos Humanos dos Migrantes.

Sociedade Civil:

- parceria com o *Fórum Nacional para as Migrações em Honduras*, rede composta por 29 instituições, que incide junto ao governo sobre o tema das migrações, para que implemente políticas públicas em favor dos migrantes, e junto à *Rede Regional para as Migrações*. Por meio dos “*Comitês de Migrantes e suas Famílias*” são fortalecidos os grupos de base, através da capacitação e formação de líderes, gestão de recursos, organização e participação política, partilha de experiências e na busca dos migrantes hondurenhos desaparecidos, em Guatemala e México.

Governo:

- O *Centro de Atenção ao Migrante Retornado* CAMR oferece acolhida e cursos de promoção aos deportados, com recursos econômicos do governo, da agência internacional de ajuda e da Congregação das Irmãs Scalabrinianas, favorecendo a integração dos migrantes que são deportados, via aérea, desde os Estados Unidos. Coordenam-se, também, ações em prol dos menores migrantes, e projeta-se a abertura de um *Stela Mavis*, para atender aos marítimos de passagem pelo Porto Cortés, em Honduras.

Fronteira Norte: Pequenos Oásis no Caminho dos Migrantes

“**A**s estatísticas revelam dados muito altos, porém, o fenômeno migratório parece não ter chegado ao topo...”, estas palavras do Bem-aventurado Scalabrini, pronunciadas em sua primeira conferência sobre as migrações em 1891, é de uma atualidade expressiva, dado que esse fenômeno continua crescendo em todo mundo.

México, que até pouco tempo era inexpressivo em relação à temática da migração, converteu-se, nas últimas décadas, em um dos países mais relevantes, sobretudo por sua posição geográfica, e por suas 172 portas de entrada por via aérea, marítima e terrestre, aos Estados Unidos.

Como país de origem, aparece no cenário mundial das migrações nos anos 40, com o “programa trabalhador braçal” que foi uma negociação iniciada no contexto da segunda guerra mundial, e que se prolongou por mais de vinte anos. Antes desse período, muitos mexicanos saíam para trabalhar na construção de rodovias ou ferrovias, nas indústrias de aço de Chicago e nas fábricas de automóveis em Detroit, nos Estados Unidos.

Nos anos 80, recebeu grande quantidade de refugiados guatemaltecos nos Estados de *Campeche e Quintana*



Rôo. Hoje, México continua sendo um país de origem, de trânsito e de destino de migrantes. Como possui mais de três mil quilômetros de fronteira terrestre com os Estados Unidos, é um país estratégico para os migrantes nacionais e de todos os pontos do mundo que buscam chegar ao “Norte”.

Como a maioria desses migrantes são indocumentados, se torna difícil cruzar por terra todo o país, já que não há recursos suficientes para a viagem e a realização da travessia. Muitas vezes ficam nas praças das cidades, sobretudo nas portas dos templos, esperando ajuda para poder continuarem suas peregrinações.

Foi considerando a realidade dessa migração, que entraram em cena as Missionárias de São Carlos Borromeo-Scalabrinianas. Um contexto de tanta mobilidade e a sensibilidade pastoral por parte de alguns Bispos, foram os instrumentos utilizados pelo Senhor para que as Irmãs, ampliando o espaço de suas tendas, iniciassem uma pastoral específica nesse país.

Presença Scalabriniana Feminina no México

Em 1985 chegaram em Tijuana, cidade fronteiriça com os Estados Unidos, as primeiras missionárias Scalabrinianas, dando continuidade ao mandato feito pelo Bem-aventurado Scalabrini, aos seus missionários quando partiam para a América: “Ide por todas as partes do novo mundo, porque não existe um povo mais humilhado que o nosso, e porque lhes esperam pessoas que os necessitam...”.

Como no início da Congregação, aqui também fez-se necessária a presença feminina, pois, em Tijuana chegam muitas mulheres com crianças, população migrante mais vulnerável, que não contava até então, com o apoio físico e moral de alguém. Considerando a situação dessas pessoas, e analisando qual seria a melhor forma de prestar serviços apostólicos e específicos às pessoas em mobilidade nessa realidade, foi construído o “*Centro Madre Assunta*”, que atende desde 1994, mulheres e crianças migrantes. Seu objetivo principal é oferecer acolhida digna às mulheres e crianças migrantes, para que encontrem um lugar onde hospedar-se, compreensão, apoio, ajuda material, moral e psicológica, em sua peregrinação rumo à “terra prometida” e possam reencontrar-se com Deus e com pessoas que os amem como a si mesmas, reabastecer-se e continuar seu caminho na busca da meta de superação econômica e social. Neste ambiente se vive e se testemunha o que apresenta o evangelho: “Tive fome e me destes de comer; tive sede e me destes de beber; era peregrino e me acolhestes”.

Em seguida, nasceu a iniciativa do *Albergue São Vicente*, na cidade de Ensenada, o qual recebe migrantes internos de ambos sexos que buscam trabalho nas chamadas “*maquilas*” (fábricas americanas em terras mexicanas), como forma de obter sua subsistência. Eles encontram um espaço para descansar, alimentar-se, buscar orientação sobre sua situação migratória, acerca dos perigos que correm ao cruzarem, indocumentados, as fronteiras, os riscos que enfrentarão e que medidas devem tomar para que não arrisquem sua vida ou não sejam criminalizados no seu afã de querer encontrar um trabalho bem



remunerado. Os dois centros de acolhida, citados acima, contam com serviços médicos, de evangelização, bolsa de trabalho, e defesa dos direitos humanos, por isso, são referências, onde a presença feminina scalabriniana torna viva e presente “o serviço evangélico e missionário aos migrantes mais pobres e necessitados”.

Na Baixa Califórnia, as Scalabrinianas estão nas cidades de Tijuana e Ensenada. Nesta última, as Irmãs atendem especialmente os migrantes agrícolas, pessoas provenientes de comunidades indígenas e que procuram as temporadas de colheita nos vários estados do México. Oferecem serviços de assistência social, de orientação sobre seus direitos, além de evangelizá-los.

Em Tijuana, as missionárias promovem a defesa dos direitos humanos dos migrantes que são deportados ao México e daqueles que são detidos ao cruzar, indocumentados, a fronteira com os Estados Unidos. A presença da Scalabriniana exorta a ambos os países, para que reflitam sobre as vigilâncias realizadas na fronteira, responsável pela morte de muitos migrantes, já que não lhes restam outra alternativa: de cruzar pelo deserto ou pela montanha. Participam de fóruns, grupos e conselhos que têm como objetivo a busca do bem-estar dos migrantes.

As Irmãs MSCS organizam grupos de Leigos Missionários Scalabrinianos que trabalham em benefício dos migrantes. Atualmente, apoiam diversas famílias de operários que fixaram moradia em Tijuana. Essas foram atraídas pelas indústrias americanas que têm suas grandes fábricas nesta cidade.

As Irmãs Missionárias Scalabrinianas também chegaram à *Ciudad del México*, em 1993, para ajudar as pessoas em trânsito, através do escritório de serviço ao migrante na Arquidiocese, e marcar presença em âmbito nacional, por meio da Comissão Episcopal para a Pastoral da Mobilidade Humana, na Conferência do Episcopado Mexicano. A Irmã que atua nessa função está a serviço das dioceses do país, seja motivando-as para que incluam a pastoral onde ainda não existe, seja acompanhando àquelas que contam com essa pastoral organizada. As Missionárias têm a função de animar e coordenar a ação da pastoral da mobilidade humana na Igreja Católica mexicana. Como Comissão, motiva, promove e organiza a celebração da Jornada Nacional do Migrante, o encontro anual de formação dos agentes de pastoral do país, a publicação do boletim trimestral, além de manter contato com organismos governamentais e organizações civis afins.

Na *arquidiocese de Ciudad del México* a missão se caracteriza junto aos migrantes em trânsito, e com os que estão detidos na Estação Migratória do México, através de programas de acompanhamento espiritual, moral e serviço jurídico. Em colaboração com outras dioceses, realizam-se cursos de formação para agentes de pastoral migratória e eventos de sensibilização, como, por exemplo, a jornada de oração pelos migrantes que morrem na fronteira.

Devido à grande quantidade de migrantes em trânsito no país, existem aproximadamente 60 casas de acolhida, a maioria da Igreja Católica. Dessas, duas são administradas pelas Irmãs.

A presença das MSCS se dá, também, através das *casas de formação* nas etapas do aspirantado, postulante e noviciado, em Guadalajara e Tijuana. As jovens interessadas à vida religiosa scalabriniana conhecem o carisma de serviço ao migrante e se preparam através do estudo, reflexão, oração e experiências apostólicas, para assumir o “*Ser Migrante com os Migrantes*”.

A situação dos irmãos e irmãs que estão a caminho é um constante chamado às Missionárias Scalabrinianas para que o amor seja sem fronteira, a disponibilidade sem limites, o sim sem um “porém”, a doação completa, até dar a vida, assim como o co-fundador Pe. José Marchetti, “fazendo-se tudo para todos”, a fim de ganhar todos para Cristo como sempre almejou o bem-aventurado Dom Scalabrini.

Seu objetivo principal é oferecer acolhida digna às mulheres e crianças migrantes...



Presença de Fé e Vida entre os Órfãos e a Criança Migrante

Desde que as Irmãs Missionárias Scalabrinianas chegaram em Ressano Garcia, Moçambique, em abril de 1994, foram identificadas uma série de problemas característicos de uma cidade fronteiriça. Uma das prioridades da missão foi e continua sendo a acolhida, atenção e o amor às crianças carentes, órfãs, indocumentadas e vulneráveis, para que tenham vida mais digna.

No início da missão atendiam órfãos, vítimas dos 17 anos de guerra civil que assolou o território moçambicano. Aproximadamente 90% das crianças eram órfãs de pais que desapareceram ou morreram na guerra. Outros, filhos de pais cuja pobreza os levou ao desânimo, à angústia e à morte e, outros ainda, de pais que não assumiram a paternidade.

Atualmente, as estatísticas de órfãos e crianças de rua aumentam assustadoramente, pois vitimam seus pais a pandemia da AIDS. Muitos deles, procedentes de outras províncias e impedidos de ingressar na África do Sul, permanecem em Ressano Garcia. Ali, procuram abrigo nas barracas, passam a noite na estação ferroviária ou na rua. Apesar de indocumentados, conseguem violar a fronteira através de trabalhos ilícitos e, inclusive, em troca de exploração sexual. A maioria não é alfabetizada.



As Irmãs, atentas ao clamor dessa realidade e acolhendo o pedido da Igreja de Moçambique, iniciaram uma obra Scalabriniana, segundo o carisma, priorizando o migrante mais pobre e desamparado, através da construção de um Centro de Acolhida e Promoção Humana da Mulher, Criança e do Migrante, desenvolvendo os seguintes projetos:

Centro de Acolhida

Tem a finalidade de acolher e promover os meninos órfãos que vivem nas ruas, abandonados ou fugidos de casa. O Centro foi construído com esforço, sacrifício, grandes caminhadas, à base da picareta, picão e pá. A carência de meios, em especial de água, que era trazida de longas distâncias e com alto custo.

Iniciou-se com 10 internos e 40 meninos de rua. Atualmente, a obra atende 36 meninos cuja idade varia de 4 a 16 anos. Eles recebem alimentação, vestuário, educação, assistência médica, tratamento psicológico, boa convivência, enfim, um lar. Alguns vieram transferidos dos orfanatos do governo, outros, são órfãos cujos pais faleceram vítimas do HIV/SIDA e outras doenças. Há, também, algumas meninas em famílias substitutas vivendo na própria Vila, as quais recebem estudo e alimentação no Centro.

O número de órfãos tende a aumentar devido aos infectados pelo HIV e doentes de AIDS. Necessitam de acompanhamento da equipe de colaboradores do Centro João Batista Scalabrini. Trazem consigo marcas dos maus tratos, abandono, fome, medo, violência, abusos sofridos dentro de suas famílias ou nas ruas. Por isso, alguns têm dificuldade de relacionamento com o grupo, se isolam, são inseguros e apresentam pouco rendimento escolar. Outros, adquiriram força e amor suficientes para se sentirem livres e capazes de superar o que sofreram num passado não muito distante.

Escola João Batista Scalabrini

A Escola conta com 467 alunos, do pré a 5ª série, dos quais 152 são órfãos externos que vivem com algum familiar ou em famílias substitutas. Recebem alimentos do Programa Mundial de Alimentação através de um grupo preparado pelas Irmãs.

A maioria dos alunos são crianças, adolescentes e jovens desfavorecidos, indocumentados e fora da idade escolar. Encontram-se nessa situação pela necessidade de trabalhar para ajudar no sustento da família, o que os leva à desistência, pouca frequência e insucesso nos estudos. Uma característica de grande parte desses estudantes é a dificuldade de aprendizagem, devido a fome e a desnutrição. Apresentam ainda, forte tendência a desvios de comportamento, roubos, drogas e prostituição.

Projeto de Promoção da Mulher

Tem por objetivo oferecer formação humana, profissional, resgatar a auto-estima, possibilitar o trabalho em cooperação e o auto-sustento. As participantes, viúvas, mães solteiras, adolescentes grávidas e meninas exploradas sexualmente, recebem aulas de alfabetização. Descobrem suas habilidades através de cursos de corte e costura, bordado, tricô, crochê, tapeçaria e artesanato. Periodicamente, recebem orientações sobre nutrição, prevenção e cuidados com higiene, doenças sexualmente transmissíveis e HIV/AIDS. A mulher moçambicana, em especial, a menina, é explorada em todos os sentidos.



Aviário:

Tem como objetivo habilitar os órfãos internos nos cuidados com a avicultura, oferecer suporte nutricional na alimentação das crianças e ser fonte geradora de receita para o Centro.

Padaria:

Visa garantir um pão de qualidade para o sustento dos órfãos, envolvendo-os na produção e aprendizagem da profissão.

Carpintaria:

Busca habilitar os meninos internos, alunos e jovens à profissão de carpinteiros e contribuir para a manutenção e sustento dos meninos órfãos e dos outros projetos do Centro.

Projeto Pfukane

Em parceria com o Agência Canadiana de Saúde, orientamos a comunidade sobre a pandemia da AIDS. Um grupo de ativistas recebe, periodicamente, formação e auxiliam no serviço voluntário de prevenção, aconselhamento e cuidados aos doentes. Também apoiam os órfãos nas famílias substitutas, e acolhem os repatriados. Semanalmente, são despejados na fronteira, mais de 1000 deportados da África do Sul, dos quais, 95% são jovens, entre eles, senhoras e menores, que chegam através da rede ferroviária.

As Irmãs Scalabrinianas procuram ser presença de vida, esperança e acolhida, descobrindo o Deus encarnado dentro dessa história de dor, ouvindo, acompanhando e atendendo cada necessidade. Em comunhão com a equipe de monitores do Centro, as Irmãs procuram restabelecer um novo relacionamento de afetividade com as crianças órfãs, nas mais diferentes situações diárias: no levantar, na higiene, na alimentação, na orientação e no gosto pelos trabalhos, na saúde, nos cuidados pessoais, na educação, no atendimento personalizado, nas atividades artísticas e de lazer, na entre-ajuda e na evangelização.

A missão possibilita uma educação libertadora aos órfãos, e os ajuda a despertar para a vivência comunitária e fraterna, oferecendo uma proposta educativa global e dinâmica, através de um relacionamento de amizade procurando cultivar momentos de encontros, formação de base, atividades diversas para a recuperação de suas identidades e para que tenham um futuro mais feliz.

Uma das prioridades da missão foi e continua sendo a acolhida, atenção e o amor às crianças carentes...



Manter Viva a Fé e a Esperança do Povo Haitiano e Dominicano

República Dominicana conta, atualmente, com 8,9 milhões de habitantes, dos quais 60% vivem em condições de pobreza. O país partilha com o Haiti a chamada Ilha Espanhola, e durante quase um século a cana-de-açúcar representou a principal fonte de atração e renda do lugar. Essa indústria demandou grande quantidade de mão-de-obra não qualificada, sendo mais de 50% proveniente do Haiti.

Na região leste do país, o número de imigrantes é bastante elevado, devido à presença de diversos engenhos de açúcar que, enquanto estavam em funcionamento, utilizavam a mão-de-obra barata dos migrantes. Cerca de 90% do trabalho nos engenhos estatais era realizado por haitianos indocumentados, os quais sobrevivem até o momento em barracões, sem água potável, energia elétrica, atendimento médico, educação, trabalho, justo salário e aposentadoria. A presença haitiana sempre foi marcada por contratos discriminatórios e preconceituosos, o que dificulta sua integração à sociedade dominicana.

Com a venda dos engenhos estatais, o setor privado vem realizando o processo de mecanização do corte de cana. A mão-de-obra haitiana é cada vez menos significativa. Nas comunidades, a miséria e o desemprego continuam se agravando. As pessoas, tanto do meio rural quanto urbano, procuram diariamente formas de sobrevivência, realizando trabalhos alternativos na construção, agricultura, indústria, turismo e mercado informal.

Ultimamente, cresce o êxodo rural, fenômeno que ocorre pela falta de incentivo agrícola por parte do governo e o desenvolvimento da zona franca industrial e do turismo. Há 30 anos, mais de 60% da população vivia na área rural. Hoje, o homem do campo, sem preparação e incentivos governamentais, vê-se obrigado a buscar o sustento da família na cidade. Quando não consegue um emprego, acaba dedicando-se ao comércio informal, ao livre transporte público (em motocicleta), aos trabalhos domésticos e, sem distinção de sexo e idade, à prostituição, principalmente, nas esferas do grande turismo.

Corredor das Migrações

República Dominicana é um país de intensa migração. Nos últimos anos, vem sendo usado como ponte ou corredor para a chegada a outros países. Muitos dominicanos arriscam suas vidas e muito dinheiro para empreender viagens ilegais em pequenas embarcações chamadas “yolas”, através do “Canal de la Mona”, região marítima que separa a República Dominicana da ilha de Porto Rico. O objetivo é emigrar posteriormente aos Estados Unidos, em busca de melhores condições de vida tanto pessoal, quanto familiar. São muitos os enganados pelos vendedores de falsos sonhos.

Defesa e proteção dos direitos dos migrantes

A presença da Missionária Scalabriniana junto a essa realidade, iniciou-se em 1991, com o objetivo de defender e proteger os direitos humanos. No começo, o trabalho era desenvolvido de forma direta com os imigrantes haitianos. Com o tempo, diante dos prejuízos e enfrentamentos culturais na região, passou a ser realizada também, uma ação pastoral junto à comunidade dominicana, exercendo a missão de estabelecer pontes e gerar comunhão entre as duas culturas.

O trabalho é feito em conjunto com a Igreja diocesana em nível nacional, com outras instituições não governamentais do país e com o apoio de instituições internacionais, através de projetos e voluntariados, para atender à população migrante. Nesses últimos anos, foi constituída a rede regional de defesa dos direitos humanos, formada por 25 comunidades com tendência de crescimento anual.

As Scalabrinianas desenvolvem sua missão na área jurídica, de saúde, educação e formação humana e cristã para os agentes multiplicadores nas comunidades. São atendidos diferentes situações de pessoas com problemas trabalhistas, de títulos de propriedade, residência permanente como estrangeiros, documentação de imigrantes adultos e legalização de seus filhos nascidos no país. Através da conscientização comunitária, formação de promotoras e conselheiros, desenvolve-se um trabalho de prevenção e acompanhamento aos doentes para aos hospitais, assegurando-lhes um atendimento sem discriminação.

A cada ano, recebe-se colaboração de voluntários de distintas ONGs e arquidioceses, provenientes de países como: Espanha, Estados Unidos e Cuba. Os voluntários permanecem por um certo período, que pode variar entre um e três meses nas comunidades, contribuindo para o fortalecimento do trabalho pastoral na formação humana, cristã, jurídica e de saúde. A Pastoral da Mobilidade Humana nacional, em coordenação com a Rede Nacional dos Direitos humanos e a CRS (Catholic Relief Services) acolhe os dominicanos deportados dos Estados Unidos.



Organização e Promoção da Mulher Migrante

Devido à crescente migração interna na região leste do país, e a dificuldade de organizar os migrantes na área urbana, realiza-se uma experiência junto às mulheres trabalhadoras da indústria têxtil. Através da reflexão dos temas: o valor de ser mulher, a auto-estima, a tríplice jornada de trabalho e a defesa de seus direitos, a meta é a organização da mulher migrante dentro de seu novo espaço de trabalho.

Como ponto referencial para a pastoral da mobilidade humana, a Congregação está construindo um Centro de Atenção e Acolhida para os migrantes, para favorecer a missão de evangelização e promoção das pessoas que se encontram em situação difícil no contexto da migração.

Diante dos atuais questionamentos sobre os crescentes movimentos migratórios, essa missão passa por um processo de fortalecimento. Remetemo-nos à estação de Milão, em união às inquietações do Bem-aventurado João Batista Scalabrini, quando via seu povo arriscar-se em busca de vida digna. Compartilhamos o mesmo desejo de manter viva a fé e a esperança desse povo peregrino, e mais do que nunca, sentimos que a mão de Cristo nos conduz e Ele mesmo se faz companheiro de caminhada, revelando Seu Rosto através do migrante.



Presença Profética junto à Comunidade Filipina

Após os ataques terroristas de 11 de setembro de 2001, nos Estados Unidos, as leis americanas referentes à migração, tornaram-se mais rígidas. Os migrantes indocumentados foram destituídos de direitos humanos elementares.

Para a Irmã Missionária de São Carlos, Scalabriniana, que reflete sobre os sinais mais gritantes do seu tempo, não resta outro papel que o de ser voz profética dos marginalizados que se encontram dispersos pelo mundo. Dessa urgência, nasceu o grupo “*Catholic Organization for Migrant Equity*” - COME.

A *Organização Católica pela Equidade dos Migrantes*, criada em 1998, no estado de Maryland, Estados Unidos, foi fundada, constituída por voluntários, em resposta à situação dramática de uma filipina que trabalhava como empregada doméstica e alegava ter sofrido abuso sexual por parte do patrão. Atualmente, os membros da organização são de diferentes comunidades paroquiais da cidade de Chicago. Eles atuam na assistência aos migrantes e imigrantes, independente de raça, cor ou credo. A resposta fundamental da COME é de compaixão e acolhida para com o estrangeiro, em consonância com a mensagem de Jesus no Evangelho de Mateus: “Eu era peregrino e me acolhestes”.

Por meio da realização de fóruns sobre migração, em Maryland e Chicago, a organização cumpre a missão de educar o público. Muitos dos que freqüentam os fóruns são filipinos, e pessoas de outras etnias. Representantes da Igreja nacional e local, integrantes do governo e pessoas da iniciativa privada, que lidam com questões de migração, participaram dos encontros.

Também são promovidas, periodicamente, campanhas de defesa jurídica aos migrantes por meio de contatos com autoridades governamentais, em nível municipal, estadual e federal. O objetivo é apoiar todas as legislações que beneficiam os migrantes, e manifestar oposição às leis que restrinjam ou dificultem a imigração.

O Papel das MSCS

As Irmãs Scalabrinianas, como mulheres consagradas vêm dando provas de que caminham com os migrantes na realidade onde estão inseridas. O conhecimento do fenômeno migratório, a vivência da mensagem evangélica de acolhida ao estrangeiro e fidelidade ao carisma, permite às MSCS respostas criativas às necessidades e desafios da migração.

A missão da missionária scalabriniana na “Organização Católica pela Equidade dos Migrantes”, é aquela de animar, orientar e formar o grupo de voluntários para que participem ativamente do processo de atendimento aos migrantes, de acordo com a espiritualidade da Congregação, documentos da Igreja e legislação migratória.

Os Voluntários Leigos

A maioria dos integrantes do grupo são filipinos que já sentiram de perto, o que significa estar em terra estranha, em uma nova cultura e longe das pessoas queridas. Essa experiência os torna mais sensíveis e acolhedores para com os recém-chegados. Apesar dos compromissos pessoais, dedicam tempo às



reuniões e à reflexão, partilham seus talentos e recursos para integrar o grupo de base. Quando convidados, não temem testemunhar no Congresso americano em favor dos imigrantes. O grupo, também conta com a colaboração voluntária de advogados que ajudam na representação judicial de imigrantes pobres.

Serviços, Desafios e Perspectivas

Grande parte dos que recorrem à ajuda da organização - COME - são filipinos necessitados de assistência jurídica, de informações sobre moradia temporária, como no caso das “noivas de encomenda” que sofrem agressões e também precisam ser encaminhadas aos órgãos competentes. Os migrantes mais vulneráveis são os que não possuem documentação. Na região de Chicago, por exemplo, há muitos filipinos que entram no país na condição de turistas, mas com o intuito de procurar um trabalho. Quando os vistos de permanência vencem, continuam no país sem amparo legal. Alguns, nessa situação, trabalham na prestação de serviços às famílias americanas e recebem remuneração inferior ao salário mínimo, tendo que pagar boa parcela ao agenciador do trabalho. Esses migrantes têm receio de denunciar esse tipo de exploração às autoridades competentes porque já infringiram as leis de imigração e temem ser deportados.

Embora muitos necessitem de respostas adequadas e concretas, há os que precisam apenas de um ouvido amigo. Apoio em forma de oração e acompanhamento espiritual torna-se suficiente, em muitos casos, para que voltem a ter esperanças em um futuro melhor.

Para responder de forma criativa às situações complexas vividas pelos migrantes nos Estados Unidos, as Scalabrinianas articulam e colaboram com entidades e organizações sem fins lucrativos. Através de parcerias, vem favorecendo processos de aprovação de alguns direitos básicos para os migrantes.



O Ministério da Cura e do Acompanhamento do Imigrante Idoso

Avançado em idade, o imigrante idoso é chamado a uma viagem contínua por terras novas. Depois de tantos anos morando em terra estrangeira, a condição de imigrante persiste, independente da fase em que se encontra. Os imigrantes idosos perseveraram numa caminhada que lhes é sagrada: a passagem desta vida para a próxima. Esta é a última travessia. Embora tenham aprendido uma nova língua em terra estrangeira, e tenham se adaptado à uma cultura diversa, o que é sagrado será sempre os costumes e a tradição religiosa.

Na área metropolitana de Washington, Estados Unidos, as Irmãs Missionárias Scalabrinianas têm a missão de cuidar e acompanhar os imigrantes e refugiados na velhice. Neste trabalho, percebe-se que duas coisas unem os seres humanos: nascimento e morte. São realidades experimentadas uma única vez, não importa a hora, local ou país de nascimento, seja qual for a língua falada ou a maneira de rezar. Nos momentos que antecedem a morte, o que se recorda é expresso na língua materna. Seja para recitar uma prece ou apenas falar, retorna-se às raízes.

Na condição de cristãos, vivemos para morrer e morremos para viver. A vida eterna faz dos seres humanos cidadãos do céu. Lá a diversidade das nacionalidades e idiomas dá lugar a uma língua universal, a do amor, numa dimensão além do espaço e do tempo. A essa dimensão chamamos de céu, a nossa morada definitiva.

É nesse particular que o carisma Scalabriniano é apreciado pelos idosos imigrantes. Quando se vêem distantes da pátria e, por vezes, dos familiares, as Irmãs podem confortá-los e rezar, com eles, na língua materna. Podem assegurar-lhes que Deus não os abandonará nos derradeiros momentos terrenos, pois Ele nunca os abandonou. O cuidado dos imigrantes idosos, às vezes, dispensa palavras. O toque e a presença é signo universal do amor. O amor universal é a linguagem que transcende fronteiras, lugares, povos, línguas, culturas, nações e o próprio tempo.

A Eucaristia e os Imigrantes Idosos

A condição de peregrino no caminho da vida concede ao imigrante, tornar-se pão vivo para os demais. De certa forma, é isso que os imigrantes idosos já experimentaram na trajetória de suas vidas. Na mesa eucarística, benze-se o pão partido, e o vinho que se partilha. Os imigrantes idosos já viveram a vida eucarística do pão (corpo) e do vinho (sangue derramado). A Eucaristia tem essa dimensão de Vida, traduzida no senso de sacrifício e oblação, pois “quem come a minha carne e bebe o meu sangue tem a vida eterna; e eu o ressuscitarei no último dia”.

A vida do imigrante pode ser associada à Eucaristia. Ambas, são formas de martírio, de doação, sacrifício absoluto, ofertado no Altar da Vida e da Morte. No altar da morte, o corpo fica debilitado e frágil aos poucos se esvai. Mas antes disso, é preciso que se faça um sacrifício a Deus sobre o Altar da Vida. Pode tomar a forma de uma agonia física, mental ou espiritual. Será o sacrifício do martírio, Sacrifício Eucarístico, nos moldes empreendidos pelo Senhor.

A dor, a angústia, a vista embaçada, o olhar fixo, a viagem em direção ao desconhecido, tudo é parte integrante da jornada terrena, prestes a findar. Inicia-se a jornada sagrada rumo à vida nova. Sua vida se faz oferenda. Ele se transforma no seu viço. Pois a nova vida somente se alcança quando o corpo se parte e o sangue se derrama. Somente então, e não antes disso, surge a ressurreição. Todos temos de empreender a passagem desta

vida para a próxima; uma jornada para a qual, todos, seja jovem ou velho, imigrante ou não somos convocados. São em situações como essa que as Irmãs Missionárias Scalabrinianas se doam, repartem e partilham junto com os imigrantes idosos, ajudando-os a encontrar a vida nova.

O ministério pastoral de cuidar e acompanhar o imigrante idoso é sagrado, pois esse está mais sensível aos toques de Deus. Sua imagem está gravada na alma dos imigrantes. Ah, como é suave o toque do Senhor! Não deixa marca, nem rastro, nenhum sinal. Simplesmente existe. O toque de Deus alivia a dor, e cura a chaga.

Para a Missionária Scalabriniana continua o mistério: ajudar a perceber a mão de Deus curando os enfermos e embalando os imigrantes idosos na jornada sagrada que, os leva ao encontro definitivo. A experiência de cada um, embora parecidas, é verdadeiramente única. Deus guia a todos e por um caminho abençoado.

Quando um imigrante idoso parte desta para a vida eterna, a Irmã defronta-se não com a morte, mas com a mão do Criador, que leva o idoso já fraco, curvo e debilitado, para um encontro tranqüilo, num lugar sagrado, além do tempo. Ali, a dor e o sofrimento dão lugar à alegria pura e ao êxtase interior. O Pão Eucarístico e o Vinho servem de alimento espiritual para a viagem final rumo ao lar definitivo. Soam as trombetas, os violinos e as flautas que dão as boas vindas à Casa celestial do Pai. “Vinde, benditos do meu Pai.” Nesse lugar o coração canta uma melodia feliz e a alma se regozija com o regresso ao lar. É tempo de folguedos e festejos, tempo de cantar e dançar. “Como são amáveis as vossas moradas, Senhor dos exércitos!” Finalmente, depois da longa jornada, os imigrantes idosos, cidadãos do Céu, voltam ao lar: “Vinde, benditos do meu Pai!”



Uma Experiência de Fuga e Acolhida

Após três anos da assinatura do acordo de paz, a situação humanitária em Angola continua sendo caracterizada pelo alto índice de vulnerabilidade. Verifica-se progressos feitos em algumas regiões, especialmente em Luanda, em relação aos assentamentos, considerando a situação da maioria, ainda há um longo caminho a percorrer.

Até o final de 2004, o número de Refugiados Angolanos Repatriados, através do ACNUR, de forma organizada e espontânea, superava os 281.000. Contudo, calcula-se que outros 162.000 angolanos ainda se encontram nos países vizinhos e desejam regressar. Para 2005, o ACNUR planejou o retorno de cerca de 55.000 pessoas através do repatriamento organizado. Não existem estatísticas de quantos, dos aproximadamente 4 milhões de deslocados internos, já retornaram às suas áreas de origem.

As condições de reassentamento, na maioria das vezes, são inseguras e os angolanos em trânsito são vítimas da discriminação, extorsão, abuso físico e até morte. As crianças e mulheres são as que enfrentam as maiores dificuldades. Essas, são vulneráveis aos abusos sexuais durante o processo de reassentamento.

As populações que regressam sem documentos de identificação, certidão de nascimento e carteira de identidade, sofrem inúmeras dificuldades, com relação ao direito à nacionalidade Angolana, devido à falta de mecanismos para adquirir a devida documentação.

Em muitas partes da Angola, especialmente nas áreas de fronteira, a capacidade de falar o português, é questão de proteção para os retornados. A falta de domínio do idioma somam-se as dificuldades em entrar no mercado de trabalho, escolas e lista de eleitores. Estão, também, correndo o risco de serem acusados de serem congolezes, zambianos ou namibianos, e o que é pior, serem até expulsos do próprio país como migrantes ilegais.

Em 2004, o governo angolano expulsou mais de 120.000 migrantes ilegais através da campanha chamada “*operação brilhante*”. Neste processo, constatou-se violação dos direitos humanos, devido ao mau tratamento dos estrangeiros, por parte das Forças Armadas Angolanas e da Polícia Nacional.



Os resultados recentes de uma avaliação em conjunto, feita pelo Programa Mundial de Alimentação - PAM e a Organização de Agricultura e Alimentação, relatou que menos de 5% da terra arável em Angola é cultivada, devido às ameaças das minas terrestres e a falta de infra-estruturas e meios, como sementes e fertilizantes. Pelo menos 1,2 milhões de angolanos dependem mensalmente de auxílio em alimentos do PAM.

Esses, são apenas alguns elementos sobre a situação atual dos destinatários do carisma Scalabriniano e a missão que a Igreja confia às Irmãs em terras angolanas.

Presença Scalabriniana

Em novembro de 2000, as Irmãs Scalabrinianas acompanharam a passagem de uma situação de guerra a uma de paz. Agora, permanece o desafio de estabelecer um projeto missionário capaz de dar sentido a essa presença enquanto resposta fiel à missão da Congregação e no contexto de mobilidade humana, em Angola.

O final da guerra e o restabelecimento progressivo da paz nesse país, marca para as Scalabrinianas, o momento de definir e estabelecer um plano definitivo e autônomo, que permita realizar metas a longo prazo. As Irmãs, têm a responsabilidade de ajudar a elaborar um Projeto Pastoral que seja expressão de uma Igreja a caminho, como é a sua natureza.

Os refugiados, deslocados e retornados, provocam a instituição eclesial a superar estruturas e métodos pastorais que poderiam fechá-la em si mesma. Por isso, propõe a criação de um projeto específico de acolhida a quem chega, envio de quem parte, e a integração das riquezas culturais e religiosas, resultantes dos encontros das diversidades.

O caminho que levou tantos angolanos ao refúgio, em busca de segurança durante três décadas de guerra, é um sinal da presença de Deus na vida do seu povo e da salvação que se realiza na história humana. As pessoas em mobilidade, recordam à Igreja a sua vocação primordial: ser povo de Deus a caminho.

Concretização do Carisma

Pastoral Migratória: as Irmãs Missionárias Scalabrinianas atuam na coordenação da Pastoral aos Migrantes na Conferência Episcopal de Angola, e na Arquidiocese de Luanda. A Pastoral do Migrante, enquanto projeto da Comissão Episcopal de Justiça, Paz e Migrações, tem como prioridade a capacitação de animadores para atuarem em programas sociais e pastorais. Assim, favorecemos o desenvolvimento e a integração das populações em mobilidade em âmbito arquidiocesano nas 35 paróquias das 18 províncias do país.

Ação Humanitária: também realizamos nossa missão junto à direção nacional do JRS, (Serviço Jesuíta aos Refugiados), uma ONG católica e de caráter internacional que trabalha com os deslocados, refugiados e retornados no campo de ajuda humanitária. O objetivo da organização é acompanhar, servir e defender os direitos dos refugiados e das pessoas obrigadas a se deslocarem. Através de nossa presença no JRS, buscamos responder às necessidades do povo angolano, através dos diferentes programas: educação primária, formação profissional, geração de renda (especialmente com as vítimas das minas terrestres), educação para a paz, ação social, advocacia e proteção em defesa dos direitos dos deslocados e retornados.



Até o presente, há duas Irmãs atuando em Angola, uma na Pastoral Nacional e Diocesana e outra no setor humanitário. Para que a Igreja em Angola consiga realizar tal projeto, as Scalabrinianas são desafiadas a beber da cultura, quicá da língua do migrante, para não dizer das suas necessidades vitais. Faz-se necessário levantar as mãos e fortificar as pernas enfraquecidas, para melhor enfrentar essa caminhada. Angola é grande e fértil em migrantes e deslocados, porém, rica de injustiças. Portanto, é preciso uma atitude de união para tal desafio.

Um Horizonte de Esperança

Segundo dados das Nações Unidas, a África do Sul acolhe atualmente entre 75 e 100 mil refugiados, que se concentram sobretudo nos centros urbanos de Durban, Cape Town, Port Elizabeth, Pretória e Johannesburg, sendo que, estes dois últimos, absorvem em torno de 90% dos refugiados, no país. São homens, mulheres, jovens e crianças forçados a deixar a própria pátria para fugir da guerra e das lutas tribais. Motiva-os o sonho de uma vida melhor, um espaço na sociedade e vida digna. Até poucos anos, os refugiados que chegavam a esse país, eram homens e jovens. Atualmente, é expressiva a presença de mulheres, a maioria acompanhada de seus filhos menores, muitas também, com esperança de reunificação familiar.

No âmbito dos países de acolhida de refugiados do continente africano, a África do Sul é o lugar onde o refugiado sonha chegar. Pensa encontrar as condições para reconstruir sua vida através do acesso ao trabalho, à educação, à saúde. A África do Sul, durante muito tempo, também era vista como corredor de saída em direção à Europa, Estados Unidos, Canadá e Austrália.

O peregrino, ao trilhar o caminho da migração ou do refúgio, vislumbra um horizonte de esperança. Ao chegar, depara com realidades tristes, num universo de preocupações e contrastes. Além das dificuldades impostas pela lei, o refugiado é vítima das atrocidades do racismo, sendo considerado pela população sul-africana como um imigrante que vai tirar as oportunidades de trabalho. Esta situação tem melhorado nos últimos anos com campanhas anti-racismo, promovidas pelas Nações Unidas, mas, ainda assim, o refugiado continua vítima de preconceitos, violência, abusos e marginalização.

Se por um lado, a África do Sul respeita o direito à liberdade de movimento, enquanto não adota o sistema de campos para a acolhida dos refugiados, por outro, o direito ao trabalho é negado durante o período em que a pessoa permanece na situação de “pedinte de Asilo”. Esse tempo não deveria superar os três meses, mas, por outro lado, pode durar anos. O fato de não poder trabalhar, coloca homens e mulheres refugiados na impossibilidade de prover o seu próprio sustento e de sua família, impondo-lhes condições de extrema pobreza, exclusão social e anonimato.

Dentre a população refugiada, as crianças e as mulheres tornam o grupo mais vulnerável em fazer frente à situação descrita. As mulheres assumem, na maioria das vezes, a responsabilidade da sustentação dos filhos e são vítimas constantes de abusos e violações sexuais.





Junto aos refugiados

Na África do Sul, as Irmãs Scalabrinianas estão em Johannesburg, cidade situada no coração do país, desde 1992. Nesse ambiente, circulam milhares de migrantes e refugiados, somando-se a cada dia, novas pessoas em mobilidade. Elas enfrentam o temor da insegurança e do desconhecido, mas estão nutridas de esperança e força de vontade na realização de seus anseios: viver dignamente e desfrutar de paz e fraternidade.

Para fazer frente a uma ação sócio-pastoral, humana e evangelizadora, junto à população refugiada, as Irmãs Scalabrinianas, em colaboração com a Igreja local, outras congregações religiosas, instituições públicas, entidades e organizações não governamentais, bem como a participação de muitas pessoas voluntárias, sensíveis às necessidades do próximo, levam adiante os projetos:

Coordenação e dinamização do Departamento de atenção pastoral aos refugiados: na Diocese de Johannesburg. Este é um espaço privilegiado de ação apostólico-missionária scalabriniana, aberto às diferentes culturas, o que possibilita atenção especial a muitas necessidades individuais e coletivas dos refugiados, quer espirituais, morais, físicas ou de outra natureza.

“Shelter Bienvenu” ou “Lar Bienvenu”: busca ser uma resposta às necessidades básicas de mulheres e crianças refugiadas no momento de sua chegada à África do Sul. Oferece estadia, alimentação, vestuário e atendimento básico de saúde e creche. Faz encaminhamento de crianças à escola, proporciona formação humana, espaço para cultivo e expressão da própria fé, acompanhamento psicológico, atividades de capacitação que possibilitam o auto-sustento e de seus filhos, além de integração social. As pessoas abrigadas recebem, também, orientação e acompanhamento na legalização de documentação e direitos humanos.

A mística da compaixão e acolhida, proteção, defesa e promoção da vida, do fazer acontecer a fraternidade na diversidade, à luz da fé, no Deus misericordioso e compassivo presente na História de seus filhos e filhas, infunde força e bênção à missão scalabriniana junto aos refugiados na África do Sul.

Uma Igreja Formada por Autóctones, Refugiados e Migrantes

Muito mais e muito menos que uma gota de água no oceano...! Nossa missão entre os refugiados na diocese de Kisantu, na República Democrática do Congo, nasceu lentamente. Em silêncio, cresce e produz frutos entre refugiados angolanos e autóctones congolezes, filhos do único povo do antigo Reino do Congo, hoje, dividido pelos conflitos políticos, por consequência da guerra que provocou a emigração em busca de refúgio, mas, também, unidos pela fé, pela situação de pobreza, e pelo desejo de vida e esperança.

Missionárias na Igreja

Ao dar início a uma nova presença missionária no Congo, as Irmãs Missionárias de São Carlos Borromeo, Scalabrinianas, inseriram-se no caminho da Igreja local. Integraram a equipe de agentes que administram o Projeto do ACNUR e da CRS, na Diocese de Kisantu, colaborando na administração dos seis campos de refugiados angolanos, situados ao sul da diocese, ao longo da fronteira com a Angola, onde encontram-se, aproximadamente, 14 mil refugiados.

O trabalho é sustentado pelo ACNUR com a competência e a coordenação dos serviços sócio-assistenciais e os programas de desenvolvimento, coordenados em rede, pelas Scalabrinianas. Acompanha um processo de superação de um contexto de emergência a um de quase normalidade, na expectativa do momento em que o retorno seja uma possibilidade real. As Irmãs participam dos projetos existentes com olhos e coração vigilante! Como ser uma Igreja viva, que escuta e responde à presença dos refugiados no seu contexto local? Como ser refugiado e, ao mesmo tempo, ser efetivamente Igreja? Como ver, compreender e acolher uma *providência que guia os destinos da humanidade* nesse lugar de refúgio, e caminhar todos juntos rumo à meta?

As Missionárias Scalabrinianas realizam um trabalho em rede, fazendo caminho com quem caminha e levantando os olhos com quem, talvez, não tem a coragem de fazê-lo sozinho, mas que ainda tem esperança, e confia naqueles que querem levantar a cabeça e o fazem. Atuam junto às paróquias do interior, onde estão localizados os campos de assentamentos que foram organizados como lugares de acolhida e integração para um primeiro momento.

Escuta, amparo e formação nos campos de refugiados

Os refugiados e os autóctones falam a mesma língua, fazem parte da mesma Igreja e das mesmas seitas que estão no território. Sofrem a pobreza, temem os inimigos e dividem entre si, códigos culturais. Porém, a quantidade de população duplicada em um ano, devido à chegada dos angolanos, encontra-se numa situação em que facilmente emergem as fragilidades. Por isso, são urgentes respostas válidas para impedir que a tensão desencadeie conflitos.

As comunidades eclesiais vivas (CEV), é a Igreja que vive naquele contexto e clama ajuda! A Missionária Scalabriniana tem a missão de acompanhar os fiéis na fé, como tarefa de evangelização, apoiando os processos de autodesenvolvimento e promoção da dignidade humana, numa situação de dificuldade. Assim, as Scalabrinianas



se tornam irmãs de caminhada e de busca, alargando, reforçando e apoiando o trabalho em rede. A resposta encontrada num percurso de reflexão comum é a formação. Há líderes a serem formados, já que, os animadores das comunidades eclesiais são pontos estratégicos, e como tais, se tornam promotores de uma nova realidade local onde nativos e refugiados, constroem juntos, uma única comunidade cristã, em que fé e vida são assumidos por todos.

As Irmãs organizam a formação dos líderes locais e dos refugiados, para que animadores e formadores das CEV, atuem juntos em favor de seu povo; buscam meios para sustentar as paróquias, no compromisso com o autodesenvolvimento dos povoados, conformados pelos refugiados congolezes. Além disso, promovem a criação e o melhoramento da infra-estrutura no território para permitir que os refugiados e os migrantes da fronteira, de hoje e de amanhã, não sejam abandonados e esquecidos pela sociedade e pela Igreja.

A esperança e o compromisso são, juntamente, convicções de que aqueles que estão em mobilidade, possam encontrar na instituição eclesial, uma comunidade cristã viva e ativa, tanto no plano da evangelização, quanto naquele do desenvolvimento e da solidariedade comunitária.

Mulheres e futuro

A ação missionária que a Irmã Scalabriniana realiza é uma pequena peça do grande mosaico, onde todos formam um único corpo, no qual ninguém deve se sentir sozinho ou desprotegido, mesmo quando as necessidades aumentam, somadas à escassez de recursos.

A Pastoral Migratória é uma pequena faceta da obra de evangelização da qual a Irmã MSCS faz parte por vocação. A mobilidade humana retoma o seu aspecto de fenômeno histórico. Diante dessa realidade, emerge a potencialidade da mulher, a ser valorizada e redescoberta, ou a ser descoberta. Emerge a juventude pessoal, abandonada, para ser formada, valorizada e acompanhada. Emergem possibilidades de projetos comunitários para a sobrevivência, através da solidariedade. Emerge, pouco a pouco, a consciência de que a alfabetização é necessária e que não se pode deixar de realizá-la, porém, não podendo ser prioridade diante da vida.

Assim, a missão da Irmã MSCS se torna coração e rosto feminino, atento e ativo na escuta e na interação de respostas para que nenhum refugiado, migrante ou autóctone, seja abandonado. E como este também existe, a missão assume um caráter de proteção à vida vulnerabilizada.

As Scalabrinianas são memória, força e faceta de uma Igreja que, amando e servindo, não esquece os filhos em mobilidade. Em Kisantu, interior, ou em Kintanu, povoado que emergiu da emigração, a missão das Irmãs é partilhar a vida, sobretudo, com as mulheres jovens e mães migrantes. A missão no Congo começou silenciosa e lentamente, mas cresce com uma grande e tenaz força.

Laboratório de Construção de Novos Projetos de Vida e Trabalho

Da emergência a um projeto de vida

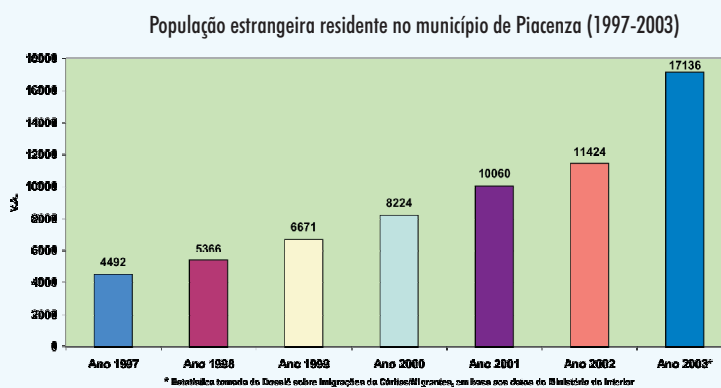
O “*Centro de Migrantes Scalabrini*”, de Piacenza, nasceu em 1990, no edifício da antiga escola materna das Irmãs Missionárias Scalabrinianas, como resposta à crescente presença de imigrantes norte-africanos na região. O edifício foi reestruturado com a contribuição e a colaboração de muitos voluntários e destinado à acolhida de famílias, mulheres e crianças. A estrutura inicial, pensada para emergência, tornou-se centro de acompanhamento, partilha, discussão e busca de soluções aos problemas e, também, laboratório de construção de novos projetos de vida e de trabalho, no respeito do contexto social local, da fé e da cultura de origem do migrante.

O Centro é um sinal da presença da Igreja local, da comunidade cristã e da Congregação das Irmãs Scalabrinianas, pelo trabalho de promoção da pessoa, a partir da “pedagogia da solidariedade”, baseada nas necessidades concretas e cotidianas dos migrantes; além de ser um “instrumento” que age na estrutura interna do sistema social, através de uma rede de intervenções destinadas à acolhida do migrante clandestino e marginalizado, e de ajuda para que este possa ser indivíduo de direitos e deveres, na sociedade italiana.

A Instituição, em seguida, tornou-se “a casa do migrante”, como a definiu o Bispo de Piacenza, Mons. Luciano Monari, quando em 1999, inaugurou a nova sede da Via La Primogenita. Assim, também é vista pelos migrantes como “um espaço familiar” onde encontram pessoas dispostas à escuta, para superar a insegurança e o medo, e buscar novo sentido para a vida. É o primeiro ponto de encontro com a cidade e também o lugar em que se enxugam muitas lágrimas. Por isso, a Irmã Scalabriniana procura ser aquela que abre a porta da esperança e que estende confiante, as próprias mãos.

Nesse sentido, o Centro é também campo propício para a sementeira e florescimento do voluntariado que, doando o seu tempo livre, participa das múltiplas atividades desenvolvidas em favor do migrante. A partir de 2001, constitui-se a associação do voluntariado, chamada “Porta para o mundo”, a fim de favorecer um conhecimento mais profundo da identidade scalabriniana, e de realizar projetos em colaboração com os setores públicos do município, com os seguintes objetivos:

- Apoiar e ajudar os imigrantes na aquisição de autonomia na ótica da auto-promoção para torná-los protagonistas ativos de sua inserção;
- defender o seu desenvolvimento moral, civil, social e econômico;
- estimular o desenvolvimento de atitudes de respeito, estima e acolhida recíproca, entre italianos e estrangeiros;
- Proteger os direitos das pessoas e das culturas;
- assegurar a possibilidade de cultivar uma profunda fé que sustente o quotidiano da vida;
- dinamizar iniciativas de solidariedade para com os mais fracos.



Trabalho em rede

A articulação da obra com as instituições locais, tornou possível o atendimento às necessidades básicas de saúde, assistência legal, trabalho, casa, alimento e vestuário. Aderiram ao projeto: os serviços sociais da prefeitura, os serviços de segurança pública e para a documentação dos estrangeiros, a administração pública de saúde, outras associações de voluntariado, a Cáritas diocesana, diversas paróquias e o serviço de pastoral aos migrantes da Diocese. Com os organismos eclesiais, é organizada, periodicamente, a jornada mundial das migrações com o tema proposto pela Comissão Episcopal para as Migrações na Itália.

Nossa forma de atuar:

Acolhida e escuta: é a primeira e mais importante atividade, a que dá o diferencial. A afirmação de Jesus: “Eu era estrangeiro e me acolhestes” é também nossa, e é a razão principal que nos faz acolher cada estrangeiro que bate à nossa porta, como se fosse o próprio Jesus. Essa atividade requer sensibilidade e delicadeza.

Alfabetização: Os cursos de língua italiana são desenvolvidos, para fornecer instrumentos necessários para a integração no mundo do trabalho e relações sociais.

Higiene e saúde: Com a colaboração dos médicos que operam no *ambulatório Santa Catarina*, estrutura da Cáritas Diocesana dentro do próprio Centro, foram organizadas aulas sobre higiene e cuidados sanitários, com o objetivo de prevenir doenças causadas pelas condições precárias dos ambientes e da promiscuidade.

Orientação para o trabalho e formação. Os jovens que possuem os requisitos necessários, são encaminhados aos cursos de formação profissional, tanto em instituições privadas ou patrocinados com recursos públicos. As mulheres são orientadas aos cursos de formação para o serviço doméstico e ao cuidado de pessoas anciãs. Esses setores oferecem numerosas oportunidades de emprego.

Catequese e evangelização: para os imigrantes católicos interessados, há um serviço de formação religiosa e preparação aos sacramentos. Também são organizados momentos de oração pessoal e comunitária. Mensalmente, há encontros de formação com os leigos do movimento Scalabriniano, que acompanham a missão junto aos migrantes.

Aproveitamento do tempo livre: são colocados à disposição dos migrantes, alguns espaços para encontros de grupos, leitura e exibição de filmes. O pátio é utilizado para organizar festas religiosas e multiétnicas, abertas também aos italianos.

Caridade: a generosidade de cidadãos, comerciantes, profissionais e voluntários, em solucionar problemas de emergência e atenção humanitária, como a necessidade imediata de alimentos, leite homogeneizado para crianças e remédios. Em algumas situações, a disponibilidade econômica do Centro permite pagar uma hospedagem ou passagens para viagem de urgência de migrantes.

A novas situações, novas respostas

Novas situações vinculadas ao fenômeno da mobilidade humana inspira às Scalabrinianas um autêntico espírito missionário e testemunho de acolhida generosa e gratuita. O ser humano é chamado a encarnar o Evangelho no cotidiano, através do diálogo com as diversas culturas. Esses são os sinais proféticos de novas relações humanitárias e de um futuro melhor.

A família de Nazaré é modelo e sustento dos migrantes de todos os tempos e nacionalidades, que partem inseguros pelo medo das perseguições, obrigados a deixar a própria terra em busca de segurança e melhores condições de vida. Não obstante todas as dificuldades, os migrantes ainda sabem sorrir e doar à sociedade a força da esperança.



CIMiS: Por uma Roma Acolhedora e Aberta a todas Cores e Raças

Roma, capital do mundo, é um caldeirão de raças, línguas, cores e etnias. É um convite à Irmã Scalabriniana a ler os sinais dos tempos, a pensar e atuar com novas estratégias pastorais, para responder aos problemas, necessidades emergentes e urgentes também no campo da mobilidade humana, em favor dos numerosos migrantes que vivem, e às vezes vegetam, na cidade eterna.

Em um ambiente de tanta diversidade, e muitas vezes caótico, entre a insegurança da busca de um trabalho, onde culturas diversas se esforçam para sobreviver e conseguir a integração, a ação das Irmãs Missionárias Scalabrinianas sustenta um trabalho na Igreja local, através de um processo de colaboração para responder às necessidades do povo migrante e a sua sede de evangelização.

Para prestar um verdadeiro serviço à Igreja local e responder de modo ativo ao carisma da missionariedade, segundo o espírito de Scalabrini, era essencial captar as carências mais urgentes do povo migrante e trabalhar para responder de maneira concreta, no respeito às pessoas, às culturas e às tradições das novas comunidades presentes em Roma.

O *Centro Intercultural de Migrantes "Scalabrini"* - CIMiS, obra das Missionárias Scalabrinianas a serviço dos migrantes mais pobres e necessitados, nasceu do pedido dos mesmos e do apelo da Igreja para acolher e acompanhar as múltiplas presenças étnicas existentes, em Roma. Também nasce da necessidade de evangelizar na própria língua, e responder à preocupação pastoral do Bem-aventurado Scalabrini de proteger o *humus* da fé dos migrantes, oferecendo a formação cristã na língua materna.

O serviço prestado no CIMiS tem como objetivo: acolher, escutar, oferecer ajuda e formação cristã, espiritual e religiosa. Promover e ajudar a inserção dos migrantes na realidade da cidade. Para tal, é fundamental o trabalho realizado em equipe, pois o migrante não busca responder apenas às suas necessidades, mas também, às da própria família e do ambiente social em que está inserido.

A atividade do Centro é caracterizada pela realização de micro-projetos que visam salvaguardar a dignidade dos migrantes de qualquer etnia, cultura e religião e se concretiza na evangelização e promoção. Isso facilita a inserção do migrante na sociedade e no mundo do trabalho, através da promoção de cursos de cultura e de língua italiana. Os imigrantes, provenientes da África, da Europa do Leste e da América Latina, frequentam os cursos, recebem apoio e ajuda.





Para as Irmãs Missionárias Scalabrinianas é inata a solicitude de encorajar o migrante a cultivar a fé, a cultura e a melhorar a sua situação de itinerante, oferecendo-lhe oportunidade de continuar a aprofundar os estudos iniciados em sua pátria e de iniciar cursos de aperfeiçoamento. Um exemplo disso são os cursos básicos e avançados de informática, promovidos em parceria com os Missionários Combonianos. Essa experiência tem dado resultados satisfatórios e contribuído para a inserção dos migrantes no mercado de trabalho.

Em todas as atividades realizadas no Centro, as Irmãs Scalabrinianas desenvolvem um serviço importante, que oferece atenção e escuta à pessoa, favorecendo o encontro de muitos jovens com Deus. O compromisso pastoral, dessa missão, é orientar as jovens ao discernimento de vida e ajudá-las na adaptação ao novo ambiente. Através dessa atividade, o CIMiS também é propulsor de um encontro em rede, com centros de serviços afins e outras Irmãs de lugares e missões diversas.

Aqui, se evidencia a importância da figura feminina da Irmã MSCS que compreende o mundo do sofrimento do migrante. Por isso, as Scalabrinianas dedicam atenção especial aos encontros pessoais e comunitários de escuta às mulheres, principalmente jovens, que sentem a necessidade de encontrar-se consigo mesmas, de falar, de fazer silêncio, de estarem sozinhas num ambiente protegido.

As Missionárias têm consciência da relevância da missão realizada no Centro. As estratégias que o caracterizam são excelentes meios que produzem bons frutos e fazem bem a tantos irmãos migrantes, além de gratificar a quem nele trabalha tenazmente, como colaboradores, leigos voluntários e Irmãs MSCS.

Educação Multiétnica

Quando se fala na “Suíça”, logo vem à memória as belezas das paisagens, os lagos, a neve, os passeios nas montanhas, os grandes campos verdes, a ordem, a limpeza, a funcionalidade dos serviços, um sistema escolar perfeito. Na Suíça, há uma distinção entre a educação pré-escolar (chamada “Kindergaten” ou “École Maternelle” isto é, o “Jardim de Infância”) e a assistência extra-familiar às crianças (“Tagesmütter”, a chamada creche ou grupos de jogos). Até 1970, o Jardim de Infância era administrado pelo estado, em toda a Suíça. Hoje, na sua maioria, a educação particular é disciplinada por leis da educação, enquanto em outros, ela é disciplinada pelas leis que regem a escola pública ou leis específicas sobre a escola para a infância.

A instrução primária é obrigatória e deve respeitar a liberdade de religião e de consciência. Os municípios, normalmente, têm a responsabilidade de manter os primeiros anos de escola primária. Toda criança, depois dos quatro anos de idade e antes da escola obrigatória, pode frequentar um ou dois anos do jardim de infância, cuja frequência, é facultativa. O objetivo continua sendo o desenvolvimento das competências sociais da criança. Hoje, busca-se promover a reflexão; em alguns projetos especiais, o município procura introduzir, já no jardim de infância, a leitura, a escrita, a aritmética e a aprendizagem de uma língua estrangeira. O jogo não é mais o centro das atividades. Considerando as crianças de língua estrangeira, que na Suíça chegam a ser mais de 17%, as autoridades e as organizações privadas tomam as medidas necessárias para facilitar a integração e, ao mesmo tempo, preservar a própria identidade cultural.

A pequena Suíça traz à memória alguns nomes de cidades, como lugares de missões para as Irmãs Missionárias Scalabrinianas. Missão iniciada nos anos do pós-guerra, fator este que provocou “a viagem” de milhões de italianos, para esse pedaço de terra neutra. Como testemunho, temos cartas de migrantes que certificam os sofrimentos, os sacrifícios, os valores e desafios de sua vida cotidiana, bem como, os dramas encontrados e vividos na Suíça, longe da própria casa e de suas raízes.

As Irmãs Scalabrinianas, em ordem de início da missão, estão presentes em Lucerna, desde 1950, e este nome é ligado à famosa ponte de madeira; depois em Winterthur, desde 1960, e em St. Gallen, a partir de 1963; e, em Allschwill, Basileia, a partir de 1973, na capital cultural da Suíça, na fronteira com três nações: Suíça, França e Alemanha.

Nestas cidades, a Congregação MSCS procurou dar respostas às necessidades dos migrantes: “Era estrangeiro e me acolheste”. Não é somente um slogan bíblico, mas a motivação e o porquê de cada dia. Nas creches onde as Irmãs atuam, chegam grande número de crianças, entre dois anos e meio e seis, filhos de migrantes. O compromisso das Irmãs em dar às crianças um ambiente alegre, acolhedor e afetuoso, não proporciona repouso, e requer paciência, amor, respeito e preparação. Essas, são “segundas mães” para as crianças, independente de sua nacionalidade. Desde sempre, as escolas maternas administradas por religiosas garantiram, não só a





transmissão do idioma e da cultura italiana, mas aperfeiçoavam também a língua, muitas vezes rudimentar, aprendida na família. Embora, em muitas situações a escola materna ainda seja organizada em atenção à língua de origem, hoje, se dá importância à programação didática fundamentada num ensino bilingüe, em que as crianças aprendam a utilizar ao mesmo tempo as duas línguas, aquela da família e aquela do país de acolhida.

Atualmente, a situação das escolas maternas italianas, na Suíça, está mudando. Isso é percebido através de: **a) a emigração** - depois da primeira geração, as comunidades pertencentes às diversas etnias, procuram fixar-se na Suíça. Pensam menos em retornar; **b) a família** - não tem muitos filhos como aquela anterior, é composta de pais jovens que falam a língua local. Estudam nas escolas da Suíça e preparam-se para o trabalho profissional; **c) escolas maternas italianas** - os filhos de imigrantes da 3ª geração, já estão inseridos em escolas suíças, por isso, as escolas italianas são menos procuradas.

Os tempos mudaram, a história avança

Inicialmente, as escolas maternas foram pensadas somente para os filhos dos italianos, hoje, as Irmãs Scalabrinianas acolhem crianças ítalo-suíças, suíço-croata; suíço-polaca, ou ainda, ítalo-portuguesa, ítalo-francesa que vivem na Suíça. O bilingüismo, a dupla herança cultural, é muito normal para essas crianças.

Se ontem os migrantes, em suas narrações, se concentravam sobre as dificuldades referentes à falta de possibilidade de comunicação com os seus familiares, atualmente interrogam-se sobre a dificuldade de integração e política de assimilação existente no país.

Também as escolas maternas não estão isentas. As numerosas culturas representadas por mais de um milhão de estrangeiros, são uma riqueza. Contudo, isso, não significa que a Suíça promova o diálogo intercultural e apoie as diversas tentativas pedagógicas em favor das escolas dos muitos países, mas ao contrário, essas são impelidas à assimilação.

Para os adultos, o confronto entre culturas está no âmbito do racional, algo a ser estudado e compreendido, mas, para as crianças que frequentam as escolas maternas das Missionárias Scalabrinianas, é um momento de narrativa e encontro existencial. Contam de onde vêm com um certo orgulho que aprendem na família; batem as mãozinhas quando chega um novo companheiro; chamam a mãe em línguas diversas: *mãe, mutty, mamma*; narram fábulas de seus países; falam a língua de origem freqüentemente. Jogam, riem, discutem e revelam que o desafio da inculturação, ainda não existe.

Ver todas essas crianças juntas, de mãos dadas ou brincando, com os seus traços físicos bem diferenciados (morenos, loiros, negros, crespos, magros, gordinhos) faz a Scalabriniana sorrir e esperar: os adultos do amanhã serão eles, aqueles que um dia, sem muita compreensão, se divertiram e correram juntos, sem escrúpulos e discriminação de credo, raça e língua.

Até o momento, as escolas maternas administradas pelas Irmãs MSCS adotaram uma pedagogia especial para os estrangeiros. Agora, o desafio é superar as tentativas de uma pedagogia assimilatória, proposta pelo estado suíço, àquela pedagogia do respeito à interculturalidade. As crianças estrangeiras não são um número a mais,

mas pessoas com as quais se poderá contar no futuro. O esforço é passar de escolas maternas “compensatórias” da ausência da mãe, a projetos educativos que visem não só a manutenção da identidade cultural, mas da própria cidadania, em base à sua situação existencial local: são migrantes portadores de futuro. Na mochila das memórias infantis, dentro de alguns anos, serão encontrados o amor aos pais, a amizade dos companheiros, o afeto das Irmãs, a pertença ao seu país, o saber-se e sentir-se cidadão do mundo.

Um dia na escola materna: a escola de todas as Cores

Ainda é escuro... chegam os primeiros pequenos com os olhos ainda fechados. Na passagem dos braços da mãe aos da Irmã, buscam um colo no qual agarrar-se. Muitos ainda não falam, mas, mesmo sem palavras, existe compreensão recíproca. As crianças do mundo, todas iguais entre si, repousam nas suas pequenas caminhas.

Às oito horas, já sentados no chão, em grupinhos, os maiores ajudam os menores a calçar os sapatinhos: começa o dia com o café da manhã, a oração e o bom dia em todas as línguas conhecidas na escola materna.

As crianças entre quatro e seis anos, durante três ou cinco horas ao dia, vão ao “Jardim Infantil”. Encontram companheiros também lá: espanhóis, italianos, eslovaacos, africanos, asiáticos, suíços, e falam, às vezes, em italiano ou em dialeto suíço. Transcorrem outras horas num contexto multicultural, fazendo contatos, e trocas linguísticas e culturais. Aquelas que permaneceram na creche, com idade entre três e quatro anos, vão à sala de aula e, depois de ter escutado a orientação da mestra e ter visto a projeção de algum filme ou slides, brincam como pintores, construtores de aviões ou, ao redor das mesinhas coloridas, ficam com os braços cruzados escutando suas fábulas preferidas.

Às doze horas é servido o almoço. Escutam-se as vozes das crianças que dizem com alegria: “Obrigado Jesus por este alimento e por quem o preparou. Dê a todas as crianças do mundo a graça do pão cotidiano”.

Mais tarde, quando os maiores retornam do jardim da infância, é uma festa! É como se fosse uma roda ao redor do mundo. Momentos bonitos, também, são a preparação das comemorações: Natal - o berço de Jesus é o mundo; Carnaval - dança-se ao redor do mundo; Páscoa - Jesus ama o mundo; Dia das Mães - todas as mães do mundo são bondosas e bonitas.

Fim de ano: durante o período de férias, cada um irá no seu próprio país; no seu retorno, trazem uma pequena recordação típica do país em sua mão, contam o que viram no país do papai ou da mamãe.

As crianças de hoje são os homens de amanhã!



Companheiras de Viagem

O Canadá acolhe migrantes e refugiados de muitos países, e com matizes étnicas distintas. A eles, tenta oferecer liberdade, oportunidade de emprego, educação e perspectiva de vida melhor para suas famílias.

A população do Canadá ultrapassa os 28 milhões de habitantes. Na região de Toronto, há milhares de comunidades de imigrantes, oriundos de diversos países. É de destacar o fato de que 30% dos imigrantes, recém-chegados ao Canadá, residam nesta cidade. Com uma população de dois milhões e meio de habitantes, 50% dos quais imigrantes, Toronto é uma das metrópoles mais cosmopolitas da América do Norte.

A “Escola Santa Catarina de Siena”, no bairro onde atuam as Irmãs Scalabrinianas, conta com 652 alunos, dos quais 50% são imigrantes de quinze nacionalidades. Como exemplo citamos a uma das Irmãs que leciona numa classe composta de 20 alunos, sendo estes procedentes de nove nacionalidades diversas. A missão Scalabriniana, consiste em prestar assistência aos migrantes e refugiados na escola, na paróquia e na comunidade. O ministério das Scalabrinianas é aquele de divulgar a mensagem da Boa Nova e da acolhida aos imigrantes recém chegados na comunidade, recordando-lhes que eles “já não são hóspedes nem peregrinos mas concidadãos dos santos e membros da família de Deus”.

As Irmãs Scalabrinianas são itinerantes assim como os imigrantes. Vieram de diferentes países, e portanto, fizeram também sua experiência de desenraizamento. Tendo enfrentado as dificuldades normais da inculturação, são capazes de entendê-los, ajudá-los e acompanhá-los na longa jornada de ajuste e integração à nova terra. Dedicam-se aos migrantes e têm a devida paciência, compreensão e compaixão, pondo-se à disposição para quaisquer necessidades.

Para compartilhar o carisma e a missão no atendimento aos peregrinos, as Irmãs constituíram o grupo de Leigos Missionários Scalabrinianos. Estes voluntários, antes de iniciar o trabalho junto aos destinatários, recebem formação sobre a espiritualidade da Congregação.

Os migrantes são assistidos e orientados na busca de moradia, trabalho e escola para os seus filhos. Além de atender às necessidades humanas, as Irmãs e os leigos scalabrinianos procuram reforçar a fé desse povo, sendo elemento de unidade e comunhão com a paróquia local, onde encontram uma comunidade acolhedora.

Nossa missão tem presente o ensinamento de Jesus: “Eu era peregrino e me acolhestes, (...) todas as vezes que fizeste isto a um destes meus irmãos mais pequeninos, foi a mim que o fizestes.”



Um Caminho na Conquista de um Sonho

O Peregrino de Nazaré que, há dois mil anos disse a seus discípulos: “Eu sou o caminho, a verdade e a vida” (Jo 14,6) e “Quem me segue caminha na luz” (Jo 8,12), continua convocando a homens e mulheres de nosso tempo, e muitos o acolhem como caminho que conduz à “vida em plenitude!”.

Nesse dinamismo de “ir e vir” se cruzam e se encontram pessoas, famílias e povos chamados a construir pontes de vida e de fraternidade, com as riquezas de suas diferentes nacionalidades, etnias, culturas, cores, tradições e religiões.

A realidade

Espanha é um referencial significativo no crucigrama atual do “ir e vir” das populações. Foi nos distintos momentos de sua história e ainda hoje continua sendo ponto de referência dos movimentos migratórios. Os povos da África, especialmente os do norte, envolvidos nestes movimentos arriscam sua vida nas águas do Mediterrâneo e enfrentam o desafio da integração na Europa. Muitos migrantes provenientes do leste europeu, enfrentam longas viagens por terra, cruzando outras nações e, não poucas vezes, sendo deportados em sua tentativa de migração, que os obrigam a repetir várias vezes seu intento. Os emigrantes da América Latina e do Caribe que procuram novas oportunidades na Espanha fazem-no, em muitos casos, arriscando sua própria unidade familiar e seus valores humanos, como o constatado por Ângela, através da re-leitura de sua história de migração: “Por quê? O que aconteceu?”

História de vida: um sonho e um projeto

Junto à sua família, Ângela sempre foi uma mulher de fé, sentia-se orgulhosa de suas raízes, de sua pátria, amava seus familiares, e sonhava com uma realidade social que protegesse a dignidade das pessoas como um direito inalienável. Sonhava com a igualdade de oportunidades, de poder viver uma vida mais digna com a família, na Espanha. Sonhava que todos tinham os recursos necessários e essenciais para viver. Sonhava com palavras mágicas como acolhida, participação, partilha, solidariedade, convivência, caminhada fraterna... Sustentada por este sonho, coloca-se em caminho e emigra à Espanha. Logo descobre a dura realidade que deve enfrentar, e que lhe atinge em todos os âmbitos de seu ser como pessoa: seus valores, sua crença, relação social, economia, família,... Esta realidade vai escurecendo, dia depois dia, o brilho de seu sonho.

Quando chegou, Ângela foi acolhida por uma amiga de seu país, e juntas pagam o aluguel mensal de um quarto. Sua primeira iniciativa foi a de procurar um trabalho e, esse ato, logo lhe fez perceber, como sua vida e seu projeto se jogam entre interesses socio-econômicos e silêncios, porque imediatamente, encontra quem lhe oferece a possibilidade de produzir para a economia nacional, porém, ninguém lhe pergunta sobre o seu projeto pessoal ou familiar. A ela são oferecidos as demandas do mercado laboral que já não interessam mais aos nacionais, e ninguém importa com o seu desejo de vincular-se ao seu próprio campo profissional, como advogada. Encontra instituições que lhe oferecem apoio no âmbito dos direitos humanos fundamentais, mas não encontra quem se preocupe com sua auto-estima e dignidade profundamente feridas. Entende que lhe proponham a regularização de seu estado de imigrante como um valor socio-econômico, mas não há ninguém que venha ao seu encontro para partilhar seus sentimentos, para falar de sua identidade fragmentada pelo fenômeno migratório; aspectos dos quais dependerá sua sobrevivência nesta nova realidade. E sobretudo, a necessidade de trabalhar sem descanso para ganhar muito dinheiro, não lhe deixa o tempo necessário para cuidar dos laços familiares que, pouco a pouco, se esfriam e se rompem. Neste redemoinho de situações, Ângela não consegue reencontrar-se em sua dimensão espiritual, e tampouco situar-se em uma paróquia como comunidade de fé, embora esta lhe ofereça até ajuda material. O serviço pastoral da paróquia não é adequado para ajudá-la a reorganizar o seu “ser” mais profundo, e a superar as dificuldades relativas à diferença cultural e aos novos modos de viver e expressar sua fé. E enquanto acumula bens materiais e con-



quista conforto, vai crescendo sua indiferença religiosa, e diminuindo seus valores humanos, espirituais e morais, que reduzem sua capacidade de integração como cidadã e como membro vivo de uma comunidade de fé.

Ação pastoral

A história de Ângela pode nos ajudar a compreender as provocações que desafiam a missão das Irmãs Missionárias Scalabrinianas, na Espanha, e o porquê de nossa presença pastoral neste país. Visando intervir em alguns aspectos comuns da vida de tantos trabalhadores e trabalhadoras imigrantes, embora muitos encontrem as condições necessárias à realização de seu projeto migratório, e considerando o eficiente trabalho das instituições sociais para atender às necessidades sociais, econômicas, trabalhistas e legais dos imigrantes, no país, a pastoral realizada pelas Scalabrinianas em Guadalajara, têm como objetivo:

“Impulsionar a pastoral das migrações na diocese e desenvolver serviços de apoio aos imigrantes e à população local, para favorecer o processo de superação pessoal, a integração nos diversos âmbitos e o fortalecimento das comunidades multiculturais na fé”.

Em base ao objetivo, desenvolvem-se programas e atividades com os imigrantes e a comunidade eclesial e civil, a fim de sanar vazios e contribuir à promoção integral das pessoas, em coordenação com a diocese e outras organizações, tais como:

- Atividades sociais, culturais e de recreação com grupos de imigrantes, fomentando a integração entre eles e com a realidade local, nos finais de semana.
- Acompanhamento e orientação a grupos de mulheres e meninos imigrantes, desenvolvimento de atividades de caráter formativo, sociocultural, para favorecer a integração com a comunidade local.

No espaço denominado “pastoral de migrações”, as Irmãs Scalabrinianas atuam a nível paroquial, diocesano e interdiocesano, junto à comunidade civil e com os imigrantes, dinamizando atividades de:

- conscientização e divulgação da pastoral, incluindo a celebração da semana das migrações.
- Animação e coordenação da pastoral em âmbito diocesano, criando uma rede de ação com a participação das diversas paróquias.
- Formação dos animadores da pastoral migratória, através de cursos e encontros com agentes do país e imigrantes.
- Apoio para o fortalecimento das paróquias, como comunidades de acolhida, integração, acompanhamento e evangelização.
- Re-leitura dos valores com as pessoas e as famílias imigrantes.
- Cooperação entre os lugares de saída e de chegada dos imigrantes na diocese.
- Diálogo e colaboração inter-cultural e inter-religioso.

Como síntese, podemos dizer que a meta e o horizonte a ser alcançado, nos leva a dinamizar um conjunto das ações sócio-pastorais tais como:

- a sensibilização dos imigrantes e da comunidade eclesial e civil;
- a superação pessoal, o respeito às diferenças e os valores;
- a integração da população local e dos imigrantes;
- o fortalecimento das comunidades multiculturais na fé, para que se realize em Guadalajara, Espanha, a vontade do Jesus Cristo: “Pai, que todos sejam um” e o pensamento do bem-aventurado Scalabrini: “Através do ruído de nossas máquinas, e acima de todas as obras e não sem elas, vai amadurecendo uma obra bem mais vasta, bem mais nobre e sublime, a união de todos os homens de boa vontade com Deus, em Jesus Cristo”.

Presença Scalabriniana junto aos Migrantes Jovens

Já são 34 anos que as Irmãs Missionárias Scalabrinianas marcam presença na Alemanha, desde a abertura da comunidade em Duisburg, em 1971. Atualmente, encontram-se localizadas nas comunidades de Oberhausen, Solingen, Ludwisburg e Fellbach.

Fazendo Memória

A Alemanha, logo depois da segunda guerra mundial, trouxe operários de toda a Europa para trabalhar nas grandes e pesadas indústrias que voltaram a florescer, através de contratos com os vários países. Diante deste contexto histórico, as Missionárias Scalabrinianas atenderam ao chamado para acompanhar os migrantes italianos que partiam de sua terra. Naquele tempo, a migração estava constituída basicamente por homens, que deixavam a família e a pátria para trabalhar nas minas da Renania, perto dos grandes fornos, onde era fundido o ferro, nas fábricas de produção automobilística e nas diversas metalúrgicas.

A indústria floresceu tanto que, entre os anos de 1970 a 1974, a presença de imigrantes na Alemanha passou de 2,7 milhões para 4 milhões, sendo que mais de dois milhões de pessoas, se encontravam entre 21 e 40 anos. Os italianos, a segunda maior nacionalidade depois dos turcos, chegaram a 630.000, em 1973. Hoje, o número de imigrantes na Alemanha chega a 7,3 milhões. Os italianos continuam ocupando o segundo lugar, com 600.000 pessoas.

Desde então, a emigração dos italianos mudou. Se no início os homens protagonizavam a migração, com o passar do tempo, as mulheres e os filhos seguiram a estrada da Alemanha que oferecia trabalho a todos. As famílias começaram a estabelecer-se com maior assiduidade. Porém, continuam conservando até hoje, o sonho de todos os emigrantes: *“voltar à casa, voltar à pátria”*.

A presença das Scalabrinianas nos centros católicos, chamados “Missões Italianas” não é somente de assistência religiosa, mas de vínculo com a pátria. As Irmãs são atentas às necessidades, disponíveis para ajudar os imigrantes, próximas e amigas. São ainda, conforto nos momentos de solidão, aflição, de doença, bem como, nos de alegria e de festa.

As Irmãs MSCS e os jovens italianos na Alemanha

Ontem

Além da atenção aos adultos, as Irmãs Scalabrinianas dispensavam atenção especial aos jovens italianos que eram os mais vulneráveis. Devido ao trabalho dos pais, freqüentemente ficavam sozinhos, viviam a fadiga da inserção nas escolas alemãs, por causa da língua, e enfrentavam a dura realidade da adaptação numa cultura tão diferente. Nesse contexto, foi solicitada a presença missionária da Irmã Scalabriniana.

As atividades nas Missões Italianas estavam organizadas para atender crianças, adolescentes e jovens. No Centro, recebiam instrução catequética, realizavam encontros de reflexão, estudo sobre temas escolhidos, encontro nacional com os grupos de jovens e de outras Missões, e participação em jogos. A pastoral juvenil era para a Irmã MSCS, a possibilidade de oferecer a eles aquele pequeno espaço da Itália que não encontravam durante o dia, e para estar ao lado à medida em que iam crescendo em idade e inserção na Alemanha.

Hoje

A realidade dos jovens italianos no país mudou notavelmente. Se antes a Missão Italiana era a “Praça da Itália”, onde todos se sentiam iguais e encontravam ali o lugar de partilha na fraternidade e na fé, hoje, os jovens italianos da terceira geração, através da escola e do trabalho, estão muito mais inseridos *no tecido* da sociedade alemã. A língua não é mais um problema. Talvez, hoje, a língua italiana o seja. Os amigos, os colegas dos grupos de jovens que se organizam para o jogo de futebol, natação ou dança, são alemães.

As Irmãs continuam com o compromisso de acompanhar os jovens em preparação aos sacramentos, porém, enfrentam outro desafio, aquele por exemplo, da língua italiana que é sempre menos usada nos encontros de catequese. Se, antes, os jovens buscavam a Missão, hoje estão cada vez mais distantes e menos participativos nas atividades oferecidas. A palavra de Scalabrini aos seus padres “saí das sacristias”, torna-se palavra verdadeira para a Scalabriniana que tem o compromisso de ir ao encontro deles.

Neste ano jubilar Scalabriniano, na diocese de Colônia, a Igreja alemã celebrará a Jornada Mundial da Juventude. Em preparação à acolhida de milhares de jovens que virão de todo o mundo, à convite do Papa João Paulo II, os jovens italianos e alemães, se preparam para este encontro religioso e festivo. Hoje, a prioridade da Irmã é o intercâmbio, diálogo, comunicação, encontro, conhecimento, não só entre os italianos, mas também com os jovens alemães.

Depois de tantos anos de presença Scalabriniana na Alemanha, pode-se dizer que a face da pastoral está modificada. Scalabrini desejava manter viva a fé e a cultura dos migrantes italianos nas Américas. Durante todos esses anos, acompanhando os jovens italianos, pode-se afirmar que a fé e a cultura foi cultivada nesse país, através da prática da fé em língua italiana, das festas tradicionais e da memória das raízes de proveniência, assim, o apelo de Scalabrini foi realizado.

Com satisfação, a Irmã MSCS, hoje, pode ver que “seus jovens” vivem uma real independência diante das duas culturas, línguas e realidades: a italiana e a alemã; valorizando e querendo bem a cada uma. Isto é prova do que Scalabrini dizia: “o fenômeno migratório amplia o conceito de pátria, fazendo do mundo a pátria do homem”.



Construindo Comunidade de Comunhão entre os Migrantes

As Irmãs Scalabrinianas chegaram a Villiers, a 15 km de Paris, em 1988, convidadas para cuidar humana e espiritualmente dos numerosos migrantes portugueses presentes na zona de Villiers e de Coeuilly. No início, o trabalho pastoral consistia, sobretudo, em acompanhar os migrantes dessas duas localidades na liturgia dominical, em visitar os doentes, e ensinar a catequese às crianças e adolescentes de língua portuguesa.

Em seguida, as Missionárias sentiram a necessidade de ajudar, gradualmente, a comunidade portuguesa a integrar-se na Igreja local; atuando concretamente como “ponte”, unificaram a comunidades portuguesa e francesa para a catequese, oferecendo um sinal concreto de fraternidade em Cristo.

Depois, no respeito aos valores propriamente lusitanos, conseguiram que diversos momentos eclesiais se tornassem espaços significativos também para a população francesa: as festividades solenes em honra à Nossa Senhora do Rosário de Fátima, as reuniões de grupo para o estudo do Evangelho, os turnos de adoração Eucarística, a participação nos grupos de oração e nos momentos mais específicos de devoção mariana.

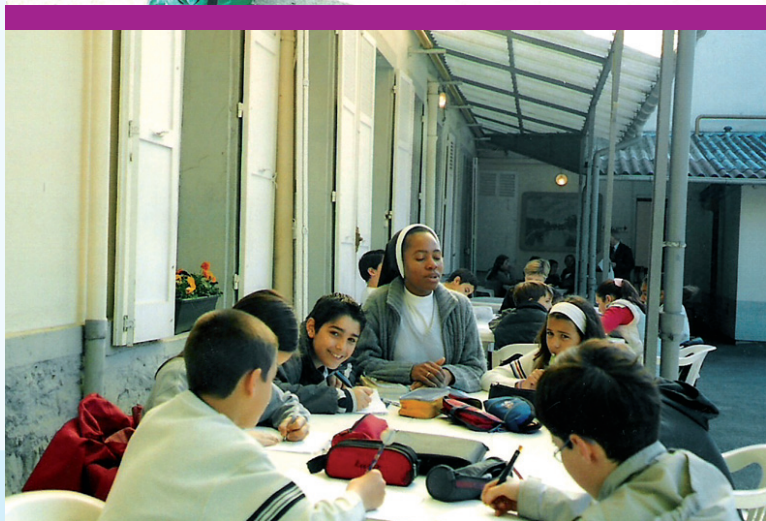
No entanto, no coração da Scalabriniana nasceram outras esperanças que foram tomando forma, principalmente a partir de iniciativas pastorais, sobretudo, quando ampliaram o campo de ação, com a vinculação de outras duas localidades ou comunidades, Le Plessis Trévisse e la Queue en Brie, àquela de Villiers.

Sentindo que era contraditório ter uma equipe pastoral para os migrantes e outra para a pastoral genérica da pároquia, começaram a se reunir, num único grupo, os membros das duas equipes. O Bispo da diocese, Monsenhor Daniel Labille fez visita pastoral aos migrantes do lugar. Ele os acolheu com amabilidade e permaneceu o dia inteiro com a comunidade e os escutou como Pai dessa ampla “família multicolor”. Os migrantes falaram, pediram, expuseram e esclareceram dúvidas e comentaram sobre a necessidade da conversão do coração para a aceitação plena “dos outros”, “do diferente”, principalmente, do povo que lhe assegura o pão.

A partir disso, muitas coisas mudaram. Hoje, todos os migrantes, independente da etnia, encontram espaço entre os portugueses. A festa tradicional de Nossa Senhora de Fátima tornou-se um momento de devoção dos povos residentes na

Muito já foi feito, mas há muito a se fazer, devido a escassez de agentes de pastoral.

... somente a
Palavra de
Deus pode
construir a
comunhão
entre tantas
diferenças.



região e na oração do Rosário; tornou-se habitual que se mude o idioma em cada dezena, permitindo, assim, maior participação. Nas festas litúrgicas e nas várias iniciativas vê-se a união dos migrantes, para a alegria daquelas que foram pacientes tecedeiras deste modo mais cristão de aproximar-se do sobrenatural. Nesse novo clima é colocado em comum aquilo que é prerrogativa de cada cultura para o enriquecimento de todos.

Um outro passo dado foi a tentativa bem sucedida de incentivar o espírito fraterno, trazendo a diversidade nas celebrações cotidianas. Com a colaboração dos vários grupos atuantes em nível paroquial, consolidou-se um costume mais cristão, e portanto mais scalabriniano - de exprimir a fé. As Irmãs Missionárias Scalabrinianas são profundamente agradecidas a Deus e ao seu Fundador, o Bem-aventurado João Batista Scalabrini, do qual herdaram o carisma de operar com esperança no complexo *humus* da mobilidade pluriétnica.

Uma das preocupações presentes no trabalho, e as Missionárias Scalabrinianas experimentaram o quanto é difícil administrá-lo, é o do pluralismo religioso. Fala-se e discute-se com certa frequência nas reflexões paroquiais e diocesanas. E, cada vez mais, se reforça a convicção de que, somente a Palavra de Deus pode construir a comunhão entre tantas diferenças. Por isso, também, a intenção de que a Palavra seja o centro da vida.

Um momento privilegiado do trabalho missionário é a Festa dos Povos, que acontece anualmente, demonstrando o quanto é bom festejar juntos, e como isso ajuda a caminhada de união no dia-a-dia. Durante essa festa, cada comunidade tem espaço para expressar-se na sua língua e dizer o que pensa e espera da Igreja. Nos encontros trimestrais do Conselho Paroquial, os membros refletem, avaliam e planejam. Admite-se que muito foi feito, mas que há muito a se fazer, devido, também, à escassez de agentes pastorais. As Irmãs Missionárias Scalabrinianas sabem dessa dificuldade e rezam, com confiança, pedindo ao Cristo Peregrino, que quis identificar-se com o migrante, o envio de muitas e santas vocações.

Migrantes

Brasileiros e Africanos

Portugal, desde muito tempo, foi tradicionalmente um país de emigração. Nos anos 80, época em que os países da Europa central e do norte impunham fortes barreiras à entrada de migrantes, aumentou a pressão sobre os países da Europa do sul: Itália, Espanha, Grécia e Portugal.

Atualmente, a Europa possui 25 milhões de imigrantes. A previsão é que, dentro de poucos anos, necessitará de 100 milhões, a fim de que haja trabalhadores para sustentar os cofres da Previdência Social e garantir os benefícios a uma população com grande número de idosos.

Em Portugal, as oportunidades de emprego começaram a atrair milhares de migrantes, particularmente dos países africanos de língua portuguesa, europeus dos países do leste e brasileiros, que estão num contínuo crescimento.

As Irmãs Scalabrinianas estão presentes em Portugal desde 1982 e contam com três Comunidades, nas cidades de Amora, Fátima e Cova da Piedade.

Imigrantes Brasileiros em Portugal

O Brasil foi, durante longos anos, um país de destino para muitos portugueses, hoje, é Portugal o país de destino para muitos brasileiros. Nos anos de 1980, entre os imigrantes brasileiros predominavam empresários e profissionais altamente qualificados como: dentistas, jornalistas e especialistas em publicidade e marketing. Nos últimos anos porém houve uma evolução, cada vez maior, do número de pessoas, pouco qualificadas, que trabalham na construção civil, comércio, hotéis, restaurantes e serviços domésticos.

A característica da imigração inicial ainda é laboral. Num segundo momento, os migrantes buscam o reagrupamento familiar, já que muitos partem deixando a família para uma etapa posterior.

O grande contingente de migrantes brasileiros, em Portugal, procede do estado de Minas Gerais, Brasil. Aos poucos, aumentam também, os procedentes de outros estados brasileiros. Concentram-se em sua maioria, na região de Lisboa e na margem sul do rio Tejo. A região do Porto vem em segundo lugar.

Em 11 de julho de 2003, por ocasião da visita do presidente do Brasil, Luís Inácio Lula da Silva a Portugal, foi assinado com o governo português, um acordo que prevê a legalização de todos os brasileiros e portugueses que entraram nos dois países, até a data da assinatura do protocolo, e que possuam um contrato de trabalho válido. Porém, os entraves burocráticos em Portugal são incontáveis.

Para entrar legalmente em Portugal, os imigrantes precisam ter um contrato de trabalho e, como muitos não o tem, chegam via Espanha, cruzando as fronteiras sem a documentação exigida.

Problemas dos migrantes relativos à documentação e trabalho:

- Discriminação no acesso aos mercados de trabalho;
- precariedade laboral e baixos salários;
- baixos níveis de qualificação escolar e profissional da maioria dos imigrantes;
- recusa das empresas em celebrarem contratos de trabalho, devido à documentação exigida pela Inspeção Geral do Trabalho (IGT), às entidades patronais;
- pesadas multas;
- necessidade de contrato para regularização;
- longa espera após terem processos em andamento;
- deslocamento para consulados da Espanha para obter o visto.

Problemas de Habitação:

Famílias migrantes de proveniências diversas ou pessoas sozinhas, devido o alto custo do aluguel, reúnem-se em grupos e compartilham espaços reduzidos e muitas vezes insalubres; onde falta a infra-estrutura da rede viária e de esgotos; onde é impossível a privacidade familiar, em vista da necessidade do uso dos mesmos recursos como o fogão, a geladeira, banheiros e outros, gerando um alto risco de problemas familiares, promiscuidade e prostituição.

Problemas relativos à vivência da própria religiosidade:

Isolamento, sensação de inferioridade, falta de motivação à participação da Comunidade Eclesial; desejo de realizar casamentos e batizados somente ao regressar ao Brasil; cansaço pelas longas jornadas de trabalho pesado e em finais de semana; facilidade em aderir a Igrejas evangélicas, dada a proximidade destas no contato com as famílias, são os problemas mais comuns enfrentados pelos migrantes.

Presença Missionária Scalabriniana junto aos Migrantes Brasileiros

As Irmãs Missionárias Scalabrinianas, na diocese de Setúbal, marcam presença junto aos migrantes brasileiros, através do contato com as famílias e grupos residentes na Quinta do Silêncio, Foros de Amora, um aglomerado precário de casas, com ruas de chão batido, sem nenhuma conservação e esgoto a céu aberto. Com a necessidade de organização do migrante surgiu recentemente, a Comunidade Brasileira da Paróquia de Amora. Esta, reúne-se mensalmente para refletir, planejar e avaliar atividades, debater problemas, receber informações de técnicos de órgãos de defesa e apoio ao migrante: Associação Brasileira de Portugal de Seixal, Consulado Brasileiro e Casa do Brasil de Lisboa que ajudam o migrante a esclarecer os caminhos que deve percorrer para regularizar a sua situação.

Essas reuniões motivaram, a partir de 2004, atividades como inscrição das famílias carentes às doações do banco alimentar e as campanhas beneficentes com a participação dos jovens em favor dos migrantes necessitados, peregrinações de brasileiros a Fátima, organização da festa de Nossa Senhora Aparecida, festa junina, novena de natal nas famílias, encontros quaresmais, grupos de reflexão, confraternizações e encontros.

Tais atividades ao estilo brasileiro, lideradas pelas Irmãs Scalabrinianas têm promovido o conhecimento mútuo e a formação de laços de amizade e solidariedade e têm motivado os migrantes à participação na comunidade local, o que certamente facilitará a inserção e integração do migrante à nova cultura e vivência, na terra que buscou para melhoria de vida.

Imigrantes Africanos em Portugal



Com o fim das Colônias, em 25 de abril de 1974, inicia a chegada de centenas de africanos, em Portugal. A sucessão de conflitos armados que ocorreram após a independência, impeliu inúmeros refugiados para Portugal, sem contudo, usufruírem da condição de refugiados. Nos anos de 1980, assistiu-se a um aumento de migrantes indocumentados, originários sobretudo de Angola, Cabo Verde, Guiné Bissau, São Tomé e Príncipe. Os problemas de integração foram se agravando nos anos de 1990, devido à contínua chegada de migrantes e a incapacidade do Estado para resolver os problemas de habitação, assistência, apoio familiar e educativo. O resultado foi o aumento da exclusão social da população africana residente em Portugal, acrescida da velada discriminação racial. Atualmente os milhares de migrantes africanos, continuam com os mesmos problemas de integração, enfrentam a discriminação e as consequências de uma trajetória de exclusão.

Presença Scalabriniana junto aos Migrantes dos Países Africanos de Língua Oficial Portuguesa - PALOP

A Congregação marca presença junto aos africanos através do diálogo, visitas, acompanhamento, aulas nas escolas, catequese, aprofundamento da fé, realização de encontros, celebrações, confraternizações e peregrinações com os migrantes.

Estar com o migrante em Portugal é estar sempre a caminho, e viver no dia a dia, o mundo instável do peregrino que caminha, na provisoriedade e na incerteza, numa perspectiva de Esperança.

Novas Fronteiras do Leste Europeu

A ampliação da União Européia representa um desafio histórico e um importante passo para a reunificação dos países integrantes, divididos durante meio século pelo socialismo dos países do leste, sob o domínio político e militar da ex-união soviética.

Até 1º de maio de 2004, as fronteiras da Polônia com a comunidade européia, eram apenas com a Itália, Áustria e Alemanha. Agora, com a ampliação da comunidade européia, o papel de ponte para entrar nesse pequeno pedaço de paraíso social, econômico e político passou a ser principalmente a Polónia, país que confluindo fronteiras com a Rússia, Ucrânia e Belo Rússia, funciona como filtro principal das emigrações do leste. As línguas faladas nesses territórios (polaco, russo, ucraniano, lituano) são desconhecidas para os ocidentais, e quando estudadas, os migrantes são introduzidos num mundo gramatical, de lógica e de conceituação completamente diverso daquele ocidental.

Do ponto de vista religioso a subdivisão principal do Leste é aquela entre muçulmanos e cristãos, estes últimos, por sua vez, estão subdivididos em ortodoxos e católicos e, em menor quantidade, protestantes. Em outro extremo, encontra-se a Polónia que, com 38 milhões de habitantes é, entre os mais novos, a mais populosa da União Européia: um dos países mais “sólidos” do ponto de vista étnico e religioso, embora haja um grande percentual de ateísmo causado pela ditadura comunista, especialmente nos territórios da ex-União Soviética, que proibia de modo absoluto, qualquer referência ao religioso.

Zoom sobre a Polónia

A Polónia, desde sempre, esteve na encruzilhada dos grandes eventos e desencontros da história européia. Desse país pode vir a sensibilidade e a capacidade de compreender os trabalhos e os problemas do presente, diferentemente ao modo dos “ocidentais”. Historicamente, a Polónia sempre foi um país com considerável emigração da Europa oriental e central, e um importante reservatório de mão-de-obra para muitos países da Europa Ocidental e da América do Norte. Hoje, a Polónia permanece como um “país de transição” para todos aqueles fluxos que carecem proteção, pela falta de estabilidade política e pelos frequentes conflitos de origem étnico-territorial dos primeiros anos do pós-comunismo; pessoas que se dirigem principalmente rumo à Europa ocidental e, portanto, é o corredor para os países europeus sobretudo do oriente e da área caucásica.

A Polónia, devido a sua posição, tornou-se a terra prometida, a América da Europa, a porta de acesso à União Européia. A sua situação é complexa: as estatísticas atuais sobre a migração confirmam que, embora continue a ser um país de emigração, já tornou-se um país de trânsito (31.736 permanências temporárias em 2003) e começa a ser, também, uma desembocadura para a imigração (3.004 estadas permanentes de predomínio do Vietnã e da Armênia) e para os que solicitam asilo (8.058 pedidos dos quais 299 foram aprovados em 2004). Os estudiosos prevêem que o êxodo dos polacos continuará, embora não em medidas alarmantes.

Por outro lado, urge o aumento dos níveis salariais, pois, atualmente são os mais baixos em relação aos países ocidentais, e, também, a idade já bastante avançada da população, com o passar do tempo terá necessidade de operários, pois neste ínterim, o desenvolvimento local aumentará. Por esses motivos, a imigração agora está em sua primeira fase. Somente quando diminuir o nível de desemprego se tornará mais consistente. Por isso, as normas são severas e o controle vigilante: em 2003, foram feitas 9.220 expulsões, nos trinta postos de controle na fronteira russa; e só no mês de outubro do mesmo ano, foram concedidos um milhão e duzentos mil vistos de entrada. Entre as situações mais difíceis e ainda não totalmente resolvidas, recorda-se o conflito na Cecênia, região caucásica da Rússia, de maioria muçulmana, onde junto ao aumento da repressão de Moscou, deu-se a radicalização do movimento independentista. São os cecênios a imigração emergente na Polónia, e são eles, normalmente, que apresentam os pedidos de asilo.

As petições de refúgio são tão numerosas que as autoridades foram impelidas a abrir novos acampamentos para a acolhida dos pedidos de asilo que se unirão aos dezesseis já existentes. A sua organização dá impressão de eficiência e firmeza, e sinais de abertura e respeito aos direitos. A Polónia possui uma fronteira de aproximadamente dois mil quilómetros, e para responder em todos os efeitos ao “Pacto de Schengen”, deve demonstrar que consegue conter e controlar os fluxos migratórios, e isso faz com que a nação assumia medidas muito restritivas, negando os direitos à imigração, especialmente, quando causada por problemas étnicos ou guerra.

O Apostolado das Irmãs MSCS

A comunidade das Irmãs MSCS, presente na Polónia desde 1995, atualmente exerce seu apostolado em Varsóvia, capital da nação. As principais pessoas atendidas são os refugiados, na maioria cecênios, e também solicitantes de asilo, ilegais, deportados, pessoas detidas nos cárceres, devido à falta de documentação legal. Os cecênios, enquanto esperam receber a resposta ao pedido, permanecem em centros destinados a eles. O problema mais grave do sistema de asilo na Polónia, consiste na falta de uma efetiva política de integração, isto é - ainda não foram resolvidos os problemas básicos da Polónia, como alimentação e moradia, que ainda são dois pontos frágeis, impedindo integração na sociedade polaca.

Quando os refugiados têm sua situação reconhecida, as Irmãs MSCS iniciam com eles um programa de integração. Os refugiados recebem um subsídio mensal. São inscritos nas listas para consecução de um emprego, ajudados para a obtenção de uma moradia. A ajuda do ACNUR tem a duração de um ano. É óbvio que, num período de apenas doze meses, não é possível de modo algum, garantir eficaz integração. A maioria sabe que a Polónia não pode oferecer grandes possibilidades, sobretudo, quando a nação carrega tantos problemas específicos. Depois de um tempo de espera, e terminado o programa chamado “integração”, todos os que podem, buscam a entrada em outros países da União Européia.



O maior desafio para a missão scalabriniana é a sensibilização da Igreja católica da Polónia. Ainda é necessário uma maior consciência sobre o fenómeno por parte da Igreja e de toda a sociedade. Os emigrantes presentes no país, em sua grande maioria, não são católicos, e portanto, não se aproximam da paróquia. Não existe nenhuma estrutura da Igreja local a serviço pastoral dos migrantes, a não ser o espaço caritativo e ajuda social através da Cáritas diocesana. Das 46 dioceses polacas, apenas quatro têm um escritório de serviço para os refugiados e migrantes. E os serviços sociais de caridade desses escritórios, são financiados pelo ACNUR da União Européia, como é o atual caso do serviço de Varsóvia.

A missão das Irmãs MSCS desenvolve-se basicamente a partir de duas áreas - ajuda legal e acompanhamento em vista de integração na sociedade polaca e através das seguintes atividades:

- Escuta atenta à pessoa migrante (história, dificuldades atuais, sonhos);
- Facilitação dos contatos com a administração local;
- Pequenas ajudas materiais e esporádicas, em caso de evidente necessidade;
- Acompanhamento psicológico também em língua russa;
- Inserção ao sistema nacional de saúde e de educação;
- Ajuda na procura de moradia e trabalho;
- Serviço de tradução e ajuda na compilação de documentos, formulários, solicitações;
- Apoio aos processos de reunificação familiar;
- Sensibilização da sociedade e da Igreja local;
- Contatos com todas as instituições que trabalham no campo migratório;
- Criação de uma rede de voluntariado para suporte às diversas ações em andamento;
- Participação em conferências, seminários nacionais e internacionais.

Se a Polónia é ponte entre o ocidente e o oriente, a Congregação das Irmãs Missionárias Scalabrinianas assume esta missão com a mesma confiança, humildade e amor, tendo presente a missão das quatro primeiras Irmãs MSCS que no início do Instituto levantaram âncora no Brasil, impelidas pelo chamado de Deus para servir o homem migrante, na fidelidade ao Carisma confiado pela Igreja.

A Figura Scalabriniana Feminina nas Filipinas

A presença das Irmãs Missionárias Scalabrinianas, na República das Filipinas, iniciou-se em 1987, ano em que o país conquistou a democracia através da pacífica revolução popular ocorrida em 1986. Desde então, também as Filipinas se tornaram pátria para as Irmãs MSCS. O país rapidamente foi marcado por uma forte emigração por causa de problemas econômicos e a política interna adotada pelo novo governo. Milhares de filipinos, encorajados e esperançosos de encontrar trabalho e melhorar de vida, partiram para o exterior causando no país de origem, problemas ainda maiores tais como: ausência de uma ou duas figuras paternas durante o crescimento das crianças, exploração de trabalho feminino e infantil, decadência moral na família e na sociedade bem como suas consequências.

Atualmente, Filipinas é uma grande fonte mundial de migrantes, o que exige ainda mais a presença dinâmica das Irmãs Scalabrinianas. Em virtude das demandas da Igreja local, as Irmãs procuram atender a esse desafio. Essa missão requer atenção no atendimento às necessidades pastorais das famílias e de seus filhos. Fazendo tesouro da riqueza da própria feminilidade, as Irmãs MSCS, guiadas pelo Espírito de Cristo Peregrino, procuram testemunhar e servir em favor da vida e da fé, dedicando tempo, amor, presença efetiva e trabalho criativo para diminuir o efeito negativo que a migração suscita entre o povo migrante.

As Irmãs MSCS dedicam-se, sobretudo, à educação dos filhos dos trabalhadores migrantes internos e dos emigrantes, através do “*Instituto Scalabrini*”. Também atuam na ação pastoral entre os migrantes, em particular com os marítimos e com os refugiados. Muitas são as atividades por elas desenvolvidas como animadoras e coordenadoras: formação humana e cristã; orientação espiritual, formação acadêmica e de reforço escolar; ensino da língua inglês aos estrangeiros. Dedicam-se à preparação e atualização de agentes, voluntários, pais e educadores. Ocupam-se na realização de seminários de estudo, preparação e orientação dos futuros emigrantes.

Também marcam presença junto ao “*Centro Scalabriniano para Pessoas em Mobilidade*”, dirigido pelos Padres Scalabrinianos. Nesta instituição que abriga migrantes, retornados e filipinos que estão prestes a emigrar, a Missionária Scalabriniana se dedica integralmente ao atendimento pastoral, à promoção e defesa da dignidade das pessoas em mobilidade.

A presença das Irmãs MSCS, nas Filipinas, é testemunha do carisma legado pelo fundador, o Bem-aventurado João Batista Scalabrini, expresso por meio da educação, do atendimento pastoral social, da formação de jovens à vida consagrada scalabriniana, e à animação da pastoral vocacional. O carisma é vivido e testemunhado na inserção em programas de pastoral social, tanto na Comissão Episcopal da Pastoral dos Migrantes e Itinerantes, quanto no Centro Scalabriniano para Pessoas em Mobilidade, na Arquidiocese de Manila.

Uma iniciativa importante, é o apostolado realizado com as famílias dos migrantes, através da arquidiocese de Novaliches, em Manilla. Este serviço visa responder às





múltiplas necessidades das famílias e fazê-las perceber sua própria missão para com os demais migrantes. Trata-se de prova concreta da vivacidade da missão Scalabriniana feminina nas Filipinas. A fé vivida pelas Irmãs MSCS como esperança profética, concretizada na caridade, se torna testemunho, promoção e alimento à vida e à identidade pessoal dos migrantes.

Apesar do pequeno número de missionárias que integram a missão, a presença feminina das Irmãs Scalabrinianas se faz sentir à semelhança da figura silenciosa de Maria que bem soube acompanhar os feitos missionários do seu Filho Jesus. As Irmãs Missionárias de São Carlos Borromeu-scalabrinianas, confiantes de que Deus verdadeiro autor da missão está sempre vivo e atuante em seus esforços apostólicos singelos, porém, nobres, continuam dedicando-se às tarefas missionárias que lhes são confiadas no atendimento aos migrantes e às suas famílias, como testemunhas proféticas, no contexto atual de um mundo marcado pela mobilidade.

**Testemunhas
proféticas no
contexto da
mobilidade
humana.**

Índia
Índia

Vida Nova e Compromisso Congregacional com as Pessoas em Mobilidade

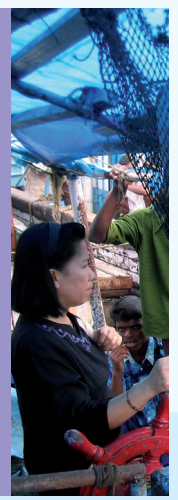


A missão na Índia dá um novo dinamismo à vida e à missão da Congregação MSCS, na Ásia. A ação pastoral se realiza com pessoas em mobilidade num ambiente predominantemente não-cristão. Embora as implicações e desafios, advindos deste fato envolvam as Irmãs, também marcam e afirmam a identidade missionária Scalabriniana, mantendo-as comprometidas com o trabalho de evangelização da Igreja junto às populações migrantes. No quadro atual da globalização, isto significa estar frente a frente com um pluralismo cultural e religioso que talvez nunca se tenha experimentado de forma tão consciente.

Criação da Comissão de Pastoral da Mobilidade Humana, em Trivandrum, Kerala

Trivandrum ou *Thiruvananthapuram*¹, como qualquer outra cidade em expansão na Índia enfrenta os insidiosos efeitos da globalização. Defronta-se com o fenômeno da mobilidade humana que solapa o tecido de sua vida social, econômica, cultural, religiosa e política. Os problemas acarretam o aumento do afluxo de turistas estrangeiros e nacionais; o constante êxodo de mão-de-obra para os países do Golfo; a migração de pescadores para outros lugares do litoral, tanto dentro como fora da região; a chegada de nômades de outros estados; e também a vinda de profissionais e migrantes altamente qualificados contratados na Europa e na Austrália.

A preocupação da Igreja local em responder ao impacto desse fenômeno na vida das pessoas levou, ao final de 2004, à criação da Comissão Arquidiocesana de Assistência Pastoral às Pessoas em Mobilidade, uma iniciativa de Dom Soosa Pakiam², o arcebispo de Trivandrum (nome latino da cidade). Essa resposta, sem precedentes em



favor das pessoas em mobilidade, faz de Trivandrum a primeira diocese da Igreja indiana a ter uma estrutura organizada e um ministério coordenado para prestar assistência aos migrantes estrangeiros e nacionais, turistas internacionais e locais, nômades e pescadores.

Nossa Missão: formar, administrar, supervisionar, animar e coordenar a Comissão

Em colaboração com o Arcebispo e com a Associação de Serviços Sociais de Trivandrum, as Irmãs Scalabrinianas conseguiram o que parece um feito extraordinário para recém-chegados na Arquidiocese: instituir a Comissão e fazê-la funcionar.

Tendo como metas a eficácia e a relevância, os primeiros esforços se concentraram na identificação das diferentes categorias de pessoas em mobilidade na Arquidiocese, e na definição dos tipos de serviços adequados às necessidades de cada categoria identificada. Procurou-se, também, elaborar um plano de trabalho consciente e sensível que respondesse às questões e preocupações de uma sociedade pluri-religiosa, multicultural e pluripolítica, consoante com os documentos instrucionais emanados do Pontifício Conselho da Pastoral dos Migrantes e Itinerantes, tal como adotados pela Conferência dos Bispos Católicos da Índia, cujo braço de mobilidade humana integra a Comissão do Trabalho.

Fiel ao compromisso de ser tanto uma mão que ajuda, como consciência profética diante do fenômeno da mobilidade humana, no contexto sócio-eclesial da Arquidiocese de Trivandrum³, e de toda a região de Kerala, a Comissão acompanha de perto, e com especial atenção, as seguintes situações:

- dos pescadores que se arriscam a cruzar o território indiano para pescar em águas territoriais do Paquistão e do Sri Lanka;
- dos pescadores patrocinados por árabes que vão pescar, sob contrato, nos países do Golfo, tornando-se presas fáceis de trapagens e abusos por parte dos agenciadores e patrões;
- das famílias deixadas para trás, em particular aquelas cujo bem-estar moral, espiritual e psicológico é ameaçado pela prolongada ausência das pessoas queridas;
- dos pescadores que migram para aldeias vizinhas (inclusive aquelas onde o Hinduísmo e o Islã predominam) e que estão sujeitos a abusos, exploração e discriminação nas mãos das comunidades receptoras, que os tratam como forasteiros e pertencentes às castas mais baixas da estratificação social;
- dos turistas internacionais que vêm em busca de tratamento nos hospitais *ayurvédicas*⁴;
- e dos milhares de nômades⁵ que vagam pelas ruas de Trivandrum e que, devido à falta de educação, têm de recorrer a trabalhos de baixa remuneração para sobreviver quando não caem na mendicância, passam as noites ao relento nos degraus das lojas, nas escadarias de edifícios comerciais e prédios governamentais, debaixo das árvores e à beira das estradas.

Finalmente, além de considerar de suma importância a continuidade e intensificação do trabalho da pastoral da mobilidade humana, as Irmãs Scalabrinianas atendendo a motivação de muitas jovens na região que querem vincular-se à missão de serviço ao migrante, através da vida consagrada scalabriniana, organizou também o serviço de animação da pastoral das vocações, vinculando-o com a animação da comissão arquidiocesana de assistência pastoral às pessoas em mobilidade.

Compreendendo o texto

¹ Thiruvananthapuram significa eterna cidade sagrada: “Thiru” significa *sagrado*, “Anantha” *eterno*, e “Puram” *cidade*. É a capital do Estado de Kerala no Sul da Índia.

² Em 17 de junho de 2004, o Santo Padre Papa João Paulo II elevou a Diocese de Trivandrum ao status de Arquidiocese, nomeando o bispo, S^a Em^a, Dr. Soosa Pakiam M., o primeiro arcebispo da nova arquidiocese.

³ Arquidiocese de Trivandrum: A Província Eclesial de Trivandrum compreende cinco dioceses: Neyyattinkara, Punalur, Trivandrum, Quilon e Alleppey. Ao todo, engloba umas 70 paróquias, 52 postos missionários e 1.561

Unidades Básicas de Comunidades Cristãs.

⁴ O *aiurveda* [do sânscrito *Ayurveda*] é um tradicional sistema indiano de terapia medicinal e rejuvenescimento que se baseia nos Vedas e remonta a 5.000 anos atrás.

⁵ Os nômades em Trivandrum são oriundos dos estados de Andra Pradesh e Tamilnadu e são falantes de Tamil e Telungu.



Terra de Missão, Coragem e Generosidade

Chegamos a Juban, Albânia, num final de tarde, do mês de setembro de 1996, sem avisar a ninguém. Não era fácil comunicar-se. Em *Valona*, a experiência de uma chamada num telefone público, foi falida. Em *Tirana*, buscamos o escritório da *Cáritas*, junto com um jovem albanês desconhecido que, gentilmente, se dispôs a nos ajudar, no emaranhado de estradas poeirentas e caóticas da capital, totalmente sem manutenção. Finalmente, no final da rua nos encontramos, com uma fábrica italiana de sapatos. Com a informação ali recebida, encontramos o escritório da *Cáritas* e seu Diretor, Pe. Niki Pace que, embora fora do horário de trabalho, ainda se encontrava no escritório.

A Albânia vivia os anos de emergência: miséria, pobreza, fome, sobretudo nos vilarejos da montanha do norte: Mirdita e Zadrina. A Itália vinha assistindo com consternação, o desembarque de milhares de pessoas que chegavam aos portos de “Puglia” e que, por longo tempo, continuaram chegando clandestinamente, em pequenas embarcações, escondidas nos caminhões de transporte de carga. Uma hemorragia de força jovem e de vitalidade estava, posteriormente, empobrecendo “a terra das águias”, e apresentava desafios sobre desafios à rica Europa.

As narrações de Pe. Nike aumentavam em nós o desejo de conhecer e de chegar até onde pudéssemos, percorrendo as estradas esburacadas, apenas com um único objetivo. Sabíamos da presença das Irmãs Missionárias Scalabrinianas em Juban, e sendo nós de *Como*, cidade natal de Mons. Scalabrini, não podíamos deixar de realizar esse encontro.

Percorrendo as estradas da missão

Ao lado de uma imponente Igreja, com uma grande imagem de Maria Auxiliadora no átrio, encontrava-se a pequena e arruinada casa paroquial. Afastadas do grande pátio, se encontravam algumas barracas de madeira que hospedaram os primeiros voluntários, tudo fechado por uma grande cerca de arame. O vento levantava nuvens de terra e entrava assobiando debaixo das portas fechadas, por entre as pequenas frestas abertas da madeira. À frente, do outro lado da estrada, se encontra o povoado situado aos pés da montanha pedregosa e despida de vegetação. Casas baixas, protegidas por muitas árvores, escondidas pelas cercas de parreirais, separadas uma da outra por pequenos campos cultivados de milho, hortaliças, e pelo curral para os animais domésticos que separam o terreno entre uma casa e outra. Vozes, sons e barulhos: é a vida acontecendo!

Irmã Albina Bianchini corre ao nosso encontro, aberta à novidade e à acolhida. Mais tarde retorna do hospital de *Scutari*, Irmã Federica Gallina com um professor de *Bologna*, impressionado pelas condições do hospital e dos pacientes e, portanto, determinado a concretizar um projeto para o setor da saúde. À porta da casa, escutava-se o contínuo repicar da campainha, eram mulheres que o tempo e as privações de toda espécie haviam marcado com rugas profundas no rosto e nos calos das mãos, pedindo comida ou mendigando uma cura para as feridas ou enfermidades de suas crianças pequenas, em troca de figos e mel. Cenas já vividas em 1966, em *Lucania* sobre o Monte Pollino. Também agora num país vazio de homens, todos emigraram para a Suíça ou a Alemanha e, às vezes, depois de viagens esgotadoras, rejeitadas e deixadas nas fronteiras, as mulheres, mudas e desesperadas, pediam ajuda em troca de uma latinha de tomate, cheia de água.

A emergência sanitária: a mais grave de todas as emergências, porque demonstra as condições de vida de um povo, e condena sem possibilidade de escapatória, a classe dirigente de um país. A Albânia de então, era um país totalmente destruído. Neste cenário, a guerra da Kossovo, envolveu os albaneses das zonas fronteiriças, provocando grandes movimentos de refugiados que foram acolhidos nas pobres casas das famílias já por si, numerosas. O mesmo acontece em Juban, porque se encontra no caminho que leva a Kossovo, e junto aos

refugiados também chegam as consistentes ajudas humanitárias. Daquela ocasião, ainda permanece de pé uma grande construção destinada, então, ao ambulatório para responder às exigências dos prófugos que, em seguida, foi transformado em centro sanitário de base e de reabilitação fisioterapêutica.

Depois daquela primeira vez, continuei retornando à Albânia regularmente a cada ano. Buscava curiosa, os sinais de esperança e retomada do crescimento, pois, acreditava firmemente, junto com as Irmãs MSCS, que havia possibilidade de um futuro de paz e de trabalho para o povo albanês em sua pátria. As Irmãs foram se revezando, umas iam, outras vinham, mas o carisma Scalabriniano tinha sua continuidade, já com raízes fincadas em profundidade na terra das águias.

Da primeira comunidade de Juban, nasceu aquela de Stayka, diversa em seu objetivo, mas complementares: a primeira para a formação da mulher e a acolhida de postulantes, a segunda destinada ao noviciado para as jovens albanesas que decidam abraçar a vida religiosa. Depois de anos escuros e de perseguição religiosa, a fé volta a desabrochar e pede para ser nutrida e cultivada para tornar-se dom. “Se o grão de trigo não morre, não produz frutos”, mas quanto cuidado é necessário para cultivar e fazer crescer a plantinha. Quanto amor para obedecer ao mandato: “Ide em todo o mundo e pregai o Evangelho a toda criatura!”. Quanta exigência para evangelizar com a doação de vida, num lugar onde a própria vida é, continuamente, provada pelas privações e, ainda hoje, só é possível viver sem dificuldades somente se recebem alguma remessa de algum familiar do exterior.

Juban e Stayka não são exceção. São cidades cheias de pobreza, lugares de emigração e de transição para a migração interna, provenientes das montanhas vizinhas. As duas cidades estão distantes uns quinze quilômetros de Scutari (a capital albanesa) e estão, relativamente, bem servidas pelas vias de transporte e comunicação. As condições de vida são atrasadas pela falta de infra-estrutura social e econômica de base, e pela fragilidade das instituições democráticas e legislativas que, de fato, atrasam o desenvolvimento da iniciativa privada.

Muitos jovens inteligentes e curiosos, buscando melhorar a sua condição e aquela das próprias famílias, são constantemente colocados em perigo, pelas ilusões e falsas propostas apresentadas aos migrantes, pois, não estão preparados para enfrentarem o mundo fora de suas fronteiras, aquele mundo que os atrai como o canto da sirene, quando não querem ouvir as razões das vozes que os alertam, porque daquele mundo estrangeiro, em troca dos filhos que partiram, só receberam retorno em lágrimas e dor. As mães albanesas cantam assim: “Te levarei uma flor em qualquer lugar que tu estiveres, porque és uma flor, e quisera fazer-te sonhar e recordar que és filho de uma terra que te ama. Deus te faça retornar e florescer entre nós, sonhar entre nós, sofrer conosco pela verdadeira liberdade”.



Irmã Antonia é incansável. Corre com o carro da missão de um lugar a outro, desce a beirada do rio seco, e caminha até aos barracões construídos apressadamente e habitados pelas pessoas da montanha. A jovem mulher levanta um plástico e aparece sorridente à porta. Diante dela, os dois gêmeos, seus filhos menores, dão alguns passos ao nosso encontro, enquanto o irmãozinho maior saúda com desenvoltura. Agora, os gêmeos estão bem. Sempre foram frágeis e sem apetite, mas pelo menos já caminham e o problema cardíaco está sob controle. A desnutrição que os tinha paralisado em seu desenvolvimento, na fase em que foram desmamados, devido a uma prolongada alimentação no seio já seco, mas considerado pela mãe, segundo o seu costume, única fonte de alimentação para os pequenos, tinha minado seriamente a sua saúde, chegando até a temer pela vida de um dos dois. Quanto trabalho de convicção e de educação junto à mãe que parecia indiferente, ou resignada com a ruína

diante da explicação de noções higiênico-sanitárias e de alimentação correta, e a prática de comportamentos idôneos para nutrir e criar aqueles dois filhos que necessitavam ser cuidados. A alimentação compensatória e as papinhas que Irmã Antônia sempre soube assistir aos dois, e para muitos outros nas mesmas condições, tinham feito o restante.

Irmã Antônia é enfermeira. Uma profissão importantíssima na Albânia. Doenças raras, já vencidas por nós, proliferam com certa frequência nestas terras. São difíceis de diagnosticar e custosas para curar. Onde não existe um bom sistema sanitário público, adoecer é um luxo, a que o pobre não pode permitir-se. E quando acontece é uma tragédia. Tragédia que o remédio, se é possível, suprirá. Ou esperar a possibilidade de curar, levando-o ao exterior. E a família sofre o trauma da separação. São comuns os envenenamentos por picadas de cobras quando, particularmente, as crianças, cuidam os rebanhos de animais nas zonas pedregosas da montanha, sem calçados adequados. Como também as feridas provocadas por queimaduras, provenientes dos fogões e fornos construídos muito baixos, quase no chão, praticamente da altura de uma criança, com inevitáveis caídas de panelas de água fervendo, e outros. E depois as feridas de armas de fogo. Acidentais ou de outra natureza suspeita.

Que fazer? Irmã Antônia colocou sua profissão a serviço do carisma scalabriniano. Projeta, num país de emigração, contribuir intensamente para diminuir a rapidez do fenômeno migratório. “Liberdade de migrar, não de fazer migrar”, escrevia o bem-aventurado Scalabrini. E ei-la agora, a realizar junto com as outras Irmãs MSCS, a escolha comprometedora e querida pela Congregação: converter, revitalizar, qualificar e administrar a estrutura do pequeno ambulatório a um Centro Sanitário de base e de reabilitação de fisioterapia, para responder ao direito à saúde da população local e melhorar a qualidade de sua vida. O Centro recebe, cada dia, um vai e vem frenético de pacientes que procuram as consultas gerais ou de especialistas, e ainda encontram albaneses profissionalmente preparados e em ambiente equipado, para escutar e curar, e, pelo standard da saúde pública albanesa, seguramente, a vanguarda no setor da saúde.

A educação como fator de transformação

Este é um modelo daquilo que é possível propor em outro lugar. Portanto, a obra mais importante, a médio e longo prazo, é aquela do nível educativo. O ressurgir de uma nação é baseado sobre a educação integral dos seus cidadãos e educar para a saúde é uma tarefa prioritária. Desta convicção, surgem os cursos de educação higiênico-sanitária e noções básicas de pronto socorro, de conhecimento e uso de medicamentos essenciais para as mulheres; aqueles úteis para a cura infantil e para as mães; os cursos de prevenção de doenças infecto contagiosas, devido ao pouco cuidado e a degradação do meio ambiente primário: controle da água, evacuação dos lixos e dos detritos. Uma tarefa complexa mas gratificante, porque é endereçada a pessoas que, sentindo-se objeto de um cuidado desinteressado e generoso, respondem com diligência pessoal para tornarem-se, elas mesmas, sujeitos de transformação de uma sociedade.

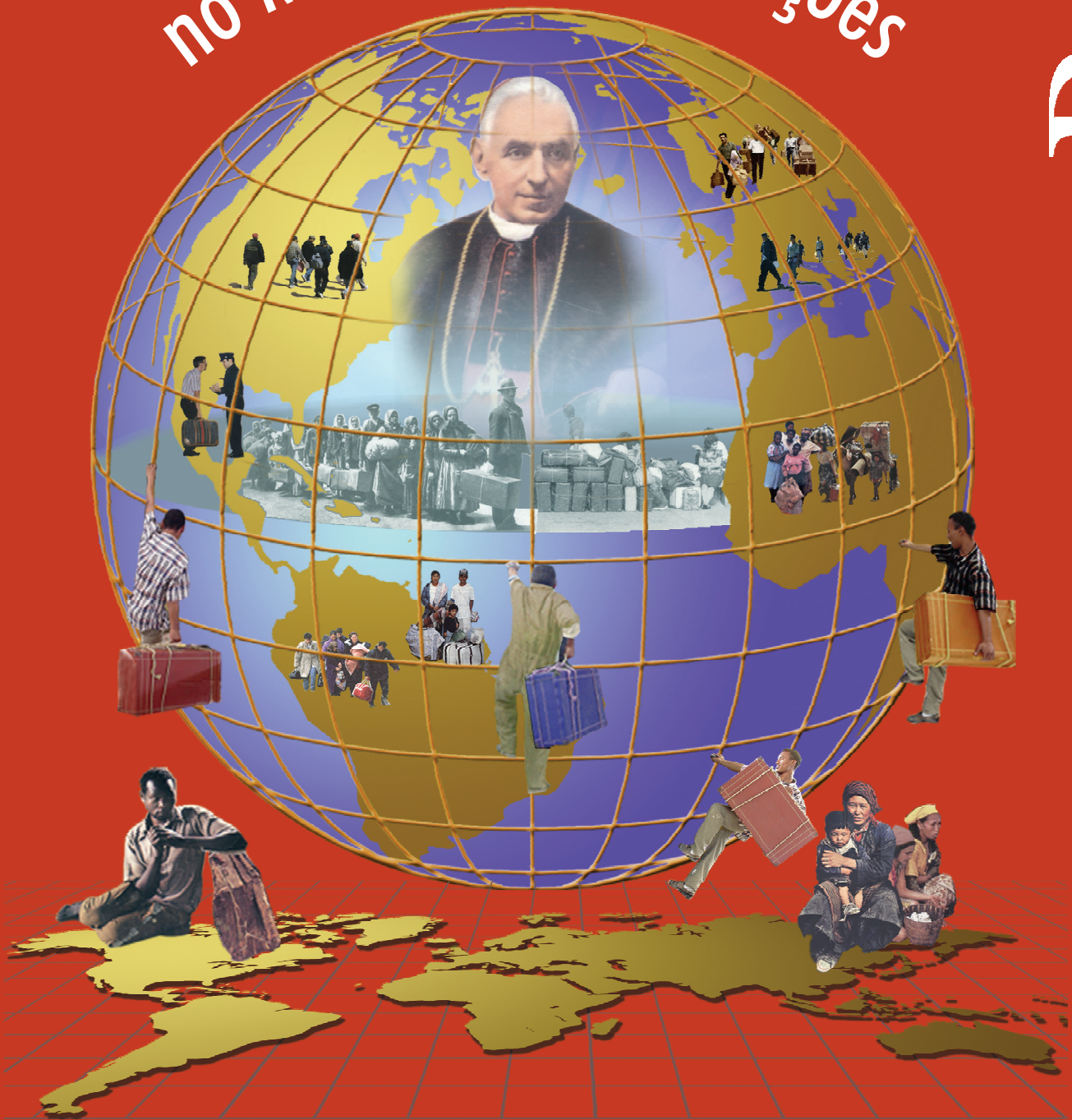
Não será este um modo para acompanhar e evangelizar o povo de Deus, que caminha na história, sobre estradas de esperanças e de confiança, num futuro que virá? Um futuro que possa ser sonhado em sua própria terra e entre sua própria gente?

Lucia Bruni (jornalista) - Voluntária Cáritas, Como, Itália



Missionárias da Esperança no Mundo das Migrações

Parte IV



O Centro Scalabriniano de Estudos Migratórios e os Centros de Estudos e Documentação Provinciais

As Irmãs Missionárias de São Carlos Borromeo, Scalabrinianas, têm como carisma o serviço evangélico e missionário junto aos migrantes e refugiados. Em sua atuação sócio-pastoral, as Irmãs MSCS são chamadas a ser presença solidária e transformadora em prol da causa das pessoas em mobilidade e da instauração e vivência da justiça do Reino de Deus.

Para que essas finalidades sejam alcançadas é mister um profundo conhecimento da realidade sócio-pastoral hodierna. Deve-se diagnosticar a doença antes de escolher e aplicar a terapia. Ainda no final do século XIX, Scalabrini almejava a criação de uma Congregação que estudasse em cada uma de suas partes, o árduo e complexo problema da migração, aproveitando-se, para isto, dos estudos antigos e modernos!

Esta tarefa tornou-se mais urgente nesta época contemporânea em que, pelas transformações decorrentes da globalização, o fenômeno migratório tornou-se mais complexo e diversificado, exigindo processos analíticos cada vez mais aprofundados. Esta é a tarefa específica, embora não exclusiva, do Centro Scalabriniano de Estudos Migratórios - CSEM e dos Centros de Estudos Migratórios provinciais CEMs, na Congregação.



Objetivos e relevância dos Centros de Estudos e Documentação

A Congregação, consciente dessa realidade, nas Constituições de 1984, traçava as finalidades dos CEMs: “A Congregação assume os Centros de Estudos como meio de convergência dos esforços de reflexão e estudo na dimensão missionária específica. Seu objetivo é conhecer melhor as situações de mobilidade humana e ser consciência do fenômeno migratório”, conforme Constituições, n. 130. Nas Ordenações, n. 83, acrescentava-se: “As irmãs que atuam nos Centros de Estudos dediquem-se à pesquisa, análise, reflexão, documentação e divulgação de conteúdos relativos aos aspectos sócio-cultural e teológico-pastoral das migrações”.

Em síntese, o trabalho dos Centros de Estudos não se limita à documentação e à produção analítica, mas inclui também, a disponibilização e a divulgação do material produzido, principalmente no meio das comunidades, dos agentes de ação sócio-pastoral e todos aqueles atores sociais sensíveis e comprometidos com a causa dos migrantes e dos refugiados.

O Centro Scalabriniano de Estudos Migratórios - CSEM

O Centro de estudos congregacional, CSEM, foi fundado aos 25 de março de 1988. Na Ata de Fundação, assinada pela então Superiora Geral, Ir. Lice Maria Signor e conselheiras gerais, aponta-se como objetivo do Centro “efetuar pesquisas e estudos finalizados ao conhecimento das reais situações da mobilidade humana e ser consciência do fenômeno migratório em suas diferentes manifestações”.

Localizado em Brasília DE, o CSEM caracteriza-se como **centro de reflexão, estudo, pesquisa, análise, documentação e divulgação** de conteúdos relativos aos aspectos sócio-cultural, teológico-pastoral e jurídico das migrações na vitalidade do carisma - serviço evangélico e missionário aos migrantes. Em suas atividades, busca fornecer elementos para uma melhor compreensão analítica da realidade migratória contemporânea a fim de otimizar o trabalho sócio-pastoral de transformação evangélica da realidade.

Entre as ações do CSEM, cabe destacar: manutenção e atualização da biblioteca, da hemeroteca e da página web; as publicações a revista Congregacional “Scalabriniane nel Mondo”, a Série Migrações, a Resenha “Migrações na Atualidade”, o Boletim Eletrônico “Mobilidade Humana”; a organização de eventos de reflexão e sensibilização; a assistência jurídica, a defesa e proteção de direitos de migrantes e refugiados; a assessoria e outros serviços externos. Muitas dessas tarefas são desenvolvidas através de redes e colaborações com outros agentes sociais sensíveis e solidários com a causa dos migrantes e refugiados, tanto no âmbito eclesial quanto extra-eclesial e em parceria com outras organizações da sociedade civil, governamentais e internacionais.

Os Centros de Estudo e Documentação das Províncias

Além do Centro Congregacional - CSEM, as Irmãs Scalabrinianas contam com outros Centros de Estudo e Documentação. Longe de ser uma fragmentação, a existência dos Centros provinciais constitui uma resposta à complexidade do fenômeno migratório contemporâneo que demanda uma descentralização e diversificação nas atividades de pesquisa e divulgação.

Na Província Imaculada Conceição, em Caxias do Sul, ainda em 1972, foi aprovada a proposta de constituição de um “Centro de Estudos Migratórios o qual teria como objetivo geral estudar o problema da migração e motivar as Irmãs para esse campo missionário”. Posteriormente, com o desenvolvimento e consolidação do trabalho, foi estabelecido o **Centro de Estudos Migratórios Imaculada Conceição - CEMIC**. Por meio de diversas atividades, o Centro busca conhecer a realidade migratória atual, encontrar meios para intervir pastoral e socialmente, e colaborar na formação carlista-scalabriniana. Dispõe de uma biblioteca e de uma hemeroteca específicas e atua no setor de publicações e da pesquisa, com ênfase na realidade migratória do Rio Grande do Sul e de forma um pouco mais ampla, do Cone Sul.

O **Centro de Estudos Migratórios Cristo Rei CEMCREI** da Província Cristo Rei, em Porto Alegre, resultou da reestruturação, em meados dos anos 80, do Centro de Ação-Sócio Pastoral Migratória visando passar de um Centro Pastoral para um Centro de caráter mais acadêmico. Atualmente, o CEMCREI objetiva “estudar, refletir e conhecer as situações da mobilidade humana, a fim de fornecer à Província e à Igreja local, subsídios para serem meios de orientação à Pastoral Migratória”. Sempre envolvido com os meios de comunicação social, o Centro realiza várias atividades de formação, sobretudo em parceria, e mantém uma biblioteca especializada que pode ser consultada no endereço www.phlnet.com.br/cemcrei

Em Cuiabá funciona o **Centro de Documentação e Estudos Migratórios CEDEMI** - da Província Maria, Mãe dos Migrantes, com a finalidade de organizar e oferecer ao público, através de sua



biblioteca e hemeroteca, uma fonte bibliográfica e documental de pesquisa e informação no campo da migração. Além das atividades de pesquisa e divulgação de conteúdos relativos aos aspectos sócio-cultural e teológico pastoral das migrações, presta serviço de orientação, promoção e encaminhamento a migrantes nacionais e estrangeiros, através do serviço de documentação.

O **Centro de Estudos Migratórios Madre Assunta - CESMI** - foi criado em 1973 como um setor do Apostolado da Província Nossa Senhora Aparecida. Funcionando em São Paulo, tem como objetivo principal favorecer aos migrantes, agentes de pastoral migratória, movimentos sociais e eclesiais e à população em geral o conhecimento, a reflexão e o aprofundamento de temas ligados ao fenômeno migratório, tanto em âmbito local, quanto nacional e mundial. Desenvolve atividades na área da formação - encontros, seminários de estudos e assessoria a escolas, grupos de leigos scalabrinianos, agentes de pastoral, voluntários e comunidades engajadas no serviço junto aos migrantes - e informação - publicação de livros, resenhas, boletins, audiovisuais e cadernos de estudo sobre temas específicos ligados à mobilidade humana.

Em Piacenza, Itália, a Província São José conta com o **Centro de Estudos e Documentação sobre as Migrações - Scalabrini - CEDOMIS**, cujo objetivo é promover o conhecimento do desafio cultural que as migrações constituem hoje para as instituições públicas, eclesiais e sociais, as agências de educação e todo cidadão, à luz da visão scalabriniana do fenômeno migratório, visando veicular uma correta imagem do migrante e do pluralismo presente na Igreja e na sociedade.

Os Centros de Estudos e Documentação da Congregação buscam firmar sua atuação de maneira articulada e integrada. Para tanto, realizam, sistematicamente, encontros de análise, debate, avaliação e replanejamento. Neste sentido, foi realizado, em 2003, o V Encontro Internacional dos Centros de Estudos e Documentação da Congregação MSCS, em cujo documento final se buscou confirmar sua função nos seguintes termos: Um Centro de Estudos Migratórios, à luz do carisma scalabriniano, em coerência com a finalidade apostólico-missionária da Congregação das Irmãs Missionárias de São Carlos Borromeo-Scalabrinianas, no âmbito do fenômeno migratório mundial. Tem a função de: **recolher** documentos alusivos à migração e à história da Congregação; **produzir** pesquisas, análises sócio-teológico-pastorais e reflexões; **disponibilizar** acervo documental e bibliográfico; **divulgar** conteúdos referentes à migração e **sensibilizar** a sociedade civil e as autoridades constituídas sobre a questão migratória; **intervir** nas instâncias de poder com vistas à formulação de políticas sociais e reconhecimento dos direitos de cidadania do migrante; **dialogar** com outras instituições, entidades e organismos, autoridades e peritos; **assessorar** eventos, seminários, instituições, cursos, formação e outros.

Mais informações sobre o CSEM e os Centros de Estudos e de Documentação podem ser encontradas no site www.csem.org.br. Almejamos que o dedicado trabalho desses centros possa contribuir para a realização do sonho do Beato Scalabrini: “todas as nações terão gerações numerosas, ricas, felizes, éticas e religiosas, as quais, mesmo conservando as características próprias de sua nacionalidade, serão estritamente unidas”.



Os Centros de Estudos e Documentação da Congregação buscam firmar sua atuação de maneira articulada e integrada.

Associação Internacional Scalabriniana: A Serviço dos Migrantes



Nasce do resultado de um intenso trabalho das Irmãs Missionárias de São Carlos Borromeo Scalabrinianas que sentiram a necessidade de criar uma *Organização Não Governamental* - ONG, propondo-se como objetivo institucional a promoção e a organização de iniciativas a favor dos migrantes e refugiados, com particular atenção às ações ligadas aos direitos humanos e à justiça social, nas situações ou regiões de baixos recursos e condições de desenvolvimento.

Constituição, Denominação e Sede

Dados os primeiros passos, em base a missão, atuação e reflexão constitui-se a "Associação Internacional Scalabriniana a Serviço dos Migrantes", denominada A.I.S.S.Mi, com sede em Roma, Via Alessandro Brisse, 27.

A A.I.S.S.Mi está ligada à atividade da Congregação das Irmãs Missionárias de São Carlos Borromeo - Scalabrinianas, se inspira nos princípios cristãos da acolhida, promoção e defesa da vida e dos direitos fundamentais de cada pessoa, principalmente dos migrantes que buscam trabalho, formação, liberdade ou outras oportunidades de vida.

É uma associação internacional para os migrantes, de coordenação, que associa atualmente os centros de atenção e de acolhida, centros de saúde, centros de formação e de educação, centros de estudos; as atividades de diversos organismos sociais e eclesiais e se configura como uma rede de ONGs, que busca seu objetivo mediante programas de desenvolvimento e de iniciativas de educação e desenvolvimento. Se caracteriza também por ser uma associação independente de qualquer vínculo de caráter político.

Como organização não governamental, busca ser um instrumento de facilitação na promoção e acesso aos direitos fundamentais da pessoa humana, assegurando o direito à vida e o acesso a todos os direitos sociais, culturais e econômicos, à saúde e à educação.

Sua missão:

- Estar a serviço da promoção e defesa dos direitos fundamentais, inalienáveis próprios de todas as pessoas;
- Conhecer as situações de mobilidade humana. Informar e sensibilizar a opinião pública da realidade migratória através de sondagens, estatísticas e divulgação de conteúdos.
- Construir uma rede de solidariedade com as associações, ONGs, voluntários, fundações, etc, que atuam no campo da Mobilidade Humana.
- Desenvolver atividades de promoção integral da pessoa do migrante, mediante projetos sociais no campo da saúde comunitária, projetos socio-educativos e de profissionalização, atuando concretamente nos centros de orientação, de documentação, de acolhida e de atenção das várias situações de Mobilidade Humana: Migrações emergentes ou pos-emergentes, tráfico humano, prófugos, "desplazados", refugiados, mulher migrante, migrações temporárias ou permanentes, direitos humanos dos migrantes, órfãos e menores de rua, mulheres e crianças refugiadas, deportados, gente de mar e turismo, acampados, sazonais, migrantes em situação de emergência.

Migrações: Lugar de Anúncio, Encontro e Diálogo, entre Religiões e Povos

O fenômeno da migração é o motivo pelo qual a Congregação foi fundada e existe. Este é o motor que dá sentido ao ser missionário da Scalabriniana que concretiza o carisma através do trabalho que desenvolve nos diversos setores da Igreja e da sociedade. A Congregação, a fim de colaborar com a Igreja e ser consciência do fenômeno da mobilidade humana, está presente em alguns pontos-chaves como: Pontifício Conselho da Pastoral para os Migrantes e Itinerantes, CELAM, Conferências Episcopais, Arquidioceses, Dioceses, ACNUR, SJR, USMI, entre outros. Estes setores envolvem pessoas comprometidas com a causa do migrante, do refugiado, indocumentado, deslocado e deportado.



A presença da Congregação é testemunho e compromisso de atenção aos sinais dos tempos, ao migrante e à sua história. É uma presença que acolhe, cuida e infunde fortaleza e esperança. É uma presença de fé e conforto. A compreensão do papel profético se faz mais vivo hoje do que nunca e, por isso, a Congregação é chamada a ser anunciadora de vida e cooperar com o melhor de si para construir o reino de Deus no mundo da mobilidade humana.

Migrações: dom para o encontro com os povos

O mundo convive com o fenômeno das migrações que não é uma realidade exclusiva dos nossos dias. O número de pessoas que migram hoje é superior ao verificado em qualquer período da história. São mais de 175 milhões de pessoas, cerca de 3% da população mundial. A cada ano, milhões de seres humanos deixam suas casas e ultrapassam as fronteiras nacionais. Os principais responsáveis pelo aumento das migrações são: a pobreza e a impossibilidade de garantir a própria subsistência e da família, a guerra, o terrorismo, os conflitos internos, a insegurança ou a perseguição resultantes da discriminação por motivos de raça, origem étnica, cor, religião, língua ou opiniões políticas. Essas populações são forçadas a partir em peregrinação, pelas circunstâncias da história e da vida. Deixam para trás suas raízes familiares e culturais e confrontam-se com um mundo estranho onde se sentem marginalizadas, incompreendidas e hostilizadas.

As imagens dramáticas de refugiados que chegam às fronteiras dos países de acolhimento com os rostos carregados de apreensão, tristeza, solidão são, infelizmente, demasiado frequentes. A sua repetição pode contribu-

ir para banalizar o problema e levar-nos à apatia e à indiferença diante da sorte dos irmãos condenados à mobilidade forçada. Trata-se de uma realidade que não pode deixar de nos questionar e desafiar. Não é uma questão que diz respeito, apenas, aos responsáveis pelas políticas de migração. Todos somos responsáveis pela vida de cada homem ou mulher, que as circunstâncias da vida colocaram em nosso caminho mesmo que se trate de um desconhecido, de um estrangeiro, de um “diferente”. A experiência demonstra que, quando uma nação tem a coragem de se abrir às migrações, ela é premiada por um crescente bem-estar, por uma firme renovação social e por um vigoroso impulso para as inefáveis metas econômicas e humanas”, conforme afirma o L'Osservatore Romano.

O migrante deve ser tratado e acolhido com dignidade

O drama dos migrantes é uma provocação e um desafio ao amor e à solidariedade. Esse grave problema da mobilidade humana exige que a Congregação estenda o olhar até abraçar as exigências da humanidade inteira e trabalhe “para o crescimento de uma cultura do acolhimento perfeita, que, tendo em conta a dignidade igual de cada pessoa e o dever de solidariedade para com os mais fracos, pretende que sejam reconhecidos a cada imigrante os direitos fundamentais.”

Num mundo dilacerado pelos problemas, é importante que a Congregação se empenhe para educar as pessoas à abertura, à solidariedade e à acolhida aos estrangeiros, a fim de que as migrações se tornem uma realidade sempre mais “significativa” para a Igreja, e todos se sintam responsáveis pelo crescimento e pela felicidade dos seres humanos. Ao mesmo tempo, deve estar atenta às necessidades da mobilidade humana, ocupando-se na reformulação dos direitos culturais e do diálogo com o outro, respeitando-o e inserindo-o numa comunidade de amor, conforme mensagem de João Paulo II, aos participantes do V Congresso Mundial para a Pastoral do Migrante e Refugiado, em 2003.

A Congregação enfrenta os desafios cotidianos que a mobilidade humana coloca no seio da Igreja e da sociedade. Abraça cotidianamente a missão na alegria e na certeza de colaborar na construção de uma sociedade nova, de partilha, acolhida, solidariedade e amor universal. Reconhece que o diálogo leva à responsabilidade de viver a comunhão na diversidade. O migrante e o refugiado devem ser inseridos na comunidade não como um perigo, ameaça ou simples vítima sem rosto, mas como pessoa que possui uma história, identidade cultural e tradições que podem enriquecer as comunidades e Igrejas que os recebem.



Leigos Missionários Scalabrinianos

Em 1986, dentre os projetos sonhados pelas Irmãs MSCS, lançava-se a proposta de alargar ainda mais a tenda congregacional, por intermédio da criação de uma Associação de Leigos que pudesse contribuir na missão aos migrantes. Após seis anos de dedicação e oração, o projeto foi aprovado na V Assembléia Geral da Congregação das Irmãs Scalabrinianas.

Assim, o grupo iniciou uma caminhada de abertura, acolhida e disposição para os encontros formativos entre Irmãs e Leigos. Essas jornadas eram realizadas nas diferentes Províncias, na busca de aprofundamento do carisma congregacional, para fortalecer a comunhão. Dessa experiência surgiram variadas propostas.

O caminho foi sendo percorrido. Sentiu-se a necessidade de um encontro maior que reunisse representantes de grupos dos Leigos Scalabrinianos juntamente com as Irmãs responsáveis pelo acompanhamento dos mesmos. Realizou-se então, em 1997, o Encontro Internacional de Leigos na Caminhada Scalabriniana, em Fátima, Portugal. Este foi um marco importante que possibilitou dar continuidade à missão dos Leigos Missionários Scalabrinianos LMS, segundo os ensinamentos de Jesus Cristo Migrante, do Fundador, o Bem-aventurado João Batista Scalabrini e dos Co-fundadores: Pe. José Marchetti e Madre Assunta. Os participantes retornaram encorajados e fortalecidos na identidade Scalabriniana. Havia definido o perfil dos LMS e aprimorado a caminhada de unidade na organização do grupo. Como resultado desse encontro, foi elaborado um documento final que passou a ser objeto de estudo.

Dois anos depois, 1999, em Caxias do Sul, RS, Brasil, realizou-se mais um encontro, do então denominado Movimento Leigo Missionário Scalabriniano. Novamente, em momentos fortes de convivência fraterna, acontecia a unidade. A partir do documento, o grupo reviu, estudou e elaborou propostas concretas para a vivência da vocação e missão em favor dos migrantes. Desta forma, eram orientados quanto à formação, expansão, divulgação e formação de agentes de pastoral. Os desafios se assemelhavam aos do Fundador: “Se demormos mais, os danos serão irreparáveis”.



Ainda no mesmo ano, uma delegação dos LMS participou da VI Assembléia Geral da Congregação das Irmãs MSCS. Era a primeira vez que isso acontecia. Foi um momento de singular importância pelo espaço concedido e aprovação oficial do Movimento. Nesta ocasião, foram estabelecidas atividades de programação geral para o movimento dos leigos, tais como: estudo das Diretrizes Gerais e Diretórios de Vida Apostólica, com proposta de nova redação e organização das equipes de coordenação dos grupos. Em 2000, em Campo Grande, MS, Brasil, esses documentos foram aprovados “ad experimentum”. Representantes do Movimento, em 2001, participaram do XI Capítulo Geral, em Roma.

O novo êxodo aconteceu na I Assembléia Geral do Movimento dos Leigos Missionários Scalabrinianos, em 2003, em Jundiaí, São Paulo, BR. Participaram 47 pessoas, dentre Leigos e Irmãs, oriundos de diversos países. Muitas manifestações, luzes, sinais de esperança e perspectivas emergiram como desafios para a vocação e missão do grupo. Nesse encontro, foram aprovadas as Diretrizes Gerais do MLMS. “O Espírito Santo que guia os destinos da Igreja estava preparando o terreno para que a semente divina pudesse, no momento oportuno, dar frutos abundantes”, como dizia São Carlos Borromeo.

Os LMS vivem e cultivam a própria fé no cotidiano, dedicando-se, no próprio trabalho e segundo as possibilidades, ao serviço dos migrantes. A ação pastoral dos LMS é diretamente ligada à obra missionária das Irmãs MSCS, segundo as diferentes realidades nas quais eles se encontram. Trata-se de um dom de participação ao carisma scalabriniano para viver com criatividade, o serviço aos migrantes, em comunhão com a Igreja local e em colaboração com a Congregação MSCS. Muitos são os desafios, os questionamentos, os afazeres, mas há uma única certeza: um só é o rebanho e um só o Pastor!



Uma Mensagem para o Centenário de Morte do Bem-aventurado Dom João Batista Scalabrini

Queridos Irmãos e Irmãs:

O ano de 2005 é um ano de graça e de grande significado para a *Família Scalabriniana*, que compreende a Congregação dos Missionários de São Carlos Scalabrinianos, a Congregação das Missionárias de São Carlos Borromeo Scalabrinianas e o Instituto das Missionárias Seculares Scalabrinianas.

Celebramos o primeiro centenário de morte do Bem-aventurado João Batista Scalabrini, nascido em Fino Mornasco (Como), em 8 de julho de 1839 e falecido em Piacenza, em 1º de junho de 1905. Exultando de gratidão a Deus, queremos comunicar-lhes a alegria deste aniversário e de um carisma que o Espírito doou à Igreja e aos migrantes, através do coração do Bem-aventurado João Batista Scalabrini. Um carisma do qual somos herdeiros, tutores e testemunhas, mas não proprietários exclusivos. Um carisma que compartilhamos com alegria com todos religiosos e leigos que se dedicam de coração ao serviço de milhões de emigrantes, refugiados e desterrados.

As intuições do Bem-aventurado J. B. Scalabrini, Bispo e Pai dos Migrantes

O Bem-aventurado João Batista Scalabrini, Bispo de Piacenza de 1876 até 1905, ano de sua morte, foi proclamado pela Igreja como Pai dos Migrantes, pela sua obra oportuna e audaciosa a favor da multidão de italianos que emigravam, sobretudo aos países do além oceano. J. B. Scalabrini intuiu a importância política, social e religiosa do fenômeno migratório para as sociedades modernas. Quando, nesse então, muitos pensavam que se tratasse apenas de um fato passageiro, ele já previu sua dimensão global e permanente. Hoje, podemos ver como suas intuições foram proféticas.

Sendo um bispo missionário preocupa-se pela sorte de muitos compatriotas, que não tinham outra escolha a não ser aquela de emigrar. Defende o direito de emigrar, e não de fazer emigrar; defende aos emigrantes, frequentemente vítimas dos *“traficantes de carne humana”*. Percorre a Itália para denunciar as causas da emigração, para sensibilizar a sociedade e a Igreja, e luta por uma lei justa. Preocupa-se, sobretudo, por salvar a fé dos migrantes, por conservar sua língua e sua cultura, e ao mesmo tempo, estimula a relação entre a Igreja e as sociedades locais.

Homem de fé, também busca nas migrações os sinais do projeto de Deus. Segundo sua visão providencial, o mundo atordoado pelas migrações é o mundo ao qual se dirige o amor do Pai, o mundo em que o Pai, pela força unificadora do Espírito, continua construindo relações de solidariedade, de justiça e de paz. Tudo isto, tendo em vista *“formar de todos os povos um só povo, de todas as famílias uma só família”*. Este era o sonho de Scalabrini.

Depois da visita aos emigrantes italianos nos Estados Unidos (1901), e no Brasil (1904), o Bem-aventurado Scalabrini sente que a Igreja está chamada a fazer sua a causa dos migrantes, sem distinção de nacionalidade, etnia e cultura, como escreve no *Memorial* enviado ao Papa Pio X. É este o testamento espiritual de João Batista Scalabrini, que ele confia à Igreja, como convite para encontrar nas migrações, uma ocasião privilegiada para manifestar principalmente a sua *“catolicidade”*.

“Enquanto o mundo se agita ofuscado por seu progresso, enquanto o homem se exalta por suas conquistas sobre a matéria... enquanto os povos caem, ressuscitam e se transformam; enquanto as raças se mesclam, estendem-se e se confundem; através do rumor de nossas máquinas, por cima deste trabalho tão febril, e das obras gigantescas que não podemos deixar de considerar, vai amadurecendo uma obra muito mais ampla, mais nobre, mais sublime: a união de todos os homens de boa vontade em Deus, mediante Jesus Cristo”.
(J. B. Scalabrini)

A atualidade do carisma scalabriniano

Como filhos e filhas de Scalabrini, nos tornamos migrantes com os migrantes, compartilhando com eles o caminho da esperança, da solidariedade e da comunhão. Somos conscientes que nosso carisma nos coloca no centro da missão, no coração mesmo da espiritualidade de comunhão da Igreja. Em consequência, nos impulsiona a promover a comunhão entre as diversidades e a reunir os filhos de Deus dispersos, especialmente os que vivem mais intensamente o drama da emigração. Trata-se de uma missão aberta em todas as dimensões, não só dirigida aos migrantes mas, ao mesmo tempo, também à sociedade e à Igreja local. Estamos convencidos de que as migrações colocam em discussão os próprios fundamentos da convivência civil e religiosa, e é um espaço de provas, propício para revelar a civilização de uma sociedade e a catolicidade da Igreja.



Os três Institutos da Família Scalabriniana

A *Congregação dos Missionários de São Carlos Scalabrinianos* é uma comunidade internacional de religiosos, irmãos e sacerdotes, fundada no dia 28 de novembro de 1887, em Piacenza, pelo Bem-aventurado João Batista Scalabrini. O mundo ao qual a Congregação está chamada a anunciar a feliz mensagem de Cristo é aquele do mundo dos migrantes, em particular, àqueles que por verdadeiras necessidades exigem um cuidado pastoral específico. Os Scalabrinianos servem aos migrantes, em âmbito espiritual e social em 29 nações dos 5 continentes, através de centros de primeira acolhida e centros culturais de formação, centros de estudos e de pesquisa, Institutos acadêmicos, jornais e programas de rádio e televisão, jardim de infância, escolas paroquiais e residências para terceira idade, casas para marinheiros, presença em organismos eclesiais para as migrações, paróquias multiétnicas e missões étnicas. O espírito que anima aos missionários em favor dos migrantes é a promoção da comunhão entre os diversos grupos de migrantes, entre os migrantes e a Igreja e as sociedades locais.

A *Congregação das Irmãs Missionárias do S. Carlos Borromeo - Scalabrinianas* foi fundada em Piacenza, Itália, em 25 de outubro de 1895. Seu fundador é o Bem-aventurado João Batista Scalabrini e tem como cofundadores os servos de Deus, Padre José Marchetti e Madre Assunta Marchetti. A Congregação possui sua Sede Geral em Roma Itália. Está constituída por seis províncias e desenvolve sua missão entre os migrantes em 25 países de quatro continentes. As Irmãs Missionárias Scalabrinianas realizam sua missão através da catequese, a educação cristã, a pastoral da saúde, a ação social e a pastoral das migrações; atuando em escolas, hospitais, orfanatos, cárceres, centros de acolhida para adultos e crianças necessitadas, residências para terceira idade, casas de formação, comunidades étnico-culturais, nas paróquias, dioceses, conferências episcopais, organismos internacionais, organizações civis, centros de promoção, centros de escuta e de acolhida para os migrantes, e em centros de estudos e de documentação. Em resposta aos desafios da mobilidade humana, e fiel ao carisma que a Igreja lhe confia, a Congregação marca presença com o testemunho de vida consagrada e o serviço evangélico e missionário aos migrantes, especialmente junto aos mais pobres e necessitados. O espírito que a anima é o da comunhão universal, porque quer tornar visível a vocação de seus membros, de reconhecer, amar e servir a Cristo na pessoa dos migrantes.

Em 25 de julho de 1961, 56 anos depois da morte do Bem-aventurado J. B. Scalabrini, reafirmando os passos de sua espiritualidade, iniciou-se em Solothurn, Suíça, o *Instituto das Missionárias Seculares Scalabrinianas*. Fundado num momento intenso de migrações, e em contexto scalabriniano, o novo carisma da *secularidade consagrada* da Família Scalabriniana obteve o reconhecimento definitivo da Igreja, na Páscoa de 1990. Vivendo em pequenas comunidades internacionais, laboratórios de novas relações, eucarísticas, as Missionárias presentes na Europa (Itália, Alemanha, Suíça) e na América Latina (Brasil e México) querem testemunhar que é possível, com o fermento do Evangelho, a acolhida e o diálogo entre as diversidades, para transformar o mundo das relações com o dom da comunhão. Sua missão, através da inserção profissional, em diversos ambientes (no campo social, cultural, pastoral, escolar, médico-hospitalar, artístico) se abre para a acolhida e estima dos migrantes e refugiados, envolvendo nos caminhos do êxodo e de uma sensibilização mais ampla, a jovens e amigos de todos lugares, culturas e religiões, que se encontram para realizar um itinerário formativo nos *Centros Internacionais J. B. Scalabrini*.

Cada um de nossos Institutos oferece sua contribuição específica. Porém, a todos nos une a paixão pelos migrantes e os refugiados, e a todos nos une o sonho de uma nova sociedade onde os espaços de pertença e participação sejam mais amplos, e aqueles de exclusão sejam eliminados, para fazer “do mundo, a pátria do homem”. A todos nos une o serviço pelo Reino, operante na história e no mundo dos migrantes.

Migrantes, refugiados e desterrados de hoje

As migrações, nesta época de globalização, já não são uma realidade conjuntural, limitada e restrita, mas um fenômeno amplo, estável e estrutural. Nas últimas décadas, o fenômeno dilatou-se dramaticamente e as dinâmicas migratórias emergem impetuosamente em todo o planeta.

Por razões demográficas, econômicas e sociais, as migrações estão destinadas a crescer: num mundo cada vez mais globalizado, no qual o movimento das pessoas faz parte da vida de cada um, o objetivo final não é aquele de obstaculizar a mobilidade, mas administrá-la melhor para atender o interesse de todos. Infelizmente, no concernente a posição dos governos, em tema de imigração, atualmente em quase um 40% dos países do mundo, adotam-se medidas restritivas para controlar as fronteiras e poder com facilidade proceder com as expulsões.

Segundo o último censo da ONU, os migrantes no mundo são cento e setenta cinco milhões e cento e noventa mil, chegando a uma incidência de 2,9% sobre a população mundial (seis trilhões e sessenta e sete milhões). Este valor duplicou-se com respeito à metade dos anos setenta.

Calcula-se, com referência ao último quinquênio, que o fluxo anual dos migrantes às regiões mais desenvolvidas foi de 2,3 milhões de pessoas. Aos migrantes, acrescentam-se também os refugiados cujo número no mundo é de dezesseis milhões, a maioria dos quais se encontram na Ásia (nove milhões) e na África (quatro milhões). Também aumentou o número das pessoas que são obrigadas a deixar suas casas e zonas de residência, sem sair dos limites nacionais “os desterrados” - assim, calcula-se que a cifra dos desterrados dentro do próprio país, seja de aproximadamente 50 milhões.

Considerando as grandes áreas, podemos dizer que 56 milhões de imigrantes vivem na Europa, 50 milhões na Ásia, 14 milhões na América do Norte, 16 milhões na África, 6 milhões na América Central e do Sul, e 6 milhões na Oceânia.

Sendo assim, os migrantes são uma categoria extremamente vulnerável, sujeitos a abusos e exploração: basta pensar no fenômeno do “tráfico”, que não exclui nem as mulheres nem as crianças, e a indústria ligada à introdução clandestina de migrantes. Por estes motivos, a ONU publicou a *Convenção Internacional dos Migrantes* para tutelar os direitos de todos os trabalhadores migrantes e de suas famílias, porém, a mesma ainda não foi ratificada pelos grandes países receptores de migrantes. O mercado internacional tem necessidade de “*mão de obra barata*”, de trabalho flexível, desprotegido e sem segurança. Porém, “*temos de insistir que os trabalhadores estrangeiros não devem ser considerados como mercadoria ou mera força de trabalho, e portanto não podem ser tratados como qualquer outro fator de produção. Cada migrante goza de direitos fundamentais inalienáveis que devem ser respeitados em cada caso*”¹. A precariedade no nível econômico, quase sempre se torna mais problemática no nível social, frequentemente, agravada por formas de intolerância e xenofobia. “*Essa precária situação de tantos estrangeiros, que deveria provocar a solidariedade de todos, causa ao contrário temores e medos em muitos, que sentem os imigrantes como um peso, os vêem como suspeitos e os consideram como um perigo e uma ameaça. Isso provoca, com frequência, manifestação de intolerância, de xenofobia e de racismo*”².

Além disso, no referente aos acontecimentos internacionais, não podemos deixar de recordar o efeito do dia 11 de setembro de 2001. Depois do ataque às torres, aumentou-se o temor ao terrorismo, de modo que os governos e partidos políticos estão aprovando leis cada vez mais restritivas para controlar as fronteiras e manter a ordem e a segurança. Na opinião pública, e não só nela, frequentemente, vincula-se a imigração à criminalidade e ao terrorismo.

Porém, esta situação também demanda por parte das instituições, uma maior consciência de que as migrações devem ser governadas em perspectiva supranacional, com uma colaboração multilateral, para todos os âmbitos, e não só no referente à segurança. Isto, também, porque as migrações são o reflexo de um desequilíbrio mundial mais profundo, que causa e origina os êxodos humanos. Trata-se de um sistema perverso que mantém áreas de subdesenvolvimento e, portanto, obriga às pessoas a irem em busca das economias mais desenvolvidas. “*O fenômeno migratório suscita uma autêntica questão ética, a qual diz respeito à busca de uma nova ordem econômica internacional para uma mais justa distribuição dos bens da terra, que contribuiria não pouco para reduzir e moderar os fluxos de uma numerosa parte das populações em dificuldade*”³.

As migrações, desafios e recursos para a sociedade e a Igreja

Ninguém pode ignorar que, atualmente, nossas sociedades estão transformando-se irreversivelmente, em sociedades multiétnicas, multiculturais e pluri-religiosas. Esta realidade, protagonizada sobretudo pelas migrações, constitui uma provocação e um recurso para a convivência social, bem como para a nova evangelização e a missão da Igreja no mundo.

¹. Pontifício Conselho de Pastoral dos Migrantes e Refugiados, *Erga Migrantes Caritas Christi*, n. 5.

². *Ibidem*, 6.

³. *Ibidem*, 8.



O Papa João Paulo II compreendeu claramente seu significado para a Igreja e para o mundo. Na *“Redemptoris Missio”* lemos: *“Entre as grandes transformações do mundo contemporâneo, as migrações produziram um novo fenômeno: os não cristãos chegam em grande número aos países de antiga tradição cristã, criando novas ocasiões de comunicação e intercâmbios culturais, esperando da Igreja o acolhimento, o diálogo, a ajuda, numa palavra, a fraternidade”* (RM 37), e também *“o serviço, a participação, o testemunho e o anúncio direto”* (RM 82). Trata-se daqueles *“mundos e novos fenômenos sociais”*, os *“areópagos”* que definem os novos âmbitos da missão *“ad gentes”*.

Como sublinhou o Papa na última mensagem por ocasião da Jornada Mundial das Migrações, os migrantes podem *“dar uma grande contribuição à construção da paz”*⁴. Percorrendo os tempos, Scalabrini semeou a esperança entre os *“filhos da miséria e do trabalho”*, vendo nos migrantes as possíveis testemunhas da comunhão, fruto do Pentecostes, onde as diferenças se harmonizam mediante o Espírito, e a caridade se faz autêntica na aceitação do outro.

“Migram as sementes nas asas dos ventos, migram as plantas de continente a continente, levadas pelas correntes das águas, migram os pássaros e os animais e, mais que todos, migra o homem, ora em forma coletiva, ora em forma isolada, mas sempre instrumento daquela Providência que preside e guia os destinos humanos, também através de catástrofes, para a meta, que é o aperfeiçoamento do homem sobre a terra e a glória de Deus nos céus. (Scalabrini 1879)”

⁴ João Paulo II, *Mensagem por ocasião do Dia Mundial dos Migrantes*, 2004.

Repensar o futuro a partir do estrangeiro

O século, recentemente iniciado, foi definido como o século do estrangeiro por excelência. Há estrangeiros que são obrigados a deixar suas terras e os grupos aos quais pertencem, por causa das perseguições ou das chamadas “limpezas étnicas”. Há estrangeiros que abandonam suas terras por causa da miséria e da fome, em busca desesperada do pão para sobreviver. São estes os pobres, os famintos e os infelizes do chamado terceiro ou quarto mundo, privados do mínimo indispensável os estrangeiros por excelência do século XXI, que chegarão às cidades da opulência de nosso ocidente, gritando seu desespero e o direito de compartilhar do seu bem-estar. Além da presença do estrangeiro refugiado ou faminto, o século recentemente iniciado, se caracterizará também pela figura do “eu” estrangeiro a si mesmo. Trata-se daquele sentimento de estranheza pelo qual a pessoa se percebe a si mesma como estrangeira, dentro da própria cultura de pertença, frente à qual deseja afirmar sua alteridade e transcendência.

Tempo do estrangeiro por excelência, de quem permanece estranho àquilo que está perto (tenha esta proximidade o rosto da língua ignorada, a terra desconhecida, os bens que faltam ou a identidade transgredida), o século recentemente iniciado tem urgência de um novo pensamento. É também um tempo oportuno e necessário, favorável e urgente, para repensar a relação com o estrangeiro, descobrindo nele já não mais a dimensão de ameaça, como historicamente vem acontecendo com frequência, mas como aquele da sacralidade como acontece, ocasionalmente. Repensar quer dizer instituir um pensamento a partir do estrangeiro, isto é, desde quem chega, onde o ser estranho não é uma ameaça que deve ser rejeitada, mas uma palavra a ser acolhida, e que uma vez acolhida, institui uma nova ética e um novo pensamento, em cujo centro se ergue não o *eu*, com suas reivindicações de satisfações e de direitos, mas o *outro*, com seu rosto que manifesta a Luz que vem do além.

Roma 21 de novembro de 2004
Solenidade de Nosso Senhor Jesus Cristo,
Rei do Universo

Pc. Isaia Birollo, cs
Superior Geral
dos Missionários de São Carlos,
Scalabrinianos

Ir. Maria do Rosário Onzi, mscs
Superiora geral
das Irmãs Missionárias de São Carlos,
Scalabrianas

Adelia Firetti, mss
Responsável Geral
das Missionárias Seculares
Scalabrianas



Se você quiser saber mais

Quem deseja saber mais sobre a Congregação das Irmãs Missionárias de São Carlos Borromeo, Scalabrinianas e sua missão, pode se comunicar através dos endereços ao lado:

SEDE GERAL

Via di Monte del Gallo, 68
00165 Roma - Italia
Tel: (0039) (06) 393 77 320 ou 393 77 330
Fax: (0039) (06) 639 0369
Web: www.scalabriniane.org
E-mail: secretariageral@hotmail.it

PROVINCIA NOSSA SENHORA APARECIDA

Praça Nami Jafet, 96
Ipiranga
04205-050 - São Paulo - SP - Brasil
Tel: (0055) (11) 6166-2900
Fax: (0055) (11) 6215 28 25

PROVINCIA IMACULADA CONCEIÇÃO

Rua Carlos Bianchini, 996
Caixa Postal, 117
95001-970 Caxias do Sul - RS - Brasil
Tel: (0055) (54) 225 2478
Fax: (0055) (54) 225 2160

PROVINCIA SAN GIUSEPPE

Piazzetta San Savino, 29
29100 Piacenza - Italia
Tel: (0039) (0523) 317 426
Fax: (0039) (0523) 338 175

OUR LADY OF FATIMA PROVINCE

1414 North 37th Avenue
Melrose Park - IL - 60160 - U.S.A
Tel: (001) (708) 343 6779
Fax: (001) (708) 343 6452

PROVINCIA CRISTO REI

Rua Castro Alves, 344
90430-130 Porto Alegre - RS - Brasil
Tel: (0055) (51) 3331 0069
Fax: (0055) (51) 3330 1701

PROVINCIA MARIA, MÃE DOS MIGRANTES

Rua Dom Orlando Chaves, 2241
Bairro Cristo Rei - Caixa Postal, 7008
78115-970 Várzea Grande - MT - Brasil
Tel: (0055) (65) 3685 2147
Fax: (0055) (65) 3685 1157

Sumário

Parte I

Memória e Contexto Histórico

Parte II

Estilo de Vida e Formação

Parte III

Missão Scalabriniana

Desafios e Esperanças no Horizonte das Migrações	9
Panorâmica Atual das Migrações Internacionais	13
Centenário da Visita Pastoral do Bem-aventurado Scalabrini ao Brasil, 1904-2004	16
Orfanato Cristóvão Colombo: Cem Anos de Amor à Vida 1904-2004	20
Madre Assunta Marchetti: Um Grande Dom à Igreja	25
Estilo Scalabriniano de Vida Consagrada	30
Formação Scalabriniana: Eterno Caminho a Percorrer	34
Educação Scalabriniana: Propulsora de Vida e Cultura	38
Pastoral da Saúde: Cuidando e Defendendo a Vida em Plenitude	40
Na Periferia das Grandes Cidades: Herança Partilhada de Esperanças	42
A Criança Migrante: O Sonho de Ontem, a Realidade de Hoje	44
Atendimento ao Migrante nos Terminais Rodoviários	46
Migração Temporária: um Caminho de Esperança	48
Brasileiros Retornados do Paraguai	50
Esperança de Vida: uma Experiência em Saúde Alternativa	52
IDE, Missionárias Velozes	55
Todo Caminho se Inicia com um Primeiro Passo	56
Presença Scalabriniana junto à Diversidade Cultural Boliviana	58
Missão Scalabriniana com os Deslocados da Violência	60
Presença de Acolhida e Solidariedade na Igreja Equatoriana	64
Missionariedade Scalabriniana	66
Fronteira Norte: Pequenos Oásis no Caminho dos Migrantes	68

Sumário

Parte III Missão Scalabriniana

Presença de Fé e Vida entre os Órfãos e a Criança Migrante	71
Manter Viva a Fé e a Esperança do Povo Haitiano e Dominicano	74
Presença Profética junto à Comunidade Filipina	76
O Ministério da Cura e do Acompanhamento do Imigrante Idoso	78
Uma Experiência de Fuga e Acolhida	80
Um Horizonte de Esperança	82
Uma Igreja Formada por Autóctones, Refugiados e Migrantes	84
Laboratório de Construção de Novos Projetos de Vida e Trabalho	86
CIMiS: Por uma Roma Acolhedora e Aberta a todas Cores e Raças	88
Educação Multiétnica	90
Companheiras de Viagem	93
Um Caminho na Conquista de um Sonho	94
Presença Scalabriniana junto aos Migrantes Jovens	96
Construindo Comunidade de Comunhão entre os Migrantes	98
Migrantes Brasileiros e Africanos	100
Novas Fronteiras do Leste Europeu	102
A Figura Scalabriniana Feminina nas Filipinas	104
Vida Nova e Compromisso Congregacional com as Pessoas em Mobilidade	106
Terra de Missão, Coragem e Generosidade	108

Parte IV Missionárias da Esperança

O Centro Scalabriniano de Estudos Migratórios e os Centros de Estudo e Documentação Provinciais	112
Associação Internacional Scalabriniana: A Serviço dos Migrantes	115
Migrações: Lugar de Anúncio, Encontro e Diálogo, entre Religiões e Povos	116
Leigos Missionários Scalabrinianos	118
Uma Mensagem para o Centenário de Morte do Bem-aventurado Dom João Batista Scalabrini	120